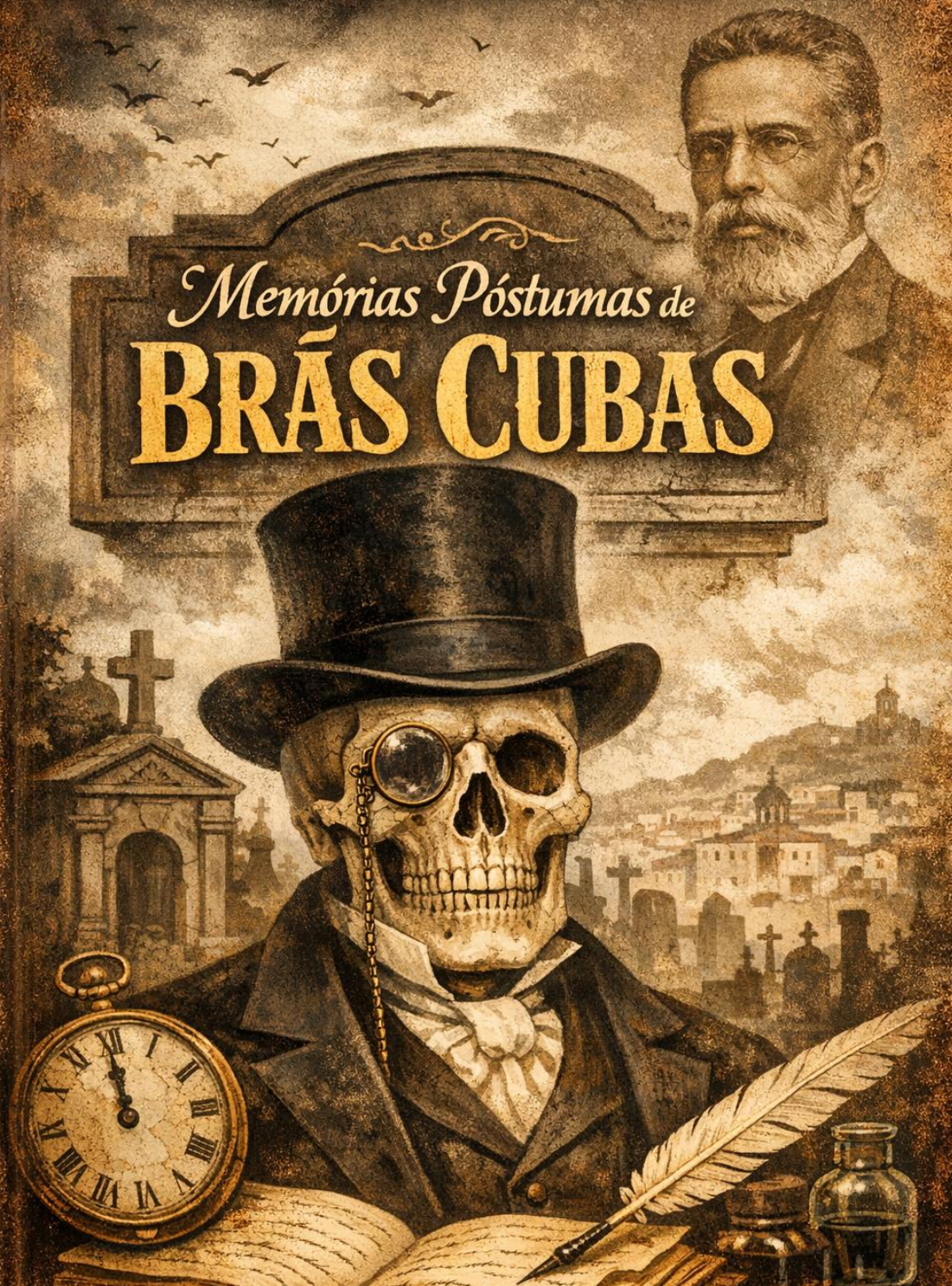


MACHADO DE ASSIS

Memórias Póstumas de
BRÃS CUBAS



MEMORIAS POSTHUMAS

DE

BRAZ CUBAS

POR

MACHADO DE ASSIS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

1881

MEMÓRIAS PÓSTUMAS

DE
BRAZ CUBAS
POR
MACHADO DE ASSIS
RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1881

OBRAS DO AUTOR

Memorias Posthumas de Braz Cubas

Helena, romance

Yayá Garcia, romance

Resurreição, romance

A mão e a luva, romance

Historias da meia noite

Contos Fluminenses

Americanas, poesias

Phalenas, poesias

Chrysalidas, poesias

Tu só, tu, puro amor, comédia

Os deuses de casaca, comédia

Desencantos, comédia

Theatro

AO LEITOR

Que, no alto do principal de seus livros, Stendhal confessasse tê-lo escrito para cem leitores — isso, sim, causa admiração e consternação. O que não admira, nem provavelmente consternará, é que este meu livro não tenha os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco.

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, embora tenha adotado a forma livre de um Sterne, de um Lamb ou de um Maistre, não sei se lhe introduzi algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia — e não é difícil prever o que pode resultar dessa combinação. Acresce que as pessoas sisudas acharão no livro certas aparências de romance puro, ao passo que as pessoas frívolas não encontrarão nele o romance a que estão habituadas. Assim, fica o livro privado da estima dos graves e do amor dos frívolos — que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas ainda espero angariar as simpatias do público, e o meio eficaz para isso é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém poucas coisas

ou as diz de maneira obscura e truncada. Consequentemente, evito contar o extraordinário processo que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas já neste outro século. Seria curioso, porém demasiado extenso, e além disso desnecessário para a compreensão da obra.

A obra, por si mesma, é tudo: se te agradar, fino leitor, dou-me por pago; se não te agradar, pago-te com um piparote — e adeus.

BRAZ CUBAS

DEDICATÓRIA

AO VERME

QUE PRIMEIRO ROEU

AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER

DEDICO

COMO SAUDOSA LEMBRANÇA

ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS

CAPÍTULO I

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim — isto é, se deveria colocar em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Embora o uso comum seja começar pelo nascimento, duas razões levaram-me a adotar um método diferente: a primeira é que não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a cova foi um segundo berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais elegante e mais novo. Moisés, que também contou a própria morte, não a colocou no início, mas no final: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha cerca de sessenta e quatro anos, fortes e prósperos; era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! É verdade que não houve cartas nem anúncios. Além disso, chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste que levou um daqueles fiéis da última hora a inserir esta

engenhosa ideia no discurso que fez à beira da minha cova:

— “Vós que o conhecestes, meus senhores, podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem de luto o azul — tudo isso é a dor crua e má que rói à natureza as suas entranhas mais íntimas; tudo isso é um sublime elogio ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do jovem príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde — e aborrecido.

Viram-me partir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras: minha irmã Sabina, casada com Cotrim; a filha, um lírio do vale; e... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Por ora, contentem-se em saber que essa anônima, embora não fosse parente, sofreu mais do que as parentes. É verdade, sofreu mais. Não digo que chorasse convulsivamente, nem que se deixasse rolar pelo chão, em ataques. Nem o meu óbito era algo altamente dramático... Um solteirão que morre aos sessenta e quatro anos não parece reunir em si todos os elementos de uma tragédia. E ainda que os reunisse, o que menos

convinha àquela anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos e a boca entreaberta, a pobre senhora mal podia acreditar na minha extinção.

— Morto! morto! — dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu levantar voo do Ilisso às costas africanas, indiferentes às ruínas e ao tempo — a imaginação dessa senhora também voou por cima dos destroços presentes até às margens de uma África juvenil... Deixem-na ir; lá iremos mais tarde, quando eu voltar aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as conversas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador afiava lá fora, à porta de um seleiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que parece; e, de certo ponto em diante, chegou a ser deliciosa. A vida estremecia no meu peito, com impulsos de vaga marinha; a consciência esvaía-se; eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo transformava-se em planta, em pedra, em lodo, em coisa nenhuma.

Morri de pneumonia; mas, se eu lhes disser que foi menos a pneumonia do que uma ideia grandiosa e útil a causa da minha morte, é possível que o leitor não acredite — e, no entanto, é verdade. Vou expor-lhe resumidamente o caso. Julgue por si mesmo.

CAPÍTULO II

O emplasto

Efetivamente, certa manhã, enquanto passeava na chácara (quinta), pendurou-se-me no cérebro uma ideia — no trapézio que ali tinha. Assim que se pendurou, começou a bracejar, a espernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de acrobata que se possa imaginar. Eu limitei-me a contemplá-la.

Subitamente, deu um grande salto, estendeu braços e pernas, tomando a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime — um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado verdadeiramente cristão. Mas, a bem da verdade, não deixei de notar aos amigos as vantagens pecuniárias que resultariam da distribuição de um produto de efeitos tão vastos e profundos.

Agora, porém, deste lado da vida, posso confessar tudo: o que mais me influía era o gosto de ver impressas

nos jornais, nos cartazes, nos folhetos, nas esquinas — e, sobretudo, nas caixinhas do remédio — estas três palavras:

EMPLASTO BRÁS CUBAS.

Para quê negá-lo? Sempre tive paixão pelo alarido, pelo cartaz, pelo foguete de lágrimas. Talvez os modestos me acusem desse defeito; mas creio que os hábeis me reconhecerão o talento — e eu era hábil.

Assim, a minha ideia tinha duas faces, como as medalhas:

- uma virada para o público — filantropia e lucro;
- outra virada para mim — sede de nomeada.

Digamos: amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só deviam cobiçar a glória eterna. Ao que replicava outro tio, oficial de infantaria dos antigos terços, que o amor da glória era o mais verdadeiramente humano dos sentimentos, a sua mais legítima feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego.

Eu volto ao emplasto.

CAPÍTULO III

Genealogia

Mas, já que falei nos meus dois tios, deixem-me traçar aqui um breve esboço genealógico.

O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se apenas tivesse exercido a tanoaria. Mas não: fez-se lavrador, plantou, colheu, trocou o seu produto por boas e honestas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Nesse rapaz é que verdadeiramente começa a série dos meus avós — dos avós que a minha família sempre confessou — porque o Damião Cubas era afinal um tanoeiro, talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, destacou-se no Estado e foi amigo particular do vice-rei, conde da Cunha.

Como o apelido Cubas cheirasse excessivamente a tanoaria, dizia meu pai, bisneto de Damião, que tal sobrenome fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha de ter arrebatado

trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou da tanoaria nas asas de um trocadilho. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pachola; mas quem não é um pouco pachola neste mundo? Convém notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação: primeiro entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, fundador da vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo deu-me o nome de Brás. Porém, opôs-se-lhe a família do capitão-mor; e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas.

Vivem ainda alguns membros de minha família — minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio do vale, que é a flor das damas do seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplasto.

CAPÍTULO IV

A ideia fixa

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituiu-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour: foi a ideia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que o Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um verdadeiro banana — ou “uma abóbora”, como lhe chamou Sêneca —, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que ambos esses conceitos eram errôneos e abstrusos, e que, dos dois Césares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi a “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrécia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Viva, pois, a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à ideia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doidos; a ideia móvel, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios — fórmula Suetônio.

Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo neste mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar; veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos.

Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século; obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual — agora austera, logo brincalhona —, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é, todavia, mais do que passatempo e menos do que apostolado.

Vamos lá; retifique o seu nariz e tornemos ao emplasto. Deixemos a história com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a Confissão de Augsburgo; pela minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwel, é só pela ideia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o Parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que, ao pé

de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela; com ela caem, e não poucas vezes lhe sobrelevam? Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo feudal; caiu este, e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã... Não, a comparação não presta.

CAPÍTULO V

Em que aparece a orelha de uma senhora

Vai-se não quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas e remontar ao céu, como uma águia imortal; e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia aziago, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o cimo de um século, e a figurar nas folhas públicas entre macróbios. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces

de uma invenção farmacêutica, tratava de coligir os elementos de uma instituição política ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence, em eficácia, o cálculo humano, e lá se ia tudo. Um sopro de ar foi, portanto, o meu grão de areia de Cromwel. Assim corre a sorte dos homens.

Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal cuja imaginação, à semelhança das cegonhas do Ilisso... Tinha então 54 anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, a vejo assomar à porta da alcova...

CAPÍTULO VI

Chimène, qui l'eût dit? — Rodrigue, qui l'eût cru?

Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante uns dez segundos, sem ânimo de entrar, ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dois anos que não nos víamos; e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as misérias; e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.

Creiam-me: o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se possa gozar deveras, porque entre uma e

outra dessas duas ilusões, melhor é a que se gosta, sem doer.

Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expulsou o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra.

Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e, porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se de alguns fios de prata.

— Anda visitando os defuntos? — disse-lhe eu.

— Ora, defuntos! — respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má-língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me de que não deixava nada.

— Que ideias essas! — interrompeu-me Virgília um tanto zangada. — Olhe que eu não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

— Jesus! São três horas. Vou-me embora.

— Já?

— Já; virei amanhã ou depois.

— Não sei se faz bem — retorqui —; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

— Sua mana?

— Há de vir cá passar uns dias, mas não pode ser antes de sábado.

Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade:

— Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô.

Nhonhô era um bacharel, único filho do seu casamento, que, na idade de cinco anos, fora cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos dois dias depois; e confesso que, ao vê-los ali, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permitiu

corresponder logo às palavras afáveis do rapaz. Virgília adivinhou-mo e disse ao filho:

— Nhonhô, não repares no nosso grande manhoso, que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.

Sorriu o filho; eu creio que também sorri; e tudo acabou em pura galhofa. Virgília estava serena e risonha, tinha o aspeto das vidas imaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espírito, uma dominação sobre si mesma, que pareciam — e talvez fossem — raras. Como tocássemos, casualmente, nuns amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados, vi-a falar com desdém e um pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga; e o filho sentia-se satisfeito ouvindo aquela palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Bufon tivesse nascido gavião...

Era o meu delírio que começava.

CAPÍTULO VII

O delírio

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação desses fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na *Suma Theologica* de S. Tomás, impressa num volume e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília, decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança, mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se — replicou o animal —, nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas; e, perguntando-lhe, visto que falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da jumenta de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a esses dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte, fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade por saber onde ficava a origem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo e, sobretudo, se valia alguma coisa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos; tudo isso, reflexões de um cérebro enfermo.

Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve e vários animais grandes e de neve.

Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

— Onde estamos?

— Já passamos o Éden.

— Bem; paremos na tenda de Abraão.

— Mas se nós caminhamos para trás! — redarguiu, motejando, a minha cavalgada.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incômodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. E depois — cogitações de enfermo — dado que chegássemos ao fim indicado, não era impossível que os séculos, irritados por lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares quanto eles.

Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar somente; nada vi além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecesse uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dir-se-ia que a vida das coisas ficara estúpida diante do homem.

Caiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher, me apareceu então, fitando-me com uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque

os contornos se perdiam no ambiente, e o que parecia espesso era muitas vezes diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava; curiosidade de delírio.

— Chamo-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das coisas externas.

— Não te assustes — disse ela —, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

— Vivo? — perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que enlouqueceste, vives; e se tua consciência recobrar um instante de sagacidade, dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabelos e levantou-me ao ar, como se fosse uma simples pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade

egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual eu me sentia o mais débil e decrépito dos seres.

— Entendeste-me? — disse ela, ao fim de algum tempo de mútua contemplação.

— Não — respondi —; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fábula. Estou sonhando, decerto, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma conceção de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar. Natureza, tu? A Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar fascina-me.

— Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, pareceu-me que era o último som que chegava aos meus ouvidos; senti como se a decomposição súbita de mim mesmo se iniciasse. Então, encarei-a com olhos súplices e pedi mais alguns anos.

— Pobre minuto! — exclamou. — Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobra tudo o que te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspetos da terra, o sono — enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver somente; não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida senão tu? E, se eu amo a vida, por que hás de golpear-te a ti mesma, matando-me?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jovial, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte; e parece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo; não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver; e, se o novilho é tenro, tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, por longo tempo e ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos e um desfilar de todos eles, todas as raças, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas.

Tal era o espetáculo — acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a ciência; porque a ciência é mais lenta, e a imaginação mais vaga; ao passo que o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos.

Para descrevê-lo seria preciso fixar o relâmpago.

Os séculos desfilavam num turbilhão e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim — flagelos e delícias — desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria; e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade.

Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba; e a enxada e a pena, húmidas de suor; e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor — e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo como um farrapo.

Eram as formas várias de um mal, que ora mordida a víscera, ora mordida o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim em torno da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos — um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível — cozidos todos a ponto precário com a agulha da imaginação; e essa figura — nada menos que a

quimera da felicidade — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral fui eu que me pus a rir — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão — disse eu —; a coisa é divertida e vale a pena — talvez monótona —, mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo e a ver os séculos que continuavam a passar — velozes e turbulentos —, as gerações que se sobrepunham às gerações, umas tristes como os hebreus do cativo, outras alegres como os devassos de Cômodo, e todas pontuais na sepultura.

Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: “Bem, os séculos vão passando; chegará o meu — e passará também — até o último, que me dará a decifração da eternidade.”

E fixei os olhos e continuei a ver as idades que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre.

Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização; e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência que perscruta e a arte que enleva; fazia-se orador, mecânico, filósofo; corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens — colaborando assim na obra misteriosa com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo.

Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente e, atrás dele, os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor — mas ao cabo tão miserável como os primeiros —, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia.

Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último — o último! — mas então a rapidez da marcha era tal que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso entraram os objetos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros se perderam no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo — menos o hipopótamo que ali me

trouxera — e que, aliás, começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato.

Era efetivamente um gato.

Encarei-o bem: era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova com uma bola de papel...

Capítulo VIII

Razão contra Sandice

Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa, e convidava a Sandice a sair, clamando — e com melhor jus — as palavras de Tartufo:

La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir.

Mas é sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lhe farão despejá-la. É sestro; não se tira daí; já muito lhe calejou a vergonha. Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações calmosas, concluiremos que essa amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal, já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão.

— Não, senhora — replicou a Razão — estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada; o

que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.

— Está bem; deixe-me ficar algum tempo mais; estou na pista de um mistério.

— Que mistério?

— De dois — emendou a Sandice — o da vida e o da morte; peço-lhe só uns dez minutos.

A Razão pôs-se a rir:

— Hás de ser sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa...

E, dizendo isso, pegou-lhe pelos pulsos e arrastou-a para fora; depois entrou e fechou-se. A Sandice ainda gemeu algumas súplicas, ainda grunhiu algumas zangas, mas desenganou-se depressa, deitou a língua de fora em ar de troça e foi andando... foi andando... Provavelmente andará até à consumação dos séculos.

Capítulo IX

Transição

E vejam agora com que destreza, com que fina arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grande pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que distraia a atenção pausada do leitor; nada. De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método.

Na verdade, era tempo. Que isto de método, sendo, como é, coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se importa com a vizinha da frente nem com o inspetor de quarteirão. É como a eloquência, que tem uma genuína e vibrante, de arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha. Vamos ao dia 20 de outubro.

Capítulo X

Naquele dia...

Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor. Nasci; recebeu-me nos braços a Pascoela, insigne parteira minhota, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira de fidalgos. Não é impossível que meu pai lhe tivesse ouvido tal declaração; creio, todavia, que foi o sentimento paterno que o induziu a gratificá-la com duas meias-dobras. Lavado e enfaixado, fui desde logo o herói da nossa casa. Cada qual prognosticava a meu respeito o que melhor lhe quadrava ao gosto.

Meu tio João, o antigo oficial de infantaria, achava-me certo olhar de Bonaparte — coisa que meu pai não conseguia ouvir sem náuseas; meu tio Ildefonso, então simples padre, farejava em mim um futuro cônego.

— Cônego é o que ele há de ser — dizia — e não digo mais para não parecer orgulho; mas não me admiraria nada se Deus o destinasse a um bispado... Sim, um bispado; não é coisa impossível. Que diz você, mano Bento?

Meu pai respondia a todos que eu seria o que Deus quisesse; e erguia-me nos braços, como se desejasse mostrar-me à cidade e ao mundo; perguntava a todos se eu me parecia com ele, se era inteligente, bonito...

Digo essas coisas por alto, segundo as ouvi narrar anos depois; ignoro a maior parte dos pormenores daquele famoso dia. Sei que a vizinhança veio ou mandou cumprimentar o recém-nascido, e que, durante as primeiras semanas, muitas foram as visitas em nossa casa. Não houve cadeirinha que não trabalhasse; aventou-se muita casaca e muito calção; e se não conto os mimos, beijos, admirações e bênçãos, é porque, se os contasse, não acabaria mais este capítulo — e é preciso acabá-lo.

Aliás, nada posso dizer acerca do meu batizado, porque nada me referiram, salvo que foi uma das mais galhardas festas do ano seguinte, 1806. Batizei-me na igreja de São Domingos, numa terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o coronel Rodrigues de Matos e sua senhora. Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte e honravam deveras o sangue que lhes corria nas veias, outrora derramado na guerra contra a Holanda. Julgo que os nomes de ambos foram das primeiras coisas que aprendi; e certamente os dizia com muita graça — ou revelava algum talento precoce — porque não havia pessoa estranha diante de quem me não obrigassem a recitá-los.

— Nhonhô, diga a estes senhores como se chama seu padrinho.

— Meu padrinho? É o coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Souza Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora Dona Maria Luíza de Macedo Rezende e Souza Rodrigues de Matos.

— É muito esperto o seu menino — comentavam os ouvintes.

— Muito esperto — concordava meu pai; e os olhos babavam-se-lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, ficava-me fitando longo tempo, namorado, cheio de si.

Item: comecei a andar, não sei bem quando, mas antes do tempo. Talvez por apressarem a natureza, obrigavam-me cedo a agarrar-me às cadeiras, pegavam-me pela fralda, davam-me carrinhos de pau.

— Só, só, nhonhô, só, só — dizia-me a mucama.

E eu, atraído pelo chocalho de lata que minha mãe agitava diante de mim, lá ia para a frente, caía aqui, caía ali; e andava, provavelmente mal, mas andava — e fiquei andando.

CAPÍTULO XI

O menino é pai do homem

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos sejam menos matreiros e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino-diabo”; e, verdadeiramente, não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos.

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel no queixo, à guisa de freio; eu trepava-lhe ao dorso, com

uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia — algumas vezes gemendo — , mas obedecia sem dizer palavra; ou, quando muito, um “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!”

Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas e muitas outras façanhas deste jaez eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e, se às vezes me repreendia à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo desdenhoso dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de

noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara e exclamava a rir: “Ah! brejeiro! ah! brejeiro!”

Sim, meu pai adorava-me, tinha-me esse amor sem mérito, que é um simples e forte impulso da carne; amor que a razão não contrasta nem rege. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era, na terra, o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta e, em partes, negativa.

Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e, por esse modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio.

Havia em minha mãe uma sombra de melancolia, que eu herdei, como herdei de meu pai a fatuidade. Os aspetos da vida acrescentaram-lhe a natural tendência. Tinha coração demais, uma sensibilidade melindrosa, exigente, doentia.

De envolta com a transmissão e a educação, houve ainda o exemplo estranho, o meio doméstico. Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem

de língua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas, reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença de que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo e, enfim, achando-lhe graça.

No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e ele gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; e aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo e redarguindo às pilhérias do tio João, e a comentá-las de quando em quando com esta palavra:

— Cruz, diabo!... Este sinhô João é o diabo!

Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior: apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da Igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha

antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos.

Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do Símbolo de Niceia; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros.

Não digo nada de minha tia materna, D. Emerenciana, e aliás era a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim; essa diferenciava-se grandemente dos outros; mas viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos. Outros parentes e alguns íntimos não merecem a pena de ser citados; não tivemos uma vida comum, mas intermitente, com grandes claros de separação. O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

Capítulo XII

Um episódio de 1814

Mas eu não quero passar adiante sem contar, sumariamente, um galante episódio de 1814; tinha nove anos.

Napoleão, quando eu nasci, já estava em pleno esplendor da glória e do poder; era imperador e conquistara inteiramente a admiração dos homens. Meu pai, que à força de persuadir os outros da nossa nobreza acabara persuadindo-se a si mesmo, nutria contra ele um ódio puramente mental. Era isso motivo de renhidas contendas em nossa casa, porque meu tio João, não sei se por espírito de classe e simpatia de ofício, perdoava no déspota o que admirava no general; meu tio padre era inflexível contra o corso; os outros parentes dividiam-se. Daí as controvérsias e as rusgas.

Chegando ao Rio de Janeiro a notícia da primeira queda de Napoleão, houve naturalmente grande alvoroço em nossa casa, mas nenhum chasco ou remoque. Os vencidos, testemunhas do regozijo público, julgaram mais decoroso o silêncio; alguns foram além e bateram palmas. A população, cordialmente alegre, não regateou

demonstrações de afeto à família real; houve iluminações, salvas, *Te Deum*, cortejo e aclamações.

Figurei nesses dias com um espadim novo, que meu padrinho me dera no dia de Santo António; e, francamente, interessava-me mais o espadim do que a queda de Bonaparte. Nunca me esqueci desse fenómeno. Nunca mais deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão. E notem que ouvi muito discurso, quando era vivo, li muita página rumorosa de grandes ideias e maiores palavras; mas não sei por quê, no fundo dos aplausos que me arrancavam da boca, ressoava alguma vez este conceito de experimentado:

— Vai-te embora; tu só cuidas do espadim.

Não se contentou a minha família em ter um quinhão anônimo no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar, que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza ou, quando menos, de seus ministros. Dito e feito. Veio abaixo toda a velha prataria herdada do meu avô Luís Cubas; vieram as toalhas da Flandres, as grandes jarras da Índia; matou-se um capado; encomendaram-se às madres da Ajuda as compotas e marmeladas; lavaram-se, arearam-se, poliram-se as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os apetrechos do luxo clássico.

Dada a hora, achou-se reunida uma sociedade seletíssima: o juiz de fora, três ou quatro oficiais

militares, alguns comerciantes e letrados, vários funcionários da administração — uns com suas mulheres e filhas, outros sem elas, mas todos comungando no desejo de atolar a memória de Bonaparte no papo de um peru. Não era um jantar, mas um *Te Deum*; foi o que, pouco mais ou menos, disse um dos letrados presentes, o Dr. Vilaça, glosador insigne, que acrescentou aos pratos da casa o acepipe das musas.

Lembro-me, como se fosse ontem, de vê-lo erguer-se, com a sua longa cabeleira de rabicho, casaca de seda, uma esmeralda no dedo, pedir a meu tio padre que repetisse o mote; e, repetido o mote, cravar os olhos na testa de uma senhora, depois tossir, alçar a mão direita, toda fechada, menos o dedo indicador apontado para o teto; e, assim posto e composto, devolver o mote glosado. Não fez uma glosa, mas três; depois jurou aos seus deuses não acabar mais. Pedia um mote, davam-lhe; glosava-o prontamente; e logo pedia outro — e mais outro; a tal ponto que uma das senhoras presentes não pôde calar a sua grande admiração.

— A senhora diz isso — retorquia modestamente o Vilaça — porque nunca ouviu o Bocage, como eu ouvi, no fim do século, em Lisboa. Aquilo sim! que facilidade! E que versos! Tivemos lutas de uma e duas horas no botequim do Nicola, a glosarmos, no meio de palmas e bravos. Imenso talento o do Bocage! Era o que me dizia, há dias, a senhora duquesa de Cadaval...

E estas três palavras últimas, expressas com muita ênfase, produziram em toda a assembleia um frémito de

admiração e pasmo. Pois esse homem tão dado, tão simples, além de disputar com poetas, conversava com duquesas! Um Bocage e uma Cadaval! Ao contato de tal homem, as damas sentiam-se superfina; os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade. Ele, entretanto, prosseguia, acumulando adjetivo sobre adjetivo, advérbio sobre advérbio, desfiando todas as rimas de tirano e de usurpador.

Era à sobremesa; ninguém já pensava em comer. No intervalo das glosas, corria um burburinho alegre, um palavrear de estômagos satisfeitos; os olhos, moles e húmidos, ou vivos e cálidos, espreguiçavam-se ou saltitavam de uma ponta a outra da mesa, atulhada de doces e frutas: aqui o abacaxi em fatias, ali o melão em talhadas, as compoteiras de cristal deixando ver o doce de coco, finamente ralado, amarelo como gema de ovo — ou então o melado escuro e grosso, não longe do queijo e do cará. De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado — riso de família — vinha quebrar a gravidade política do banquete.

No meio do interesse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haveriam de cantar ao cravo, e do minueto e do solo inglês; nem faltava a matrona que promettesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como folgara nos seus tempos de menina. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos “negros novos”, que estavam a chegar, segundo cartas de

Loanda — uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na algibeira, mas não podia lê-las ali. O que afiançava era que podíamos contar, só naquela viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.

— Trás... trás... trás... — fazia o Vilaça, batendo com as mãos, uma na outra.

O rumor cessava de súbito, como um stacato de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o glosador.

Quanto a mim, lá estava, solitário e deslembado, a namorar uma certa compota de que eu gostava. No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última; mas não era, e a sobremesa continuava intacta. Ninguém se lembrava de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira, saboreava, a goles extensos, a alegria dos convivas; mirava-se nos carnudos alegres, nos pratos, nas flores; deliciava-se com a familiaridade que se travava entre espíritos tão distantes — influxo de um bom jantar.

Eu via isso, porque arrastava os olhos da compota para ele e dele para a compota, como a pedir-lhe que me servisse; mas fazia-o em vão. Ele não via nada; via-se a si mesmo. E as glosas sucediam-se, como bátegas d'água, obrigando-me a recolher o desejo e o pedido. Tive paciência quanto pude; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce; enfim bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lhe exigisse, chamou um escravo para me servir o doce; mas era tarde. A tia Emerenciana arrancara-me da cadeira e

entregara-me a uma escrava, não obstante meus gritos e repelições.

Não foi outro o delito do glosador: retardara a compota e dera causa à minha exclusão. Tanto bastou para que eu cogitasse uma vingança — qualquer que fosse — mas grande e exemplar, algo que o tornasse ridículo. E era um homem grave, o Dr. Vilaça, medido e lento, quarenta e sete anos, casado e pai.

Não me contentava o rabo de papel nem o puxão no rabicho da cabeleira; havia de ser coisa pior. Entrei a espreitá-lo durante o resto da tarde; segui-o na chácara, onde todos desceram a passear. Vi-o conversar com D. Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, uma robusta donzona que, se não era bonita, também não era feia.

— Estou muito zangada com o senhor — dizia ela.

— Por quê?

— Porque... não sei... porque é a minha sina... às vezes creio que seria melhor morrer...

Tinham penetrado numa pequena moita; era lusco-fusco. Eu segui-os.

O Vilaça levava nos olhos umas chispas de vinho e volúpia.

— Deixe-me — disse ela.

— Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas? Sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades...

D. Eusébia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memória algum trecho literário e achou

este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas do Judeu:

— “Não chores, meu bem; não queiras que o dia amanheça com duas auroras.”

Disse isso; puxou-a para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito de leve, um beijo — o mais medroso dos beijos.

— O Dr. Vilaça deu um beijo em D. Eusébia! — bradei eu, correndo pela chácara.

Foi um estouro. A estupefação imobilizou a todos; os olhos corriam a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos e segredos; as mães arrastavam as filhas, pretextando o sereno. Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado deveras com a indiscrição; mas no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir:

— Ah, brejeiro! ah, brejeiro!

CAPÍTULO XIII

Um salto

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos.

Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, mui pouco e mui leve. Só era pesada a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compele intrare* com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos! Quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição decorada e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é a mestra

das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga.

Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho — ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.

Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta página: Ludgero Barata — um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote a chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças — umas largas calças de enfiar — ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se ele a encontrava ainda nas horas da aula, dava um pulo, circulava os olhos chamejantes, dizia-nos os últimos nomes; éramos sevandijas, capadócios, malcriados, moleques. Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com

alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas no morro do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dois peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo, o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que...

Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Fugamos sobretudo desse passado tão remoto, tão coberto, ai de mim! de cruces fúnebres. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

CAPÍTULO XIV

O primeiro beijo

Tinha dezassete anos; pungia-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se eu era uma criança com fumos de homem, se um homem com ares de menino. Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalcando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazêra e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros.

Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos. De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto,

ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes.

Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-mo ela mesma, num dia de sinceridade, porque a opinião aceita era que nascera de um letrado de Madrid, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, espingardeado, quando ela tinha apenas doze anos. *Cosas de España*. Quem quer que fosse, porém, o pai — letrado ou hortelão — a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano, morria ela de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tísico — uma pérola.

Vi-a, pela primeira vez, no Rocio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da independência, uma festa de primavera, um amanhecer da alma pública. Éramos dois rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras.

— Segue-me, disse ela ao pajem.

E eu segui-a, tão pajem como o outro, como se a ordem me fosse dada. Deixei-me ir namorado, vibrante, cheio das primeiras auras. A meio caminho, chamaram-lhe “linda Marcela”; lembrou-me que ouvira tal nome a meu tio João, e fiquei — confesso — tonto.

Três dias depois perguntou-me meu tio, em segredo, se queria ir a uma ceia de moças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela. O Xavier, com todos os seus tubérculos, presidia ao banquete noturno, em que eu pouco ou nada comi, porque só tinha olhos para a dona da casa. Que gentil que ela estava à espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres — todas de partido — e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola...

O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado — tudo isso me levou a fazer uma coisa única: à saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante e tornei a subir as escadas.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou Marcela, de pé, no patamar.

— O lenço.

Ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe as mãos, puxei-a para mim e dei-lhe um beijo.

Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que desci outra vez as escadas, veloz como um tufão, e incerto como um ébrio.

CAPÍTULO XV

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, na verdade, há dois meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Danae — três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. Não direi as traças que urdi, nem as pitas, nem as alternativas de confiança e temor, nem as esperas baldadas, nem nenhuma outra dessas coisas preliminares. Afirmo-lhes que o asno foi digno do corcel — um asno de Sancho, deveras filósofo, que me levou à casa dela no fim do citado período; apeei-me, bati-lhe na anca e mandei-o pastar.

Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foste! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu esse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor. Pois foi a

mesma coisa, leitor amigo; e se alguma vez contaste dezoito anos, deves lembrar-te que foi assim mesmo.

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! não o era de graça.

Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro, explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz, e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma coisa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último: entrei a sacar sobre a herança de meu pai, a assinar obrigações que devia resgatar um dia com usura.

— Na verdade — dizia-me Marcela, quando eu lhe levava alguma seda, alguma joia — na verdade, você quer brigar comigo... Pois isto é coisa que se faça... um presente tão caro...

E, se era joia, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor luz, a ensaiá-la em si, e a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera;

mas, protestando, derramava-se-lhe a felicidade nos olhos, e eu sentia-me feliz com vê-la assim. Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter; Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém jamais soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos.

A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todas as demais alfaías, espelhos, jarras, baixela — uma linda baixela da Índia, que lhe doara um desembargador. Baixela do diabo, deste-me grandes repelições aos nervos. Disse-o muita vez à própria dona; não lhe dissimulava o tédio que me faziam esses e outros despojos dos seus amores de antanho. Ela ouvia-me e ria, com uma expressão cândida — cândida e outra coisa que eu nesse tempo não entendia bem; mas agora, relembrando o caso, penso que era um riso misto, como devia ter a criatura que nascesse, por exemplo, de uma bruxa de Shakespeare com um serafim de Klopstock. Não sei se me explico.

E porque tinha notícia dos meus zelos tardios, parece que gostava de os açular mais. Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.

— Não lhe perdoo, se você fizer de mim essa triste ideia — concluiu, ameaçando-me com o dedo.

E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, puxou-me a si e fez

um trejeito gracioso, um momo de criança. Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afetos. Vendera muita vez as aparências, mas a realidade guardava-a para poucos.

O Duarte, por exemplo, o alferes Duarte, que ela amara deveras, dois anos antes, só a custo conseguia dar-lhe alguma coisa de valor, como me acontecia a mim; ela só lhe aceitava, sem relutância, os mimos de escasso preço, como a cruz de ouro que lhe deu, uma vez, de festas.

— Esta cruz...

Dizia isto, metendo a mão no seio e tirando uma cruz fina, de ouro, presa a uma fita azul e pendurada ao colo.

— Mas essa cruz — observei eu — não me disseste que era teu pai que...

Marcela abanou a cabeça com um ar de lástima:

— Não percebeste que era mentira, que eu dizia isso para te não molestar? Vem cá, *chiquito*, não sejas assim desconfiado comigo... Amei outro; que importa, se acabou? Um dia, quando nos separarmos...

— Não digas isso! — bradei eu.

— Tudo cessa! Um dia...

Não pôde acabar; um soluço estrangulou-lhe a voz; estendeu as mãos, tomou das minhas, conchegou-me ao seio e sussurrou-me baixo ao ouvido:

— Nunca, nunca, meu amor!

Eu agradei-lho com os olhos húmidos. No dia seguinte, levei-lhe o colar que ela havia recusado.

— Para te lembrares de mim, quando nos separarmos — disse eu.

Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. Sorriu e ficou.

Entretanto, pagava-me à farta os sacrifícios; espreitava os meus mais recônditos pensamentos; não havia desejo a que não acudisse com alma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro, uma criancice: vê-la trajar de certo modo, com tais e tais enfeites, este vestido e não aquele, ir a passeio ou outra coisa assim; e ela cedia a tudo, risonha e palreira.

— Você é das Arábias — dizia-me.

E ia pôr o vestido, a renda, os brincos, com uma obediência de encantar.

Capítulo XVI

Uma reflexão imoral

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIII, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria: vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer — assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito versada na gramática. Bons joalheiros! Que seria do amor se não fossem os vossos dices e fiados? Um terço ou um quinto do comércio universal dos corações.

Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que quero dizer. O que quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me...

Capítulo XVII

Do trapézio e outras coisas

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

— Desta vez — disse ele — vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto: — Gatuno, sim, senhor; não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara: — Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Estava furioso; mas de um furor temperado e curto. Eu ouvi-o calado, e nada opus à ordem da viagem, como de outras vezes fizera; ruminava a ideia de levar Marcela

comigo. Fui ter com ela; expus-lhe a crise e fiz-lhe a proposta. Marcela ouviu-me com os olhos no ar, sem responder logo; como eu insistisse, disse-me que ficava, que não podia ir para a Europa.

— Por que não?

— Não posso — disse ela, com ar dolente —; não posso ir respirar aqueles ares enquanto me lembrar do meu pobre pai, morto por Napoleão...

— Qual deles: o hortelão ou o advogado?

Marcela franziu a testa, cantarolou uma seguidilha entre dentes; depois queixou-se do calor e mandou vir um copo de aluá. Trouxe-lho a mucama, numa salva de prata que fazia parte dos meus onze contos. Marcela ofereceu-me polidamente o refresco; minha resposta foi dar com a mão no copo e na salva; entornou-se o líquido no regaço. A preta deu um grito; eu bradei-lhe que se fosse embora.

Ficando a sós, derramei todo o desespero do meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixara descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe muitos nomes feios, fazendo muitos gestos descompostos. Marcela deixara-se estar sentada, a estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore. Tive ímpetos de a estrangular, de ao menos humilhá-la, subjugando-a a meus pés. Ia talvez fazê-lo; mas a ação trocou-se noutra: fui eu que me atirei aos pés dela, contrito e súplice; beijei-lhos, recordei aqueles meses da nossa felicidade solitária, repeti-lhe os nomes queridos de

outro tempo, sentado no chão, com a cabeça entre os joelhos dela, apertando-lhe muito as mãos; ofegante, desvairado, pedi-lhe com lágrimas que não me desamparasse...

Marcela esteve alguns instantes a olhar para mim, calados ambos, até que, brandamente, me desviou e, com um ar enfasiado:

— Não me aborreça — disse.

Levantou-se, sacudiu o vestido ainda molhado, e caminhou para a alcova.

— Não! — bradei eu. — Não hás de entrar... Não quero...

Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se.

Saí desatinado; vagueei duas mortais horas pelos bairros mais excêntricos e desertos, onde fosse difícil dar comigo. Ia mastigando o meu desespero, com uma espécie de gula mórbida; evocava os dias, as horas, os instantes de delírio, e ora me comprazia em crer que eram eternos, que tudo aquilo era um pesadelo; ora, enganando-me a mim mesmo, tentava rejeitá-los como um fardo inútil.

Então resolvia embarcar imediatamente, para cortar a minha vida em duas metades, e deleitava-me com a ideia de que Marcela, sabendo da partida, ficaria ralada de saudades e remorsos. Que ela me amara à-toa, devia sentir alguma coisa, uma lembrança qualquer, como do alferes Duarte...

Nisto, o dente do ciúme enterrava-se-me no coração; e toda a natureza me bradava que era preciso levar Marcela comigo.

— Por força... por força... — dizia eu, ferindo o ar com uma punhada.

Enfim, tive uma ideia salvadora...

Ah! trapézio dos meus pecados, trapézio das conceções abstrusas! A ideia salvadora trabalhou nele como a do emplasto (cap. II). Era nada menos que fasciná-la, deslumbrá-la, arrastá-la. Lembrou-me pedir-lhe por um meio mais concreto do que a súplica.

Não medi as consequências; recorri a um derradeiro empréstimo; fui à Rua dos Ourives, comprei a melhor joia da cidade — três diamantes grandes, engastados num pente de marfim —, e corri à casa de Marcela.

Marcela estava reclinada numa rede, o gesto mole e cansado, uma das pernas pendentes, a ver-se-lhe o pezinho calçado de meia de seda, os cabelos soltos, derramados, o olhar quieto e sonolento.

— Vem comigo — disse eu —; arranjei recursos... temos muito dinheiro; terás tudo o que quiseres... Olha: toma.

E mostrei-lhe o pente com os diamantes. Marcela teve um leve sobressalto; a pupila rutilou como a de um gavião faminto; ela ergueu metade do corpo e, apoiada num cotovelo, olhou para o pente durante alguns instantes curtos; depois retirou os olhos; tinha-se dominado.

Então, eu lancei-lhe as mãos aos cabelos, colhi-os, enlacei-os à pressa, improvisei um toucado, sem nenhum alinhamento, e rematei-o com o pente de diamantes; recuei, tornei a aproximar-me, corriji-lhe as madeixas, abaixei-as de um lado, busquei alguma simetria naquela desordem — tudo com uma minuciosidade e um carinho de mãe.

— Pronto — disse eu.

— Doudo! — foi a sua primeira resposta.

A segunda foi puxar-me para si e pagar-me o sacrifício com um beijo — o mais ardente de todos.

Depois tirou o pente, admirou muito a matéria e o lavor, olhando a espaços para mim e abanando a cabeça com ar de repreensão:

— Ora, você!

— Vens comigo?

Marcela refletiu um instante. Não gostei da expressão com que passeava os olhos de mim para a parede, e da parede para a joia; mas toda a má impressão se desvaneceu quando ela respondeu resolutamente:

— Vou. Quando embarcas?

— Daqui a dois ou três dias.

— Vou.

Agradei-lho de joelhos. Tinha achado a minha Marcela dos primeiros dias, e disse-lho; ela sorriu e foi guardar a joia, enquanto eu descia a escada.

Capítulo XVIII

Visão do corredor

No fim da escada, ao fundo do corredor escuro, parei alguns instantes para respirar, apalpar-me, convocar as ideias dispersas, reaver-me enfim no meio de tantas sensações profundas e contrárias. Achava-me feliz. Certo é que os diamantes me corrompiam um pouco a felicidade; mas não é menos certo que uma dama bonita pode muito bem amar os gregos e os seus presentes. E depois eu confiava na minha boa Marcela; podia ter defeitos, mas amava-me...

— Um anjo! — murmurei eu, olhando para o teto do corredor.

E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, o qual chispava de cima de um nariz que era, ao mesmo tempo, o nariz de Bakbarah e o meu. Pobre namorado das Mil e Uma Noites! Vi-te ali mesmo correr atrás da mulher do vizir, ao longo da galeria, ela a acenar-te com a posse, e tu a correr, a correr, a correr, até à alameda comprida, donde saíste à rua, onde todos os correeiros te apuparam e desancaram.

Então pareceu-me que o corredor de Marcela era a alameda, e que a rua era a de Bagdá. Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada três dos correeiros — um de batina, outro de libré, outro à paisana — os quais todos três entraram no corredor, tomaram-me pelos braços, meteram-me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da libré na boleia — e lá me levaram à casa do intendente de polícia, donde fui transportado a uma galera que devia seguir para Lisboa.

Imaginem se resisti; mas toda a resistência era inútil.

Três dias depois segui barra fora, abatido e mudo. Não chorava sequer; tinha uma ideia fixa... Malditas ideias fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela.

Capítulo XIX

A bordo

Éramos onze passageiros: um homem louco, acompanhado pela mulher; dois rapazes que iam a passeio; quatro comerciantes; e dois criados. Meu pai recomendou-me a todos, começando pelo capitão do navio, que aliás tinha muito que cuidar de si, porque, além do mais, levava a mulher tísica em último grau.

Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu fúnebre projeto, ou se meu pai o pôs de sobreaviso; sei que não me tirava os olhos de cima: chamava-me para toda parte. Quando não podia estar comigo, levava-me para a mulher. A mulher ia quase sempre numa espécie de padiola rasa, a tossir muito, e a assegurar que me havia de mostrar os arredores de Lisboa. Não estava magra: estava transparente; era impossível que não morresse de uma hora para outra. O capitão fingia não crer na morte próxima, talvez para enganar-se a si mesmo. Eu não sabia nem pensava nada. Que me importava o destino de uma mulher tísica, no meio do oceano?

O mundo para mim era Marcela.

Uma noite, logo ao fim de uma semana, achei ensejo propício para morrer. Subi cauteloso, mas encontrei o capitão, que, junto à amurada, tinha os olhos fitos no horizonte.

— Algum temporal? — disse eu.

— Não — respondeu ele, estremecendo —; não. Admiro o esplendor da noite. Veja: está celestial!

O estilo desmentia a pessoa, assaz rude e aparentemente alheia a locuções rebuscadas. Fitei-o; ele pareceu saborear o meu espanto. No fim de alguns segundos, pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma ode à noite; respondi-lhe que não era poeta. O capitão rosnou alguma coisa, deu dois passos, meteu a mão no bolso, sacou um pedaço de papel amarrotado; depois, à luz de uma lanterna, leu uma ode horaciana sobre a liberdade da vida marítima. Eram versos dele.

— Que tal?

Não me lembro do que lhe disse; lembro-me que ele me apertou a mão com muita força e muitos agradecimentos; logo depois recitou-me dois sonetos; ia recitar-me outro, quando o vieram chamar da parte da mulher.

— Lá vou — disse ele.

E recitou o terceiro soneto, com pausa e amor.

Fiquei só; mas a musa do capitão varrerá-me do espírito os pensamentos maus; preferi dormir, que é um modo interino de morrer. No dia seguinte acordamos debaixo de um temporal que meteu medo a toda a gente,

menos ao louco; esse entrou a dar pulos, a dizer que a filha o mandava buscar numa berlinda; a morte da filha fora a causa da loucura.

Não, nunca me há de esquecer a figura hedionda do pobre homem, no meio do tumulto das gentes e dos uivos do furacão, a cantarolar e bailar, com os olhos a saltarem-lhe da cara, pálido, a coma hirsuta, descomposta. Às vezes parava, erguia ao ar as mãos ossudas, fazia umas cruzes com os dedos, depois um xadrez, depois umas argolas, e ria muito, desesperadamente.

A mulher não podia já cuidar dele; entregue ao terror da morte, rezava por si mesma a todos os santos do céu.

Enfim, a tempestade amainou depois de longas horas; e confesso que foi uma diversão excelente à tempestade do meu coração. Eu, que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo.

Amainado o temporal, o capitão veio perguntar-me se tivera medo, se estivera em risco, se não achara sublime o espetáculo — tudo isso com um interesse de amigo. Naturalmente, a conversa versou sobre a vida do mar; o capitão perguntou-me se eu não gostava de idílios piscatórios; eu respondi ingenuamente que não sabia o que eram.

— Vai ver — respondeu ele.

E recitou-me um poema curto, depois outro — uma égloga — e enfim cinco sonetos, com os quais rematou, nesse dia, a sua confiança literária.

No dia seguinte, antes de recitar nada, explicou-me que só por motivos graves abraçara a profissão marítima,

porque a avó queria que ele fosse padre e com efeito possuía algumas letras latinas; não chegou a ser padre, mas não deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural — e, em prova disso, recitou-me logo, de corpo presente, uma centena de versos.

Notei um fenômeno: os ademanes que ele usava eram tais que uma vez me fizeram rir; mas o capitão, quando recitava, de tal sorte olhava para dentro de si mesmo que não viu nem ouviu nada.

Os dias passavam, e as águas, e os versos; e com eles ia também passando a vida da mulher. Estava por pouco. Um dia, logo depois do almoço, disse-me o capitão que a enferma talvez não chegasse ao fim da semana.

— Já?! — Exclamei.

— Passou muito mal a noite.

Fui vê-la; achei-a, na verdade, quase moribunda, mas falando ainda de descansar em Lisboa alguns dias, antes de ir comigo a Coimbra, porque era seu propósito levar-me à Universidade. Deixei-a consternado; fui achar o marido a olhar para as vagas que vinham morrer no costado do navio, e tratei de consolá-lo; ele agradeceu-me, relatou-me a história de seus amores, elogiou a fidelidade e dedicação da mulher, lembrou os versos que lhe fizera e recitou-mos.

Nesse ponto vieram buscá-lo da parte dela; correram ambos: era uma crise. Esse e o dia seguinte foram cruéis; o terceiro, o da morte.

Fugi ao espetáculo; tinha-lhe repugnância. Meia hora depois encontrei o capitão sentado num molho de

cabos, com a cabeça nas mãos; disse-lhe alguma coisa de conforto.

— Morreu como uma santa — respondeu ele.

E, para que estas palavras não pudessem ser levadas à conta de fraqueza, ergueu-se logo, sacudiu a cabeça e fitou o horizonte, com um gesto longo e profundo: — Vamos — continuou —, entreguemo-la à cova que nunca mais se abre.

Efetivamente, poucas horas depois era o cadáver lançado ao mar, com as cerimônias do costume.

A tristeza murchara todos os rostos; o do viúvo trazia a expressão de um cabeça rijamente lascado pelo raio. Grande silêncio. A vaga abriu o ventre, acolheu o despojo, fechou-se — uma leve ruga — e a galera foi andando. Eu deixei-me estar alguns minutos à popa, com os olhos naquele ponto incerto do mar, onde ficava um de nós...

Fui dali ter com o capitão, para distraí-lo.

— Obrigado — disse ele, compreendendo a intenção. — Creia que nunca me esquecerei dos seus bons serviços. Deus é que lhos há de pagar. Pobre Leocádia! Tu te lembrarás de nós no céu.

Enxugou com a manga uma lágrima importuna; eu busquei um derivativo na poesia, que era a paixão dele. Falei-lhe dos versos que me lera e ofereci-me para imprimi-los. Os olhos do capitão animaram-se um pouco.

— Talvez aceite — disse —; mas não sei... são bem frouxos versos.

Jurei-lhe que não; pedi que os reunisse e mos desse antes do desembarque.

— Pobre Leocádia! — murmurou ele, sem responder ao pedido. — Um cadáver... o mar... o céu... o navio...

No dia seguinte veio ler-me um epicédio composto de fresco, em que estavam memoradas as circunstâncias da morte e da sepultura da mulher. Leu-mo com voz deveras comovida e mão trêmula; no fim perguntou-me se os versos eram dignos do tesouro que perdera.

— São — disse eu.

— Não haverá estro — ponderou ele, ao fim de um instante —, mas ninguém me negará sentimento, se não é que o próprio sentimento prejudicou a perfeição...

— Não me parece; acho os versos perfeitos.

— Sim, eu creio que...

Versos de marujo.

— De marujo poeta.

Ele levantou os ombros, olhou para o papel e tornou a recitar a composição, mas já então sem tremuras, acentuando as intenções literárias, dando relevo às imagens e melodia aos versos. No fim, confessou que era a sua obra mais acabada; eu disse-lhe que sim. Ele apertou-me muito a mão e predisse-me um grande futuro.

Capítulo XX

Bacharelei-me

Um grande futuro! Enquanto essa palavra me batia aos ouvidos, devolvia eu os olhos, ao longe, no horizonte misterioso e vago. Uma ideia expulsava outra, e a ambição desmontava Marcela.

Um grande futuro?

Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo — bispo que fosse —, uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo e desvendou a pupila fulva e penetrante.

Adeus, amores; adeus, Marcela; dias de delírio, joias sem preço, vida sem regime — adeus! Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira idade.

E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas, e não sei se profundas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da

lei; uma bela festa, que me encheu de orgulho e de saudades — principalmente de saudades.

Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso.

Explico-me:

o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade.

Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora, assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver — de prolongar a Universidade pela vida adiante...

Capítulo XXI

O almocreve

Vai então: empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, ele deu dois corcovos, depois mais três, enfim mais um, que me sacudiu fora da sela, e com tal desastre que o pé esquerdo me ficou preso no estribo. Tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada fora. Digo mal: tentou disparar, e efetivamente deu dois saltos; mas um almocreve, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvencilhei-me do estribo e pus-me de pé.

— Olhe do que vosmecê escapou — disse o almocreve.

E era verdade; se o jumento corre por ali fora, contundia-me deveras, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre: cabeça partida, uma congestão, qualquer transtorno cá dentro; e lá se me ia a bacharelíce em flor. O almocreve salvara-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! Enquanto eu tornava à

consciência de mim mesmo, ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte.

Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida — essa era inestimável —, mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito: dou-lhe as três moedas.

— Pronto — disse ele, apresentando-me a rédea da cavalgadura.

— Daqui a nada — respondi —; deixa-me, que ainda não estou em mim...

— Ora qual!

— Pois não é certo que ia morrendo?

— Se o jumento corre por aí fora, é possível; mas, com a ajuda do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremecimentos de alegria. Examinei-lhe a roupa: era um pobre diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda.

Tirei-a, vi-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu lhe tinha voltado as costas; mas suspeitou-o talvez. Entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que

tomasse juízo, que o “senhor doutor” podia castigá-lo; um monólogo paternal.

Valha-me Deus! Até ouvi estalar um beijo: era o almocreve que lhe beijava a testa.

— Olé! — exclamei.

— Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado de prata, cavalguei o jumento e segui a trote largo, um pouco vexado — melhor direi: um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas, a algumas braças de distância, olhei para trás: o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento.

Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre: eram os vinténs que eu deveria ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado de prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude; cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar — não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre — parecia constituí-lo simples instrumento da Providência; e, de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum.

Fiquei desconsolado com essa reflexão; chamei-me pródigo; lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?) tive remorsos.

CAPÍTULO XXII

Volta ao Rio

Jumento de uma figa, cortaste-me o fio às reflexões. Já agora não digo o que pensei dali até Lisboa, nem o que fiz em Lisboa, na península e em outros lugares da Europa, da velha Europa, que nesse tempo parecia remoçar. Não, não direi que assisti às alvoradas do romantismo, que também eu fui fazer poesia efetiva no regaço da Itália; não direi coisa nenhuma. Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a substância da vida.

Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai: — “Vem”, dizia ele na última carta, “se não vieres depressa, acharás tua mãe morta!”

Esta última palavra foi para mim um golpe. Eu amava minha mãe; tinha ainda diante dos olhos as circunstâncias da última bênção que ela me dera, a bordo do navio. “Meu triste filho, nunca mais te verei”, soluçava a pobre senhora, apertando-me ao peito.

E essas palavras ressoavam-me agora como uma profecia realizada.

Note-se que eu estava em Veneza, ainda ressoante dos versos de Lord Byron; lá estava, mergulhado em pleno sonho, revivendo o pretérito, crendo-me na Sereníssima República. É verdade; uma vez aconteceu-me perguntar ao locandeiro se o doge ia a passeio nesse dia.

— “Que doge, signor mio?”

Caí em mim, mas não confessei a ilusão; disse-lhe que minha pergunta era um gênero de charada americana. Ele mostrou compreender e acrescentou que gostava muito das charadas americanas. Era um locandeiro.

Pois deixei tudo isso — o locandeiro, o doge, a Ponte dos Suspiros, a gôndola, os versos do lord, as damas do Rialto — deixei tudo e disparei como uma bala na direção do Rio de Janeiro.

Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público in-fólio, mas in-12: pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas...
principalmente vinhetas...
Não, não alonguemos o capítulo.

CAPÍTULO XXIII

Triste, mas curto

Vim; e não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era o do lugar da infância — a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos; arrepiou voo na direção da fonte original e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida.

Reparando bem, há aí um lugar-comum. Outro lugar-comum, tristemente comum, foi a consternação da família. Meu pai abraçou-me com lágrimas:

— Tua mãe não pode viver — disse-me ele.

Com efeito, não era já o reumatismo que a matava; era um câncer no estômago. A infeliz padecia de um modo cruel, porque o câncer é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é o seu ofício. Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, andava a cair de fadiga. Pobre moça! Dormia três horas por noite, nada

mais. O próprio tio João estava abatido e triste. Dona Eusébia e algumas outras senhoras lá estavam também, não menos tristes e não menos dedicadas.

— Meu filho!

A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso iluminou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto que uma caveira; a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que não nos víamos. Ajoelhado ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar; disse-mo; verificamo-lo na manhã seguinte.

Longa foi a agonia: longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de ouvir dizer; quando muito, tinha-a visto petrificada no rosto de algum cadáver que acompanhei ao cemitério, ou a ideia embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de coisas antigas: a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não-ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparato político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada — essa foi a primeira vez que pude encarar.

Não chorei; lembro-me que não chorei durante o espetáculo; tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta.

Que? Uma criatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais fizera verter uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era força que morresse assim, tratada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia?

Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano...

Triste capítulo; passemos a outro mais alegre.

CAPÍTULO XXIV

Curto, mas alegre

Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. Jamais o problema da vida e da morte me oprimira o cérebro; nunca até esse dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem...

Para lhes dizer a verdade toda, eu refletia as opiniões de um cabeleireiro que achei em Módena, o qual se distinguia por não as ter absolutamente. Era a flor dos cabeleireiros; por mais demorada que fosse a operação do toucado, não enfadava nunca; ele intercalava as penteadelas com muitos motes e pulhas, cheios de um pico, de um sabor... E não tinha outra filosofia. Nem eu.

Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim: embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a

casca, a ornamentação, que eram para o meu espírito, vaidoso e nu, o mesmo que, para o peito do selvagem, são as conchas do mar e os dentes de pessoa morta.

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaraçar os outros, embaraça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo.

Mas, na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

CAPÍTULO XXV

Na Tijuca

Ui! Lá me ia a pena a escorregar para o enfático. Sejamoss simples, como era simples a vida que levei na Tijuca, durante as primeiras semanas depois da morte de minha mãe.

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque — o Prudêncio do capítulo XI — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade. Meu pai forcejou por me torcer a resolução, mas eu é que não podia nem queria obedecer-lhe. Sabina desejava que eu fosse morar com ela algum tempo — duas semanas, ao menos; meu cunhado esteve a ponto de me levar à fina força. Era um bom rapaz este Cotrim; passara de estroina a circunspecto. Agora comerciava em gêneros de estiva, labutava de manhã até à noite, com ardor, com perseverança. De noite, sentado à janela, a encaracolar as suíças, não pensava em outra coisa. Amava a mulher e um filho que então tinha, e que lhe morreu alguns anos depois. Diziam que era avaro.

Renunciei tudo; tinha o espírito atônito. Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil. “Que bom que é estar triste e não dizer coisa nenhuma!” — Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso.

Lembra-me que estava sentado debaixo de um tamarineiro, com o livro do poeta aberto nas mãos, e o espírito ainda mais cabisbaixo do que a figura — ou *jururú*, como dizemos das galinhas tristes. Apertava ao peito a minha dor taciturna, com uma sensação única, uma coisa que poderia chamar voluptuosidade do aborrecimento. *Volúpia do aborrecimento*: decora esta expressão, leitor; guarda-a, examina-a, e se não chegares a entendê-la, podes concluir que ignoras uma das sensações mais sutis desse mundo e daquele tempo.

Às vezes caçava, outras dormia, outras lia — lia muito — outras enfim não fazia nada; deixava-me a toar de ideia em ideia, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou faminta; e as horas iam pingando uma a uma, o sol caía, as sombras da noite velavam a montanha e a cidade. Ninguém me visitava; recomendei expressamente que me deixassem só.

Um dia, dois dias, três dias, uma semana inteira passada assim, sem dizer palavra, era bastante para sacudir-me da Tijuca fora e restituir-me ao bulício. Com efeito, ao cabo de sete dias, estava farto da solidão; a dor aplacara; o espírito já se não contentava com o uso da

espingarda e dos livros, nem com a vista do arvoredor e do céu. Reagia a mocidade, era preciso viver.

Meti no baú o problema da vida e da morte, os hipocondríacos do poeta, as camisas, as meditações, as gravatas, e ia fechá-lo quando o moleque Prudêncio me disse que uma pessoa do meu conhecimento se mudara na véspera para uma casa roxa, situada a duzentos passos da nossa.

— Quem?

— Nhonhô talvez não se lembre mais de D. Eusébia...

— Lembro-me... É ela?

— Ela e a filha. Vieram ontem de manhã.

Ocorreu-me logo o episódio de 1814, e senti-me vexado; mas adverti que os acontecimentos tinham-me dado razão. Na verdade, fora impossível evitar as relações íntimas do Vilaça com a irmã do sargento-mor; antes mesmo do meu embarque, já se boquejava misteriosamente no nascimento de uma menina. Meu tio João mandou-me dizer depois que o Vilaça, ao morrer, deixara um bom legado a D. Eusébia, coisa que deu muito que falar em todo o bairro. O próprio tio João, guloso de escândalos, não tratou de outro assunto na carta, aliás de muitas folhas. Tinham-me dado razão os acontecimentos.

Ainda, porém, que ma não dessem, 1814 lá ia longe, e, com ele, a travessura, e o Vilaça, e o beijo da moita; finalmente, nenhuma relação estreita existia entre

mim e ela. Fiz comigo essa reflexão e acabei de fechar o baú.

— Nhonhô não vai visitar sinhá D. Eusébia? — perguntou-me o Prudêncio. — Foi ela quem vestiu o corpo da minha defunta senhora.

Lembrei-me de que a vira, entre outras senhoras, por ocasião da morte e do enterro; ignorava, porém, que ela houvesse prestado a minha mãe esse derradeiro obséquio. A ponderação do moleque era razoável; eu devia-lhe uma visita; determinei fazê-la imediatamente e descer.

CAPÍTULO XXVI

O autor hesita

Subitamente ouço uma voz:

— Olá, meu rapaz, isto não é vida!

Era meu pai, que chegava com duas propostas na algibeira. Sentei-me no baú e recebi-o sem alvoroço. Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-me a mão com um gesto comovido:

— Meu filho, conforma-te com a vontade de Deus.

— Já me conformei — foi a minha resposta, e beijei-lhe a mão.

Não tinha almoçado; almoçamos juntos. Nenhum de nós aludiu ao triste motivo da minha reclusão. Uma só vez falamos nisso, de passagem, quando meu pai fez recair a conversa na Regência; foi então que aludiu à carta de pêsames que um dos Regentes lhe mandara. Trazia a carta consigo, já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu-a duas vezes.

— Já lhe fui agradecer este sinal de consideração — concluiu meu pai — e acho que deves ir também...

— Eu?

— Tu; é um homem notável, faz hoje as vezes de Imperador. Demais, trago comigo uma ideia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos: um lugar de deputado e um casamento.

Meu pai disse isto com pausa, e não no mesmo tom, mas dando às palavras um jeito e disposição cujo fim era cavá-las mais profundamente no meu espírito. A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas que eu cheguei a não entendê-la bem. Meu pai não fraqueou e repetiu-a; encareceu o lugar e a noiva.

— Aceitas?

— Não entendo de política — disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou.

— Mas os ursos casam-se — replicou ele.

— Pois traga-me uma ursa. Olhe: a Ursa-Maior.

Riu-se meu pai e, depois de rir, tornou a falar sério. Era-me necessária a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular volubilidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento. Quanto à noiva, bastava que eu a visse; se a visse, iria logo pedi-la ao pai, logo, sem demora de um dia.

Experimentou assim a fascinação, depois a persuasão, depois a intimação; eu não dava resposta, afiava a ponta de um palito ou fazia bolas de miolo de pão, a sorrir ou a refletir; e, para tudo dizer, nem dócil nem rebelde à proposta. Sentia-me aturdido. Uma parte de mim mesmo dizia que sim, que uma esposa formosa

e uma posição política eram bens dignos de apreço; outra dizia que não; e a morte de minha mãe me aparecia como um exemplo da fragilidade das coisas, das afeições, da família...

— Não vou daqui sem uma resposta definitiva — disse meu pai. — De-fi-ni-ti-va! — repetiu, batendo as sílabas com o dedo.

Bebeu o último gole de café, repostou-se e entrou a falar de tudo: do Senado, da Câmara, da Regência, da restauração, do Evaristo, de um coche que pretendia comprar, da nossa casa de Mata-Cavalos... Eu deixava-me estar ao canto da mesa, a escrever desvairadamente num pedaço de papel, com uma ponta de lápis; traçava uma palavra, uma frase, um verso, um nariz, um triângulo, e repetia-os muitas vezes, sem ordem, ao acaso, assim:

arma virumque cano

arma virumque cano

arma virumque cano

arma virumque

arma virumque cano

virumque

Maquinalmente, tudo isto; e, não obstante, havia certa lógica, certa dedução; por exemplo, foi o *virumque* que me fez chegar ao nome do próprio poeta, por causa da primeira sílaba; ia a escrever *virumque* — e sai-me Virgílio; então continuei:

Vir Virgílio

Virgílio Virgílio

Virgílio

Virgílio

Meu pai, um pouco despeitado com aquela indiferença, ergueu-se, veio a mim, lançou os olhos ao papel...

— Virgílio! — exclamou. — És tu, meu rapaz; a tua noiva chama-se justamente Virgília.

CAPÍTULO XXVII

Virgília?

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...? A mesma; era justamente a senhora que, em 1869, devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações.

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezasseis anos, e era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha; não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza cheia daquele feitiço precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo para os fins secretos da criação.

Era isto Virgília: e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção — devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezasseis anos.

Tu que me lêes, se ainda fores viva quando estas páginas vierem à luz — tu que me lêes, Virgília amada — não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento nem injusto.

— Mas, dirás tu, se você não guardou na retina da memória a imagem do que fui, como é que pode assim discernir a verdade daquele tempo e exprimi-la depois de tantos anos?

Ah, indiscreta! ah, ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos.

Deixa lá dizer o Pascal que o homem é um caníço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior — e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

CAPÍTULO XXVIII

Contanto que...

— Virgília? — interrompi eu.

— Sim, senhor; é o nome da noiva. Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, desta altura, viva como um azougue, e uns olhos... filha do Dutra...

— Que Dutra?

— O Conselheiro Dutra; não conheces; uma influência política. Vamos lá; aceitas?

Não respondi logo; fitei por alguns segundos a ponta do botim; declarei depois que estava disposto a examinar as duas coisas, a candidatura e o casamento, contanto que...

— Contanto que?

— Contanto que não fique obrigado a aceitar as duas; creio que posso ser separadamente homem casado ou homem público...

— Todo homem público deve ser casado, interrompeu sentenciosamente meu pai. Mas seja como queres; estou por tudo; fico certo de que a vista fará fê. Demais, a noiva e o casamento são a mesma coisa... isto

é, não... saberás depois... Vá; aceito a dilação, contanto que...

— Contanto que?.. — interrompi eu, imitando-lhe a voz.

— Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. Olha, estou com sessenta anos, mas se fosse necessário começar vida nova, começava-a sem hesitar um só minuto.

Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios...

E foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para eu andar depressa; e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor, menos amarela e nada mórbida — o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas.

CAPÍTULO XXIX

A visita

Vencera meu pai; dispus-me a aceitar o diploma e o casamento, Virgília e a câmara dos deputados.

— As duas Virgílias, — disse ele num assomo de ternura política.

Aceitei-os; meu pai deu-me dois fortes abraços. Era o seu próprio sangue que ele, enfim, reconhecia. Rigorosamente, o filho dele acabava de desembarcar naquele instante, de rodapé de linho e mãos nos bolsos. Havia então nos olhos de meu pai alguma coisa do velho Cid; era a alma que coligira numa só flama todas as últimas centelhas.

— Desces comigo?

— Desço amanhã. Vou fazer primeiramente uma visita a D. Eusébia...

Meu pai torceu o nariz, mas não disse nada; despediu-se e desceu.

Eu, na tarde desse mesmo dia, fui visitar D. Eusébia. Achei-a a repreender um preto jardineiro, mas deixou tudo para vir falar-me, com um alvoroço, um prazer tão sincero, que me desacanhou logo. Creio que chegou a

cingir-me com o seu par de braços robustos. Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:

— Ora, o Brázinho! Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! E bonito! Qual! Você não se lembra bem de mim...

Disse-lhe que sim, que não era possível esquecer uma amiga tão familiar de nossa casa. D. Eusébia começou a falar de minha mãe, com muitas saudades, com tantas saudades, que me cativou logo, embora me entristecesse. Ela percebeu isso nos meus olhos e “torceu a rédea” da conversação; pediu-me que lhe contasse a viagem, os estudos, os namoros... Sim, os namoros também; confessou-me que era uma velha patusca.

Nisto recordei-me do episódio de 1814 — ela, o Vilaça, a moita, o beijo, o meu grito — e, estando eu a recordá-lo, ouço um ranger de porta, um farfalhar de saias, e esta palavra:

— Mamãe... mamãe...

CAPÍTULO XXX

A flor da moita

A voz e as saias pertenciam a uma mocinha morena, que se deteve à porta alguns instantes, ao ver gente estranha. Silêncio curto e constrangido. D. Eusébia quebrou-o, enfim, com resolução e franqueza:

— Vem cá, Eugénia, — disse ela —, cumprimenta o Dr. Brás Cubas, filho do Sr. Cubas; veio da Europa.

E, voltando-se para mim:

— Minha filha, Eugénia.

Eugénia, a flor da moita, mal respondeu ao gesto de cortesia que lhe fiz; olhou-me admirada e acanhada, e lentamente se aproximou da cadeira da mãe. A mãe arranjou-lhe uma das tranças do cabelo, cuja ponta se desmanchara.

— Ah, travessa! — dizia ela. — *Não imagina, doutor, o que isto é...*

E beijou-a com tão expansiva ternura que me comoveu um pouco; lembrou-me minha mãe e — direi tudo — tive umas cócegas de ser pai.

— Travessa? — disse eu. — *Pois já não está em idade própria, ao que parece.*

— Quantos lhe dá?

— Dezassete.

— Menos um.

— Dezasseis. Pois então! É uma moça.

Não pôde Eugénia encobrir a satisfação que sentia com esta minha palavra, mas emendou-se logo, e ficou como dantes: ereta, fria e muda. Na verdade, parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgaes de moça, mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuísse um pouco da graça virginal.

Depressa nos familiarizamos; a mãe fazia-lhe grandes elogios, eu escutava-os de boa sombra, e ela sorria, com os olhos fúlgidos, como se lá dentro do cérebro lhe estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante...

Digo lá dentro, porque cá fora o que esvoaçou foi uma borboleta preta, que subitamente penetrou na varanda e começou a bater as asas em derredor de D. Eusébia. D. Eusébia deu um grito, levantou-se, praguejou umas palavras soltas:

— Te esconjuro!... Sai, diabo!... Virgem Nossa Senhora...!

— Não tenha medo, — disse eu —; e, tirando o lenço, expeli a borboleta.

D. Eusébia sentou-se outra vez, ofegante, um pouco envergonhada; a filha, talvez pálida de susto, dissimulava a impressão com muita força de vontade.

Apertei-lhes a mão e saí, a rir comigo da superstição das duas mulheres: um riso filosófico, desinteressado, superior.

De tarde, vi passar a cavalo a filha de D. Eusébia, seguida de um pagem; fez-me um cumprimento com a ponta do chicote — e confesso que me lisonjeei com a ideia de que, alguns passos adiante, ela voltaria a cabeça para trás.

Mas não voltou.

CAPÍTULO XXXI

A borboleta preta

No dia seguinte, como eu estivesse a preparar-me para descer, entrou no meu quarto uma borboleta tão negra como a outra, e muito maior do que ela. Lembrou-me o caso da véspera, e ri-me; entrei logo a pensar na filha de D. Eusébia, no susto que tivera e na dignidade que, apesar dele, soube conservar. A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a; ela foi pousar na vidraça; e, porque eu a sacudisse de novo, saiu dali e veio parar em cima de um velho retrato de meu pai.

Era negra como a noite; e o gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha um certo ar escarninho, uma espécie de ironia mefistofélica, que me aborreceu muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas, tornando lá minutos depois e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati-lhe, e ela caiu.

Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoral da janela. Era tarde; a

infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

— Também, por que diabo não era ela azul? — disse eu comigo.

E esta reflexão — uma das mais profundas que se têm feito desde a invenção das borboletas — consolou-me do malefício e me reconciliou comigo mesmo.

Deixei-me estar a contemplar o cadáver, com alguma simpatia, confesso. Imaginei que ela saíra do mato, almoçada e feliz. A manhã era linda. Veio por ali fora, modesta e negra, espairecendo as suas borboletices sob a vasta cúpula de um céu azul, que é sempre azul para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo e viu que eu me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal.

Então disse consigo:

“Este é provavelmente o inventor das borboletas.”

A ideia subjugou-a, aterrou-a; mas o medo, que é também sugestivo, insinuou-lhe que o melhor modo de agradar ao seu criador era beijá-lo na testa; e ela beijou-me na testa.

Quando, enxotada por mim, foi pousar na vidraça, viu dali o retrato de meu pai, e não é impossível que descobrisse meia-verdade, a saber: que estava ali o pai

do inventor das borboletas. E voou a pedir-lhe misericórdia.

Pois um golpe de toalha rematou a aventura. Não lhe valeu a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes, contra uma toalha de rosto, dois palmos de linho cru. Vejam como é bom ser superior às borboletas!

Porque, é justo dizê-lo: se ela fosse azul, ou cor-de-laranja, não teria mais segura a vida; não era impossível que eu a atravessasse com um alfinete, para recreio dos olhos. Não era.

Esta última ideia restituiu-me a consolação; uni o dedo grande ao polegar, despedi um piparote, e o cadáver caiu no jardim. Era tempo; aí vinham já as providas formigas...

Não, volto à primeira ideia: creio que para ela era melhor ter nascido azul.

CAPÍTULO XXXII

Coxa de nascença

Fui dali acabar os preparativos da viagem. Já agora não me demoro mais. Desço imediatamente; desço, ainda que algum leitor circunspecto me detenha para perguntar se o capítulo passado é apenas uma sensaboria ou se chega a empulhação... Ai de mim! Não contava com D. Eusébia. Estava pronto quando ela entrou pela casa adentro. Vinha convidar-me para transferir a descida e ir lá jantar nesse dia. Cheguei a recusar; mas instou tanto, tanto, tanto, que não pude deixar de aceitar; além disso, era-lhe devida aquela compensação. Fui.

Eugénia desataviou-se nesse dia por minha causa. Creio que foi por minha causa — se é que não andava muitas vezes assim. Nem as bichas de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas — duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas; nem sombra de pulseira.

Era isso no corpo; não era outra coisa no espírito. Ideias claras, maneiras simples, certa graça natural, ar de senhora — e não sei se alguma outra coisa... Sim: a boca, exatamente a boca da mãe, a qual me lembrava o episódio de 1814 e me dava ímpetos de glosar o mesmo mote à filha...

— Agora vou mostrar-lhe a chácara — disse a mãe, logo que esgotamos o último gole de café.

Sáimos à varanda, dali à chácara; e foi então que notei uma circunstância. Eugénia coxeava um pouco, tão pouco, que cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé. A mãe calou-se; a filha respondeu sem titubear:

— Não, senhor, sou coxa de nascença.

Mandei-me a todos os diabos; chamei-me desastrado, grosseirão. Com efeito, a simples possibilidade de ser coxa era bastante para me não atrever a perguntar nada. Então lembrei-me que, da primeira vez que a vi — na véspera — a moça chegara lentamente à cadeira da mãe, e que, naquele dia, já a achei à mesa de jantar. Talvez fosse para encobrir o defeito; mas por que razão o confessava agora? Olhei para ela e reparei que ia triste.

Tratei de apagar os vestígios do meu desaso — não me foi difícil, porque a mãe era, como confessara, uma velha patusca, e prontamente travou conversa comigo. Vimos toda a chácara — árvores, flores, tanque de patos, tanque de lavar, uma infinidade de coisas que ela me ia mostrando e comentando — ao passo que eu, de soslaio, perscrutava os olhos de Eugénia...

Palavra que o olhar de Eugénia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e tranquilos. Creio que duas ou três vezes baixaram eles ao chão, um pouco turvados; mas duas ou três somente. Em geral, fitavam-me com franqueza, sem temeridade e sem denguiçes.

CAPÍTULO XXXIII

Bem-aventurados os que não descem

O pior é que ela era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril — e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é, às vezes, um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite; e não atinava com a solução do enigma. O melhor que há, quando não se resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que fiz: lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir.

Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo.

Amanheceu chovendo; transferi a descida. Mas no outro dia a manhã estava límpida e azul — e, apesar disso, deixei-me ficar. Não menos no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhãs bonitas, frescas, convidativas; lá em baixo a família a chamar-me, e a

noiva, e o parlamento — e eu sem acudir a coisa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus manca.

“Enlevado” é uma maneira de falar, para dar realce ao estilo; não havia enlevo, mas gosto, uma certa satisfação física e moral. Queria-lhe, é verdade; ao pé daquela criatura tão singela, filha espúria e coxa, feita de amor e desprezo, ao pé dela sentia-me bem; e ela, creio que ainda se sentia melhor ao pé de mim. E isto na Tijuca. Uma simples égloga.

D. Eusébia vigiava-nos, mas pouco; temperava a necessidade com a conveniência; e a filha, nessa primeira explosão da natureza, entregava-me a alma em flor.

— O senhor desce amanhã? — disse-me ela no sábado.

— Pretendo.

— Não desça.

Não desci; e acrescentei um versículo ao Evangelho: “Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das damas.”

Com efeito, foi no domingo esse primeiro beijo de Eugénia — o primeiro que nenhum outro varão jamais lhe tomara — e não furtado ou arrebatado, mas candidamente entregue, como um devedor honesto paga uma dívida.

Pobre Eugénia! Se tu soubesses que ideias me vagavam pela mente fora naquela ocasião! Tu, trêmula de comoção, com os braços nos meus ombros, a contemplar em mim o teu bem-vindo esposo; e eu com

os olhos em 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem...

D. Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão súbita que nos apanhasse ao pé um do outro. Eu fui até a janela; Eugénia sentou-se a consertar uma das tranças. Que dissimulação graciosa! Que arte infinita e delicada! Que tartufice profunda! E tudo isso natural, vivo, não estudado — natural como o apetite, natural como o sono.

Tanto melhor! D. Eusébia não suspeitou de nada.

CAPÍTULO XXXIV

A uma alma sensível

Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me leem, uma alma sensível que está decerto um pouquinho agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugénia e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico.

Eu, cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta injúria merecia ser lavada com sangue — se o sangue lavasse alguma coisa neste mundo.

Não, alma sensível, eu não sou cínico — *eu fui homem*. Meu cérebro foi um tablado onde se deram peças de todo gênero: o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louça, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonarias — um pandemônio, alma sensível, uma barafunda de coisas e pessoas em que podias ver tudo, desde a rosa de Esmirna até a arruda do teu quintal, desde o magnífico leito de Cleópatra até o recanto da praia em que o mendigo tiritava o seu sono.

Cruzavam-se nele pensamentos de toda casta e feição. Não havia ali só a atmosfera da águia e do beija-flor; havia também a da lesma e do sapo.

Retira, pois, a expressão, alma sensível. Castiga os nervos, limpa os óculos — que isso às vezes é dos óculos — e acabemos de uma vez com esta flor da moita.

CAPÍTULO XXXV

O caminho de Damasco

Ora, aconteceu que, oito dias depois, como eu estivesse no caminho de Damasco, ouvi uma voz misteriosa que me sussurrou as palavras da Escritura (Atos, IX, 7):
“Levanta-te e entra na cidade.”

Essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura da pequena, e o terror de vir a amar deveras, e desposá-la. Uma mulher coxa! Quanto a este motivo da minha descida, não há duvidar que ela o achou e mo disse.

Foi na varanda, na tarde de uma segunda-feira, ao anunciar-lhe que na manhã seguinte iria para baixo.

— Adeus — suspirou ela, estendendo-me a mão com simplicidade — faz bem.

E como eu nada dissesse, continuou:

— Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo.

Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei-a a poucos passos, e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado

a descer, mas que não deixava de lhe querer, e muito; tudo hipócratas frias, que ela escutou sem dizer nada.

— Acreditas-me? — perguntei eu no fim.

— Não; e digo-lhe que faz bem.

Quis retê-la, mas o olhar que me lançou não foi já de súplica, senão de império.

Eu desci da Tijuca, na manhã seguinte, um pouco amargurado, outro pouco satisfeito; e vinha dizendo a mim mesmo que era justo obedecer a meu pai, que era conveniente abraçar a carreira política... que a Constituição... que a minha noiva... que o meu cavalo...

CAPÍTULO XXXVI

A propósito de botas

Meu pai, que não me esperava, abraçou-me cheio de ternura e agradecimento.

— Agora é deveras? — disse ele. — Posso enfim...?

Deixei-o nessa reticência, e fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga e deitei-me a fio comprido, enquanto os pés — e todo eu atrás deles — entrávamos numa relativa bem-aventurança.

Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro.

Enquanto esta ideia me trabalhava no famoso trapézio, lançava eu os olhos para a Tijuca e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, e sentia que o meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas. E descalçou-as, o lascivo.

Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, inefável e incoercível momento de gozo que sucede a

uma dor pungente, a uma preocupação, a um incômodo...
Daqui inferi que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre.

Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

Tu, minha Eugénia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem...

O que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século. Quem sabe? Talvez um comparsa de menos fizesse patear a tragédia humana.

CAPÍTULO XXXVII

Enfim

Enfim! Eis aqui Virgília. Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra, perguntei a meu pai se havia algum ajuste prévio de casamento.

— Nenhum ajuste. Há tempos, conversando com ele a teu respeito, confessei-lhe o desejo que tinha de te ver deputado; e de tal modo falei, que ele prometeu fazer alguma coisa, e creio que o fará. Quanto à noiva, é o nome que dou a uma creaturinha que é uma joia, uma flor, uma estrela, uma coisa rara... é a filha dele; imaginei que, se casasses com ela, mais depressa serias deputado.

— Só isto?

— Só isto.

Fomos dali à casa do Dutra. Era uma pérola esse homem: risonho, jovial, patriota, um pouco irritado com os males públicos, mas não desesperando de os curar depressa. Achou que a minha candidatura era legítima; convinha, porém, esperar alguns meses. E logo me apresentou à mulher — uma estimável senhora — e à filha, que não desmentiu em nada o panegírico de meu pai. Juro-vos que em nada. Relêde o capítulo XXVIII.

Eu, que levava ideias a respeito da pequena, fitei-a de certo modo; ela, que não sei se as tinha, não me fitou de modo diferente; e o nosso olhar primeiro foi pura e simplesmente conjugal.

No fim de um mês, estávamos íntimos.

CAPÍTULO XXXVIII

A quarta edição

— Venha cá jantar amanhã — disse-me o Dutra uma noite.

Aceitei o convite. No dia seguinte, mandei que a sege me esperasse no largo de São Francisco de Paula, e fui dar várias voltas.

Lembra-vos ainda a minha teoria das edições humanas? Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição, revista e emendada, mas ainda inçada de descuidos e barbarismos; defeito que, aliás, achava alguma compensação no tipo, que era elegante, e na encadernação, que era luxuosa.

Dadas as voltas, ao passar pela rua dos Ourives, consulto o relógio e cai-me o vidro na calçada. Entro na primeira loja que tinha à mão: era um cubículo — pouco mais — empoeirado e escuro.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo à primeira vista; mas, logo que se destacava, era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário,

via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças.

As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnações, declives e aclives, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão singular e repugnante, que mudou, entretanto, logo que comecei a falar.

Quanto ao cabelo, penteado ao desdém, estava ruço e quase tão poeirento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhe um diamante.

Crê-lo-eis, pósteros? Essa mulher era Marcela.

Não a reconheci logo; era difícil. Ela, porém, conheceu-me apenas lhe dirigi a palavra. Os olhos chispavam e trocaram a expressão usual por outra, meia doce e meia triste. Vi-lhe um movimento como para esconder-se ou fugir; era o instinto da vaidade, que não durou mais de um instante. Marcela acomodou-se e sorriu.

— Quer comprar alguma coisa? — disse ela, estendendo-me a mão.

Não respondi nada. Marcela compreendeu a causa do meu silêncio (não era difícil), e só hesitou, creio eu, em decidir o que dominava mais: se o assombro do presente, se a memória do passado.

Deu-me uma cadeira e, com o balcão pelo meio, falou-me longamente de si, da vida que levava, das lágrimas que eu lhe fizera verter, das saudades, dos

desastres, enfim das bexigas, que lhe escalavraram o rosto, e do tempo, que ajudou a moléstia, adiantando-lhe a decadência. Verdade é que tinha a alma decrépita.

Vendera tudo, quase tudo; um homem, que a amara outrora e lhe morreu nos braços, deixara-lhe aquela loja de ourivesaria; mas, para que a desgraça fosse completa, era agora pouco buscada a loja — talvez pela singularidade de a dirigir uma mulher.

Em seguida pediu-me que lhe contasse a minha vida. Gastei pouco tempo em dizê-la; não era longa, nem interessante.

— Casou? — disse Marcela no fim da narração.

— Ainda não — respondi secamente.

Marcela lançou os olhos para a rua, com a atonia de quem reflete ou relembra; eu deixei-me ir então ao passado e, no meio das recordações e saudades, perguntei a mim mesmo por que motivo fizera tanto desatino. Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza daquele tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios?

Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo, os olhos me contavam que, já outrora como hoje, ardia neles a flama da cobiça. Os meus é que não souberam vê-la; eram olhos da primeira edição.

— Mas por que entrou aqui? Viu-me da rua? — perguntou ela, saindo daquele torpor.

— Não; supunha entrar numa casa de relojoeiro; queria comprar um vidro para este relógio. Vou a outra parte; desculpe-me; tenho pressa.

Marcela suspirou com tristeza. Eu sentia-me pungido e aborrecido ao mesmo tempo, e ansiava por me ver fora daquela casa. Marcela, entretanto, chamou um moleque, deu-lhe o relógio e, apesar da minha oposição, mandou-o a uma loja na vizinhança comprar o vidro.

Não havia remédio; sentei-me outra vez.

Disse-me então que desejava ter a proteção dos conhecidos de outro tempo; ponderou que, mais cedo ou mais tarde, era natural que eu me casasse, e afiançou que me daria finas joias por preços baratos. Não disse “preços baratos”, mas usou uma metáfora delicada e transparente.

Entrei a desconfiar que não padecera nenhum desastre (salvo a moléstia), que tinha o dinheiro a bom recado, e que negociava com o único fim de acudir à paixão do lucro, que era o verme roedor daquela existência; foi isso mesmo que me disseram depois.

CAPÍTULO XXXIX

O vizinho

Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

— Como passou de hoje de manhã? — disse ele a Marcela.

— Assim, assim. Vem cá, Maricota.

O sujeito levantou a criança pelos braços e passou-a para dentro do balcão.

— Anda — disse ele — pergunta a D. Marcela como passou a noite. Estava ansiosa por vir cá, mas a mãe não tinha podido vesti-la... Então, Maricota? Toma a bênção... Olha a vara de marmelo! Assim... Não imagina o que ela é lá em casa; fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?

— Não, diga não, papai.

— Então foi alguma coisa feia? — perguntou Marcela, batendo de leve na cara da menina.

— Eu lhe digo. A mãe ensina-lhe a rezar todas as noites um padre-nosso e uma ave-maria, oferecidos a

Nossa Senhora; mas a pequena ontem veio pedir-me com voz muito humilde... imagine o quê?... que queria oferecê-los a Santa Marcela.

— Coitadinha! — disse Marcela, beijando-a.

— É um namoro, uma paixão, como a senhora não imagina... A mãe diz que é feitiço...

Contou mais algumas coisas o sujeito, todas muito agradáveis, até que saiu levando a menina, não sem deitar-me um olhar interrogativo ou suspeito.

Perguntei a Marcela quem era ele.

— É um relojoeiro da vizinhança, um bom homem; a mulher também; e a filha é galante, não? Parecem gostar muito de mim... é boa gente.

Ao proferir estas palavras, havia um tremor de alegria na voz de Marcela; e no rosto como que se lhe espalhou uma onda de ventura...

CAPÍTULO XL

Na sege

Nisto entrou o moleque trazendo o relógio com o vidro novo. Era tempo; já me custava estar ali. Dei uma moedinha de prata ao moleque; disse a Marcela que voltaria em outra ocasião, e saí a passo largo. Para dizer tudo, devo confessar que o coração me batia um pouco; mas era uma espécie de dobre de finados. O espírito ia travado de impressões opostas.

Notem que aquele dia amanhecera alegre para mim. Meu pai, ao almoço, repetiu-me, por antecipação, o primeiro discurso que eu tinha de proferir na Câmara dos Deputados; rimo-nos muito — e o sol também — que estava brilhante como nos mais belos dias do mundo; do mesmo modo que Virgília devia rir, quando eu lhe contasse as nossas fantasias do almoço.

Vai-se não quando, cai-me o vidro do relógio; entro na primeira loja que me fica à mão, e eis que me surge o passado, ei-lo que me lacera e beija; ei-lo que me interroga, com um rosto cortado de saudades e bexigas...

Lá o deixei. Meti-me às pressas na sege que me esperava no Largo de S. Francisco de Paula e ordenei ao

boleeiro que rodasse pelas ruas fora. O boleeiro atçou as bestas; a sege entrou a sacolejar-me, as molas gemiam, as rodas sulcavam rapidamente a lama que deixara a chuva recente — e tudo isso me parecia estar parado.

Não há, às vezes, um certo vento morno — que não é bochorno, nem forte, nem áspero — mas abafadiço, que não nos leva o chapéu da cabeça, nem revolve as saias das mulheres, e todavia é (ou parece ser) pior do que se fizesse uma e outra coisa, porque abate, afrouxa, e como que dissolve os espíritos? Pois eu tinha esse vento comigo; e, certo de que ele me soprava por achar-me naquela espécie de garganta entre o passado e o presente, almejava por sair à planície do futuro.

O pior é que a sege não andava.

— João! — bradei eu ao boleeiro. — *Esta sege anda ou não anda?*

— Uê, nhonhô! Já estamos parados na porta de sinhô Conselheiro.

CAPÍTULO XLI

A alucinação

E era verdade. Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, de mau humor, fronte nublada. A mãe, que era surda, estava na sala com ela. No fim dos cumprimentos, disse-me a moça, com sequidão:

— Esperávamos que viesse mais cedo.

Defendi-me do melhor modo; falei do cavalo que empacara e de um amigo que me detivera. De repente, morre-me a voz nos lábios; fico tolhido de assombro. Virgília... seria Virgília aquela moça?

Fitei-a muito; e a sensação foi tão penosa, que recuei um passo e desviei os olhos. Tornei a olhá-la. As bexigas tinham-lhe comido o rosto; a pele, ainda na véspera tão fina, rosada e pura, aparecia-me agora amarela, estigmatizada pelo mesmo flagelo que devastara o rosto da espanhola. Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos; tinha o lábio triste e a atitude cansada.

Olhei-a bem; peguei-lhe na mão e chamei-a brandamente a mim. Não me enganava: eram as bexigas. Creio que fiz um gesto de repulsa.

Virgília afastou-se e foi sentar-se no sofá. Eu fiquei algum tempo a olhar para os meus próprios pés. Devia sair ou ficar? Rejeitei o primeiro alvitre, que era simplesmente absurdo, e encaminhei-me para Virgília, que lá estava sentada e calada.

Céus! Era outra vez a fresca, a juvenil, a florida Virgília.

Em vão procurei no rosto dela algum vestígio da doença; nenhum havia; era a pele fina e branca do costume.

— Nunca me viu? — perguntou Virgília, vendo que eu a encarava com insistência.

— Tão bonita, nunca.

Sentei-me, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas. Seguiram-se alguns segundos de pausa. Falei-lhe de coisas estranhas ao incidente; ela, porém, não me respondia nada, nem olhava para mim. Menos o estalido, era a estátua do Silêncio.

Uma só vez me deitou os olhos, mas muito de cima, soerguendo a pontinha esquerda do lábio e contraindo as sobrancelhas ao ponto de as unir; e todo esse conjunto de coisas dava-lhe ao rosto uma expressão média, entre cômica e trágica.

Havia alguma afetação naquele desdém; era um arrebique do gesto. Lá dentro, ela padecia — e não pouco — fosse mágoa pura ou só despeito; e porque a dor que se dissimula dói mais, é muito provável que Virgília padecesse em dobro do que realmente devia padecer.

Creio que isto é metafísica.

CAPÍTULO XLII

Que escapou a Aristóteles

Outra coisa que também me parece metafísica é isto: dá-se movimento a uma bola, por exemplo; rola esta, encontra outra bola, transmite-lhe o impulso, e eis a segunda bola a rolar como a primeira rolou. Suponhamos que a primeira bola se chama... Marcela — é uma simples suposição; a segunda, Brás Cubas; a terceira, Virgília.

Temos que Marcela, recebendo um piparote do passado, rolou até tocar em Brás Cubas — o qual, cedendo à força impulsiva, entrou a rolar também até esbarrar em Virgília, que não tinha nada com a primeira bola; e eis aí como, pela simples transmissão de uma força, se tocam os extremos sociais e se estabelece uma coisa que poderemos chamar solidariedade do aborrecimento humano.

Como é que este capítulo escapou a Aristóteles?

CAPÍTULO XLIII

Marquesa, porque eu serei marquês

Positivamente, era um diabrete, Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-o, e então...

E então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto do que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e, todavia, foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família.

O Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; e tal foi o começo da minha derrota.

Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

— Promete que algum dia me fará baronesa?

— Marquesa, porque eu serei marquês.

Desde então fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queriam dizer coisa nenhuma. O lábio do homem não é como a pata do cavalo de Átila, que esterilizava o solo em que batia; é justamente o contrário.

CAPÍTULO XLIV

Um Cubas!

Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroar-se sem padecer um forte abalo no organismo.

A princípio não quis crê-lo. Um Cubas! Um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu, já então informado da nossa tanoaria, esqueci por um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência.

— Um Cubas! — repetiu-me ele na manhã seguinte, ao almoço.

Não foi alegre o almoço; eu próprio estava a cair de sono. Tinha velado uma parte da noite. De amor? Impossível; não se ama duas vezes a mesma mulher, e eu, que tinha de amar aquela tempos depois, não lhe estava agora preso por nenhum outro vínculo além de uma fantasia passageira, alguma obediência e muita fatuidade. E isso basta para explicar a vigília: era

despeito — um despeitinho agudo como ponta de alfinete — que se desfez com charutos, murros, leituras truncadas, até romper a aurora, a mais tranquila das auroras.

Mas eu era moço, tinha o remédio em mim mesmo. Meu pai é que não pôde suportar facilmente a pancada. Pensando bem, pode ser que não morresse precisamente do desastre; mas que o desastre lhe complicou as últimas dores, é positivo.

Morreu dali a quatro meses — acabrunhado, triste, com uma preocupação intensa e contínua, à semelhança de remorso, um desencanto mortal, que lhe substituiu os reumatismos e as tosse. Teve ainda uma meia hora de alegria: foi quando um dos ministros o visitou. Vi-lhe — lembra-me bem — vi-lhe o grato sorriso de outro tempo e, nos olhos, uma concentração de luz, que era, por assim dizer, o último lampejo da alma expirante.

Mas a tristeza voltou logo — a tristeza de morrer sem me ver posto em algum lugar alto, como ele imaginara que me cabia.

— Um Cubas!

Morreu alguns dias depois da visita do ministro, numa manhã de maio, entre os dois filhos — Sabina e eu — e mais o tio Ildefonso e meu cunhado. Morreu sem lhe poder valer a ciência dos médicos, nem o nosso amor, nem os cuidados — que foram muitos —, nem coisa nenhuma; tinha de morrer, morreu.

— Um Cubas!

CAPÍTULO XLV

Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão; caixão, essa, tochas, convites, convidados que entravam lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão da família — alguns tristes, todos sérios e calados; padre e sacristão, rezas, aspersões de água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo; seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família; e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima, e traspassam e apertam as correias; o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um...

Isto, que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo extremamente suculento, em que provava que a Terra deve continuar a girar em volta do Sol; porquanto:

- a) a natureza não inventou a morte senão com o fim de dar vida a algumas indústrias — armadores, segeiros, empresas funerárias, tipografias e outras que ela sagazmente previu;

- b) mortas essas indústrias, pela ausência da morte humana, não é improvável que viessem a morrer os respectivos industriais — o que dava na mesma.

Mas tudo isto são apenas notas de um capítulo que não escrevo.

CAPÍTULO XLVI

A Herança

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai — minha irmã sentada num sofá; pouco adiante, o Cotrim, de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode; eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio.

— Mas afinal — disse o Cotrim —, esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; demos que valha trinta e cinco...

— Vale cinquenta — ponderei —; a Sabina sabe que custou cinquenta e oito...

— Podia custar até sessenta — tornou o Cotrim —, mas não se segue que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que as casas, aqui há anos, baixaram muito. Ora, se esta vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

— Não fale nisso! Uma casa velha.

— Velha! — exclamou Sabina, levantando as mãos ao teto.

— Parece-lhe nova, aposto?

— Ora, mano, deixe-se dessas coisas — disse Sabina, erguendo-se do sofá —; podemos arranjar tudo em boa amizade e com lisura. Por exemplo: o Cotrim não aceita os pretos; quer só o boleeiro de papai e o Paulo...

— O boleeiro, não — acudi eu —; fico com a sege e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre.

— Livre?

— Há dois anos.

— Livre? Como seu pai arranjava essas coisas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?

Tínhamos falado na prata — a velha prataria do tempo de D. José I —, a porção mais grave da herança, já pelo labor, já pela vetustez, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luiz Cubas.

— Quanto à prata — continuou o Cotrim —, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...

— Mas posso casar.

— Para quê? — interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri, peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma — tudo isso

com tão boa sombra que o Cotrim interpretou o gesto como de aquiescência, e agradeceu-mo.

— Que é lá? — redargui —; não cedi coisa nenhuma, nem cedo.

— Nem cede?

Abanei a cabeça.

— Deixa, Cotrim — disse minha irmã ao marido — ; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo; é só o que falta.

— Não falta mais nada. Quer a sege, quer o boleeiro, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais sumário citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada — nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro officio!

Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação: dividir a prata. Riu-se e perguntou a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e, depois dessa pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo.

Entretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chácara; e, depois de um instante, voltou e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata. Eu ia dizer que não me convinha, mas o Cotrim adiantou-se:

— Isso nunca! Não faço esmolas!

Jantamos tristes. Meu tio cônego apareceu à sobremesa e ainda presenciou uma pequena altercação.

— Meus filhos — disse ele —, lembrem-se de que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

Mas o Cotrim:

— Creio, creio. A questão, porém, não é de pão; é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de criança, risos e tristezas da idade adulta — dividimos muitas vezes esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos.

Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas.

CAPÍTULO XLVII

O recluso

Marcela, Sabina, Virgília... aí estou eu a fundir todos os contrastes, como se esses nomes e pessoas não fossem mais do que modos de ser da minha afeição interior. Pena de maus costumes, ata uma gravata ao teu estilo, veste-lhe um colete menos sórdido; e depois sim, depois vem comigo, entra nessa casa, estira-te nessa rede que me embalou a melhor parte dos anos que decorreram desde o inventário de meu pai até 1842.

Vem; se te cheirar a algum aroma de toucador, não cuides que o mandei derramar para meu regalo; é um vestígio da N., ou da Z., ou da U. — que todas essas letras maiúsculas embalaram aí a sua elegante abjeção. Mas, se além do aroma quiseses outra coisa, fica-te com o desejo, porque eu não guardei retratos, nem cartas, nem memórias; a mesma comoção esvaiu-se, e só me ficaram as letras iniciais.

Vivi meio recluso, indo de longe em longe a algum baile, ou teatro, ou palestra, mas a maior parte do tempo passei-a comigo mesmo. Vivia; deixava-me ir ao curso e recurso dos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora

apático, entre a ambição e o desânimo. Escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para as folhas públicas, e cheguei a alcançar certa reputação de polemista e de poeta.

Quando me lembrava do Lobo Neves, que era já deputado, e de Virgília, futura marquesa, perguntava a mim mesmo por que não seria eu melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves — eu, que valia mais, muito mais do que ele — e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...

CAPÍTULO XLVIII

Um primo de Virgília

— Sabe quem chegou ontem de São Paulo? —
perguntou-me uma noite o Luiz Dutra.

O Luiz Dutra era um primo de Virgília, que também privava com as musas. Os versos dele agradavam e valiam mais do que os meus; mas ele tinha necessidade da sanção de alguns que lhe confirmasse o aplauso dos outros. Como fosse acanhado, não interrogava a ninguém; mas deleitava-se em ouvir alguma palavra de apreço; então criava novas forças e arremetia juvenilmente ao trabalho.

Pobre Luiz Dutra! Apenas publicava alguma coisa, corria à minha casa e entrava a girar em volta de mim, à espreita de um juízo, de uma palavra, de um gesto que lhe aprovasse a recente produção; e eu falava-lhe de mil coisas diferentes — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de berlindas e cavalos — de tudo, menos dos seus versos ou prosas.

Ele respondia-me, a princípio, com animação, depois mais frouxo; torcia a rédea da conversa para o seu assunto dele, abria um livro, perguntava-me se eu tinha

algum trabalho novo, e eu dizia-lhe que sim ou que não, mas torcia a rédea para o outro lado; e lá ia ele atrás de mim, até que empacava de todo e saía triste.

Minha intenção era fazê-lo duvidar de si mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isto a olhar para a ponta do nariz...

CAPÍTULO XLIX

A ponta do nariz

Nariz, consciência sem remorsos, tu me valeste muito na vida... Já meditaste alguma vez no destino do nariz, amado leitor? A explicação do doutor Pangloss é que o nariz foi criado para uso dos óculos — e tal explicação, confesso, até certo tempo me pareceu definitiva; mas veio um dia em que, estando a ruminar esse e outros pontos obscuros de filosofia, atinei com a única, verdadeira e definitiva explicação.

Com efeito, bastou-me atentar no costume do fakir. Sabe o leitor que o fakir gasta longas horas a olhar para a ponta do nariz, com o fim único de ver a luz celeste. Quando ele finca os olhos na ponta do nariz, perde o sentimento das coisas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, eteriza-se.

Essa sublimação do ser pela ponta do nariz é o fenômeno mais excelso do espírito; e a faculdade de a obter não pertence ao fakir somente: é universal. Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, para o fim de ver a luz celeste; e tal

contemplação, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades.

Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não chegaria a durar dois séculos: extinguir-se-ia com as primeiras tribos.

Ouçõ daqui uma objeção do leitor:

— “Como pode ser assim, se nunca jamais se viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz?”

Leitor obtuso, isso prova que nunca entraste no cérebro de um chapeleiro.

Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um rival, que a abriu há dois anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis e oito. Nas vidraças ostentam-se os chapéus do rival; pelas portas entram os fregueses do rival; e o chapeleiro compara aquela loja com a sua, que é mais antiga e tem só duas portas, e aqueles chapéus com os seus, menos procurados, ainda que de igual preço.

Mortifica-se naturalmente; mas vai andando, concentrado, com os olhos para baixo ou para a frente, a indagar as causas da prosperidade do outro e do seu próprio atraso — quando ele chapeleiro é muito melhor chapeleiro do que o outro chapeleiro...

Nesse instante é que os olhos se fixam na ponta do nariz.

A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais:

1. o amor, que multiplica a espécie;
2. o nariz, que a subordina ao indivíduo.

Procriação, equilíbrio.

CAPÍTULO L

Virgília casada

— Sabe quem chegou ontem de São Paulo? —
perguntou-me uma noite o Luiz Dutra.

O Luiz Dutra era um primo de Virgília, que também privava com as musas. Os versos dele agradavam e valiam mais que os meus; mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que lhe confirmasse o aplauso dos outros. Como fosse acanhado, não interrogava ninguém; mas deleitava-se em ouvir alguma palavra de apreço; então criava novas forças e arremetia juvenilmente ao trabalho.

Pobre Luiz Dutra! Apenas publicava alguma coisa, corria à minha casa e entrava a girar em volta de mim, à espreita de um juízo, de uma palavra, de um gesto que lhe aprovasse a recente produção; e eu falava-lhe de mil coisas diferentes — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de berlindas e cavalos — de tudo, menos dos seus versos ou prosas. Ele respondia-me a princípio com animação, depois mais frouxo; torcia a rédea da conversa para o seu assunto, abria um livro, perguntava-me se eu tinha algum trabalho novo, e eu

dizia-lhe que sim ou que não, mas torcia a rédea para o outro lado; e lá ia ele atrás de mim, até que empacava de todo e saía triste.

Minha intenção era fazê-lo duvidar de si mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isso a olhar para a ponta do nariz...

— Sabe quem chegou ontem de São Paulo? — repetiu ele.

— Não.

— Minha prima Virgília, casada com o Lobo Neves.

— Ah!

— E só hoje é que eu soube uma coisa, seu maganão...

— O quê?

— Que você quis casar com ela.

— Ideias de meu pai. Quem lhe disse isso?

— Ela mesma. Falei-lhe muito em você, e ela então contou-me tudo.

No dia seguinte, estando eu na Rua do Ouvidor, à porta da tipografia do Plancher, vi assomar, ao longe, uma mulher esplêndida. Era ela; só a reconheci a poucos passos, tão outra estava, a tal ponto a natureza e a arte lhe haviam dado o último apuro. Cumprimentamo-nos; ela seguiu; entrou com o marido na carruagem que os esperava um pouco acima; e eu fiquei atônito.

Oito dias depois, encontrei-a num baile; creio que chegamos a trocar duas ou três palavras. Mas, noutro baile, dado daí a um mês, em casa de uma senhora que ornara os salões do primeiro reinado e não desornava

então os do segundo, a aproximação foi maior e mais longa, porque conversamos e valsei com ela.

A valsa é uma deliciosa coisa. Valsei; e não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma sensação singular — uma sensação de homem roubado.

— Está muito calor — disse ela logo que acabamos.
— Vamos ao terraço?

— Não; pode constipar-se. Vamos a outra sala.

Na outra sala estava o Lobo Neves, que me fez muitos cumprimentos acerca dos meus escritos políticos, acrescentando que nada dizia dos literários por não entender deles; mas os políticos eram excelentes, bem pensados e bem escritos. Respondi-lhe com iguais esmeros de cortesia, e separamo-nos contentes um do outro.

Cerca de três semanas depois recebi um convite dele para uma reunião íntima. Fui. Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra:

— O senhor hoje há de valsar comigo.

Na verdade, eu tinha fama e era valsador emérito; não admira que ela me preferisse. Valsei uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu.

Creio que, nessa noite, apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida; e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nós nos outros que também se abraçavam e giravam... Um delírio.

CAPÍTULO LI

É minha!

— É minha! — disse eu comigo, logo que a passei a outro cavalleiro; e confesso que, durante o resto da noite, foi-se-me a ideia entranhando no espírito, não à força de martelo, mas de verruma, que é mais insinuativa.

— É minha! — dizia eu ao chegar à porta de casa.

Mas aí, como se o destino ou o acaso, ou o que quer que fosse, se lembrasse de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios, luzia no chão uma coisa redonda e amarela. Abaixei-me: era uma moeda de ouro, uma meia dobra.

— É minha! — repeti eu, rindo; e meti-a no bolso.

Nessa noite não pensei mais na moeda; mas, no dia seguinte, recordando o caso, senti uns repelões da consciência, e uma voz que me perguntava por que diabo seria minha uma moeda que eu não herdara nem ganhara, mas somente achara na rua.

Evidentemente não era minha: era de outro, daquele que a perdera, rico ou pobre; e talvez fosse pobre — algum operário que não teria com que dar de comer à

mulher e aos filhos. Mas, ainda que fosse rico, o meu dever ficava o mesmo.

Cumpria restituir a moeda; e o melhor meio, o único meio, era fazê-lo por intermédio de um anúncio ou da polícia. Enviei uma carta ao chefe de polícia, remetendo-lhe o achado e rogando que, pelos meios a seu alcance, o fizesse devolver ao verdadeiro dono.

Mandei a carta e almocei tranquilo; posso até dizer jubiloso. Minha consciência valsara tanto na véspera que chegara a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra foi uma janela aberta para o outro lado da moral: entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga.

Ventilai as consciências! Não vos digo mais nada.

Todavia, despido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. Era o que me dizia a minha dama interior, com um modo austero e meigo ao mesmo tempo; era o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela aberta.

— Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. Este ar não é só puro: é balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins. Queres ver o que fizeste, Cubas?

E a boa dama sacou um espelho e abriu-mo diante dos olhos. Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera — redonda, brilhante, nítida — multiplicando-se por si mesma, sendo dez, depois trinta, depois quinhentas — exprimindo assim o benefício que me daria, na vida e na morte, o simples ato da restituição.

E eu espraiaava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom — talvez grande. Uma simples moeda, hem? Vejam o que é ter valsado um pouquinho mais!

Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência.

Talvez não entendas o que aí fica; talvez queiras uma coisa mais concreta — um embrulho, por exemplo, um embrulho misterioso.

Pois toma lá o embrulho misterioso.

CAPÍTULO LII

O embrulho misterioso

Foi o caso que, alguns dias depois, indo eu a Botafogo, tropecei num embrulho que estava na praia. Não digo bem; houve menos tropeção que pontapé. Vendo um embrulho, não grande, mas limpo e corretamente feito, atado com um barbante rijo, uma coisa que parecia alguma coisa, lembrou-me bater-lhe com o pé, assim por experiência, e bati, e o embrulho resistiu. Relanceei os olhos em volta de mim; a praia estava deserta; ao longe uns meninos brincavam — um pescador curava as redes ainda mais longe — ninguém que pudesse ver a minha ação. Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui.

Segui, mas não sem receio. Podia ser uma peta de rapazes. Tive ideia de devolver o achado à praia, mas apalpei-o e rejeitei a ideia. Um pouco adiante, desandei o caminho e guiei para casa.

— Vejamos — disse eu ao entrar no gabinete.

E hesitei um instante, creio que por vergonha; assaltou-me outra vez o receio da peta. É certo que não havia ali nenhuma testemunha externa; mas eu tinha

dentro de mim mesmo um garoto que havia de assobiar, guinchar, grunhir, patear, apupar, cacarejar, fazer o diabo, se me visse abrir o embrulho e achar dentro uma dúzia de lenços velhos ou duas dúzias de goiabas verdes. Mas era tarde; a curiosidade estava aguçada, como deve estar a do leitor. Desfiz o embrulho, e vi... achei... contei... recontrei nada menos de cinco contos de réis. Nada menos. Talvez uns dez mi-lréis mais. Cinco contos em boas notas e dobras, tudo asseadinho e arranjadinho, um achado raro.

Embrulhei-as de novo. Ao jantar pareceu-me que um dos moleques falara a outro com os olhos. Ter-me-iam espreitado? Interroguei-os discretamente e concluí que não. Depois do jantar, fui outra vez ao gabinete, examinei o dinheiro e ri-me dos meus cuidados maternos a respeito de cinco contos — eu, que era abastado.

Para não pensar mais naquilo, fui de noite à casa do Lobo Neves, que instara muito comigo para não deixar de frequentar as refeições da mulher. Lá encontrei o chefe de polícia; fui-lhe apresentado; ele lembrou-se logo da carta e da meia dobra que eu lhe remetera alguns dias antes. Aventou o caso; Virgília pareceu saborear o meu procedimento, e cada um dos presentes acertou de contar uma anedota análoga, que eu ouvi com impaciências de mulher histérica.

De noite, no dia seguinte, em toda aquela semana, pensei o menos que pude nos cinco contos, e até confesso que os deixei muito quietinhos na gaveta da

secretaria. Gostava de falar de todas as coisas, menos de dinheiro — e principalmente de dinheiro achado; e, todavia, não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência.

Não podia ser outra coisa. Não se perdem cinco contos como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos; apalpm-se a miúdo; não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento; e, para se perderem assim tolamente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que embaciasse o caráter de um homem. Era um achado, um acerto feliz, como a sorte grande, como as apostas de cavalo, como os ganhos de um jogo honesto; e até direi que a minha felicidade era merecida, porque eu não me sentia mau, nem indigno dos benefícios da Providência.

— Estes cinco contos — dizia eu comigo, três semanas depois — hei de empregá-los em alguma ação boa, talvez um dote a alguma menina pobre, ou outra coisa assim... hei de ver...

Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento. Respondi enfadado que a coisa não valia a pena de tamanho estrondo; louvaram-me então a modéstia — e, porque eu me encolerizasse, replicaram-me que era simplesmente grande.

CAPÍTULO LIII

.....

Virgília é que já não se lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; — era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento.

Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar; um beijo que ela me deu, trêmula — coitadinha — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara, à vista das estrelas — das castas estrelas de Otelo — *you chaste stars!* Uniu-nos esse beijo único — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria; uma hipocrisia paciente e sistemática, único

freio de uma paixão sem freio; vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

CAPÍTULO LIV

A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tic-tac soturno, vagaroso e seco parecia dizer, a cada golpe, que eu ia ter um instante menos de vida.

Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:

— Outra de menos...

— Outra de menos...

— Outra de menos...

— Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo.

O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos; e, de certo tempo em diante, não ouvi coisa nenhuma, porque o meu pensamento, ardiloso e traquinas, saltou pela janela fora e bateu as asas na direção da casa de Virgília.

Aí achou, ao peitoril de uma janela, o pensamento de Virgília; saudaram-se e ficaram de palestra. Nós, a rolarmos na cama, talvez com frio, necessitados de repouso, e os dois vadios ali postos, a repetirem o velho diálogo de Adão e Eva.

CAPÍTULO LV

O velho diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas

.... ?

Virgília

...

Brás Cubas

.....

...

Virgília

... !

Brás Cubas

....

Virgília

.....

..... ?

.....

Brás Cubas

.....

Virgília

....

Brás Cubas

.....

.....

.....!

..!.....

.....!

Virgília

.....?

Brás Cubas

.....!

Virgília

.....!

CAPÍTULO LVI

O momento oportuno

Mas, com a breca! quem me explicará a razão desta diferença? Um dia vimo-nos, tratamos do casamento, desfizemo-lo e separamo-nos, a frio, sem dor, porque não houvera paixão nenhuma; mordeu-me apenas algum despeito e nada mais. Correm anos, torno a vê-la, damos três ou quatro giros de valsa, e eis-nos a amar um ao outro com delírio.

A beleza de Virgília chegara, é certo, a um alto grau de apuro, mas nós éramos substancialmente os mesmos, e eu, à minha parte, não me tornara mais bonito nem mais elegante. Quem me explicará a razão dessa diferença?

A razão não podia ser outra senão o momento oportuno. Não era oportuno o primeiro momento, porque, se nenhum de nós estava verde para o amor, ambos o estávamos para o nosso amor: distinção fundamental. Não há amor possível sem a oportunidade dos sujeitos.

Essa explicação achei-a eu mesmo, dois anos depois do beijo, um dia em que Virgília se me queixava de um pintalegrete que lá ia e tenazmente a galanteava.

— Que importuno! — dizia ela, fazendo uma careta de raiva.

Estremeci, fitei-a, vi que a indignação era sincera; então ocorreu-me que talvez eu tivesse provocado alguma vez aquela mesma careta, e compreendi logo toda a grandeza da minha evolução. Tinha vindo de importuno a oportuno.

CAPÍTULO LVII

Destino

Sim, senhor, amávamo-nos. Agora que todas as leis sociais no-lo impediam, agora é que nos amávamos deveras. Achávamo-nos jungidos um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório:

Di pari, come buoi, che vano a giogo;

e digo mal, comparando-nos a bois, porque nós éramos outra espécie de animal menos tardo, mais velhaco e lascivo. Eis-nos a caminhar sem saber até onde, nem por que estradas escuras; problema que me assustou durante algumas semanas, mas cuja solução entreguei ao destino.

Pobre destino! Onde andarás agora, grande procurador dos negócios humanos? Talvez estejas a criar pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que... Já não me lembra onde estava...

Ah! nas estradas escuras. Disse eu comigo que, já agora, seria o que Deus quisesse. Era a nossa sorte amar-nos; se assim não fora, como explicaríamos a valsa e o resto? Virgília pensava a mesma coisa.

Um dia, depois de me confessar que tinha momentos de remorsos, como eu lhe dissesse que, se tinha remorsos, era porque não me tinha amor, Virgília cingiu-me com os seus magníficos braços, murmurando:

— Amo-te; é a vontade do céu.

E esta palavra não vinha à toa; Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono.

Tinha medo às trovoadas; nessas ocasiões tapava os ouvidos e resmungava todas as orações do catecismo. Na alcova dela havia um oratóriozinho de jacarandá, obra de talha, de três palmos de altura, com três imagens dentro; mas não falava dele às amigas; ao contrário, taxava de beatas as que eram só religiosas.

Algum tempo desconfiei que havia nela certo vexame de crer, e que a sua religião era uma espécie de camisa de flanela, preservativa e clandestina; mas evidentemente era engano meu.

CAPÍTULO LVIII

Confidência

O Lobo Neves, a princípio, metia-me grandes sustos. Pura ilusão! Como adorasse a mulher, não se vexava de mo dizê-lo muitas vezes; achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amável, elegante, austera, um modelo. E a confiança não parava aí. De fresta que era, chegou a porta escancarada. Um dia confessou-me que trazia uma triste carcoma na existência: faltava-lhe a glória pública.

Animei-o; disse-lhe muitas coisas bonitas, que ele ouviu com aquela unção religiosa de um desejo que não quer acabar de morrer; e então compreendi que a ambição dele andava cansada de bater as asas, sem poder abrir voo. Dias depois contou-me todos os seus tédios e desfalecimentos, as amarguras engolidas, as raivas sopitadas; revelou-me que a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, perfidias, interesses, vaidades.

Evidentemente havia ali uma crise de melancolia; tratei de combatê-la.

— Sei o que lhe digo — replicou ele com tristeza — ; não pode imaginar o que tenho passado. Entrei na

política por gosto, por família, por ambição, e um pouco por vaidade. Já vê que reuni em mim só todos os motivos que levam o homem à vida pública; faltou-me só o interesse de outra natureza. Via o teatro pelo lado da plateia... e palavra que era bonito! Soberbo cenário, vida, movimento e graça na representação. Escrevi-me; deram-me um papel que... Mas para que estou a fatigá-lo com isso? Deixe-me ficar com as minhas amofinações. Creia que tenho passado horas e dias... Não há constância de sentimentos, não há gratidão, não há nada... nada... nada...

Calou-se, profundamente abatido, com os olhos no ar, parecendo não ouvir coisa nenhuma, a não ser o eco de seus próprios pensamentos. Após alguns instantes, ergueu-se e estendeu-me a mão:

— O senhor há de rir-se de mim — disse ele —; mas desculpe aquele desabafo; tinha um negócio que me mordía o espírito.

E ria então, de um jeito sombrio e triste. Depois pediu-me que não referisse a ninguém o que se passara entre nós. Ponderei-lhe que, a rigor, nada se passara.

Nisto entraram dois deputados e um chefe político da paróquia. O Lobo Neves recebeu-os com alegria — a princípio um tanto postiça, mas logo depois natural. No fim de meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens: conversava, chasqueava e ria, e riam todos.

CAPÍTULO LIX

Um encontro

Deve ser um vinho bem enérgico a política, dizia eu comigo ao sair da casa de Lobo Neves; e fui andando, fui andando, até que, na Rua dos Barbonos, vi uma sege, e dentro um dos ministros, meu antigo companheiro de colégio. Cumprimentamo-nos afetuosamente; a sege seguiu, e eu fui andando, andando, andando...

— Por que não serei eu ministro?

Esta ideia, rútila e grande — trajada ao bizarro, como diria o padre Bernardes — começou uma vertigem de cabriolas, e eu deixei-me estar com os olhos nela, a achar-lhe graça. E não pensei mais na tristeza de Lobo Neves; senti a atração do abismo.

Recordei aquele companheiro de colégio, as correrias nos morros, as alegrias e travessuras, comparei o menino com o homem e perguntei a mim mesmo por que não seria eu como ele. Entrava então no Passeio Público; e tudo me parecia dizer a mesma coisa:

— Por que não serás ministro, Cubas? Cubas, por que não serás ministro de Estado?

Ao ouvi-lo, uma deliciosa sensação me refrescava todo o sistema. Entrei, fui sentar-me num banco, a cavar comigo aquela ideia. E Virgília que havia de gostar!...

Alguns minutos depois vejo encaminhar-se para mim uma cara que me não pareceu desconhecida. Conhecia-a, fosse de onde fosse.

Imaginem um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o feitio, pareciam ter escapado ao cativeiro de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler. Imaginem agora uma sobrecasaca mais larga do que pediam as carnes — ou, literalmente, os ossos da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o pelo desaparecia aos poucos; dos oito primitivos botões restavam três. As calças, de brim pardo, tinham duas fortes joelheiras, enquanto as bainhas eram roídas pelo tacho de um botim sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço flutuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas desmaiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também um colete, um colete de seda escura, roto a espaços e desabotoado.

— Aposto que não me conhece, Sr. Dr. Cubas? — disse ele.

— Não me lembro...

— Sou o Borba, o Quincas Borba.

Recuei espantado... Quem me dera agora o verbo solene de um Bossuet ou de um Vieira para contar tamanha desolação! Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio,

tão inteligente e abastado. O Quincas Borba! Não, impossível; não podia ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho envelhecido, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. E era.

Os olhos tinham um resto da expressão de outro tempo; e o sorriso não perdera certo ar escarninho que lhe era peculiar. Entretanto, ele suportava com firmeza o meu espanto. No fim de algum tempo, arredei os olhos; se a figura repelia, a comparação acabrunhava.

— Não é preciso contar-lhe nada — disse ele enfim —; o senhor adivinha tudo. Uma vida de misérias, de atribulações e de lutas. Lembra-se das nossas festas, em que eu figurava de rei? Que trambolhão! Acabo mendigo...

E, alçando a mão direita e os ombros, com um ar de indiferença, parecia resignado aos golpes da fortuna — e não sei até se contente. Talvez contente. Com certeza, impassível. Não havia nele resignação cristã, nem conformidade filosófica. Parece que a miséria lhe calejara a alma, a ponto de lhe tirar a sensação da lama. Arrastava os andrajos como outrora a púrpura: com certa graça indolente.

— Procure-me — disse eu —, poderei arranjar-lhe alguma coisa.

Um sorriso magnífico lhe abriu os lábios.

— Não é o primeiro que me promete alguma coisa — replicou —; e não sei se será o último que não me fará nada. E para quê? Eu nada peço, a não ser dinheiro;

dinheiro, sim, porque é necessário comer, e as casas de pasto não fiam. Nem as quitandeiras. Uma coisa de nada, uns dois vinténs de angu, nem isso fiam as malditas quitandeiras... Um inferno, meu... ia dizer “meu amigo”... Um inferno! O diabo! Todos os diabos! Olhe, ainda hoje não almocei.

— Não?

— Não. Saí muito cedo de casa. Sabe onde moro? No terceiro degrau das escadas de São Francisco, à esquerda de quem sobe. Não precisa bater à porta. Casa fresca, extremamente fresca. Pois saí cedo, e ainda não comi...

Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mi-lréis — a menos limpa — e dei-lha. Ele recebeu-ma com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar e agitou-a entusiasmado:

— *In hoc signo vinces!* — bradou.

E depois beijou-a, com muitos ademanos de ternura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era arguto, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mi-lréis.

— Pois está em suas mãos ver outras muitas — disse eu.

— Sim? — acudiu ele, dando um bote para mim.

— Trabalhando — concluí.

Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes; depois disse-me, positivamente, que não queria trabalhar.

Eu estava enjoado dessa abjeção tão cômica e tão triste, e preparei-me para sair.

— Não vá sem eu lhe ensinar a minha filosofia da miséria — disse ele, escarranchando-se diante de mim.

CAPÍTULO LX

O abraço

Cuidei que o pobre diabo estivesse doudo, e ia afastar-me, quando ele me pegou no pulso e olhou alguns instantes para o brilhante que eu trazia no dedo. Senti-lhe na mão uns estremecimentos de cobiça, uns pruridos de posse.

— Magnífico! — disse ele.

Depois começou a andar ao redor de mim e a examinar-me muito.

— O senhor trata-se — disse ele. — Joias, roupa fina, elegante e... Compare esses sapatos aos meus; que diferença! Pudera não! Digo-lhe que se trata. E moças? Como vão elas? Está casado?

— Não...

— Nem eu.

— Moro na rua...

— Não quero saber onde mora — atalhou o Quincas Borba. — Se alguma vez nos virmos, dê-me outra nota de cinco mi-lréis; mas permita-me que não a vá buscar à sua casa. É uma espécie de orgulho... Agora, adeus; vejo que está impaciente.

— Adeus!

— E obrigado. Deixe-me agradecer-lhe de mais perto?

E, dizendo isto, abraçou-me com tal ímpeto, que eu não pude evitá-lo. Separámo-nos finalmente, eu a passo largo, com a camisa amarrotada do abraço, enfadado e triste. Já não dominava em mim a parte simpática da sensação, mas a outra. Quisera ver-lhe a miséria digna.

Contudo, não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de outrora, entristecer-me e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo da realidade de outro tempo...

— Ora adeus! Vamos jantar — disse comigo.

Meti a mão no colete e não achei o relógio. Última desilusão! O Borba furtara-mo no abraço.

CAPÍTULO LXI

Um projeto

Jantei triste. Não era a falta do relógio que me pungia: era a imagem do autor do furto, e as reminiscências de criança, e outra vez a comparação, e a conclusão...

Desde a sopa, começou a abrir em mim a flor amarela e mórbida do capítulo XXV, e então jantei depressa para correr à casa de Virgília. Virgília era o presente; eu queria refugiar-me nele para escapar às opressões do passado, porque o encontro do Quincas Borba tornara-me aos olhos o passado — e não qual fora deveras, mas um passado roto, abjeto, mendigo e gatuno.

Saí de casa; mas era cedo: iria achá-los à mesa. Outra vez pensei no Quincas Borba, e tive então um desejo de tornar ao Passeio Público, a ver se o achava; a ideia de o regenerar surgiu-me como uma forte necessidade.

Fui; mas já não o achei. Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente “esse sujeito” ia por ali às vezes.

— A que horas?

— Não tem hora certa.

Não era impossível encontrá-lo noutra ocasião; prometi a mim mesmo lá voltar. A necessidade de o regenerar, de o trazer ao trabalho e ao respeito de sua pessoa, enchia-me o coração; eu começava a sentir um bem-estar, uma elevação, uma admiração de mim próprio...

Nisto caía a noite; fui ter com Virgília.

CAPÍTULO LXII

O travesseiro

Fui ter com Virgília; bem depressa esqueci o Quincas Borba. Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, tépido, aromático, enfronhado em cambraia e bruxelas. Era ali que ele costumava repousar de todas as sensações más, simplesmente enfadonhas ou até dolorosas. E, bem pesadas as coisas, não era outra a razão da existência de Virgília; não podia ser.

Cinco minutos bastaram para olvidar inteiramente o Quincas Borba; cinco minutos de uma contemplação mútua, com as mãos presas umas nas outras; cinco minutos e um beijo. E lá se foi a lembrança do Quincas Borba...

Escrófula da vida, andrajo do passado, que me importa que existas, que molestes os olhos dos outros, se eu tenho dois palmos de um travesseiro divino, para fechar os olhos e dormir?

CAPÍTULO LXIII

Fujamos!

Ai! Nem sempre dormir. Três semanas depois, indo à casa de Virgília — eram quatro horas da tarde — achei-a triste e abatida. Não me quis dizer o que era; mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa. Noto agora umas esquisitices nele... Não sei... Trata-me bem, não há dúvida; mas o olhar parece que não é o mesmo. Durmo mal; ainda esta noite acordei, aterrada; estava sonhando que ele me ia matar. Talvez seja ilusão, mas eu penso que ele desconfia...

Tranquilei-a como pude; disse que podiam ser cuidados políticos. Virgília concordou que seriam, mas ficou ainda muito excitada e nervosa. Estávamos na sala de visitas, que dava justamente para a chácara, onde trocáramos o beijo inicial. Uma janela aberta deixava entrar o vento, que sacudia frouxamente as cortinas; e eu fiquei a olhar para as cortinas, sem as ver. Empunhara o binóculo da imaginação: lobrigava ao longe uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem

nenhum outro liame que nos tolhesse a expansão da vontade.

Essa ideia embriagou-me; eliminados assim o mundo, a moral e o marido, não haveria mais do que penetrar naquela habitação dos anjos.

— Virgília, disse eu, proponho-te uma coisa.

— Que é?

— Amas-me?

— Oh! — suspirou ela, cingindo-me os braços ao pescoço.

Virgília amava-me com fúria; aquela resposta era a verdade patente. Com os braços ao meu pescoço, calada, respirando muito, deixou-se ficar a olhar para mim com os seus grandes e belos olhos, que davam uma sensação singular de luz húmida; e eu deixei-me estar a vê-los, a namorar-lhe a boca, fresca como a madrugada e insaciável como a morte.

A beleza de Virgília tinha agora um tom grandioso que não possuíra antes de casar. Era dessas figuras talhadas em pentélico, de um lavor nobre, rasgado e puro, tranquilamente bela, como as estátuas, mas não apática nem fria; ao contrário, tinha o aspeto das naturezas cálidas, e podia-se dizer que, na realidade, resumia todo o amor.

Resumia-o sobretudo naquela ocasião, em que exprimia mudamente tudo quanto pode dizer a pupila humana. Mas o tempo urgia; deslacei-lhe as mãos, peguei-lhe nos pulsos e, fito nela, perguntei-lhe se tinha coragem.

— De quê?

— De fugir. Iremos para onde nos for mais cômodo, uma casa grande ou pequena, à tua vontade, na roça ou na cidade, ou na Europa — onde te parecer, onde ninguém nos aborreça e não haja perigos para ti; onde vivamos um para o outro... Sim? Fugamos. Tarde ou cedo, ele pode descobrir alguma coisa, e estarás perdida... ouves? perdida... morta... e ele também, porque eu o matarei, juro-te.

Interrompi-me: Virgília empalidecera muito, deixou cair os braços e sentou-se no canapé. Esteve assim alguns instantes, sem me dizer palavra, não sei se vacilante na escolha, se aterrada com a ideia da descoberta e da morte. Fui-me a ela, insisti na proposta, disse-lhe todas as vantagens de uma vida a sós, sem zelos, nem terrores, nem aflições.

Virgília ouvia-me calada; depois disse:

— Não escaparíamos talvez; ele iria ter comigo e matava-me do mesmo modo.

Mostrei-lhe que não; o mundo era assaz vasto, e eu tinha os meios de viver onde quer que houvesse ar puro e muito sol; ele não chegaria até lá; só as grandes paixões são capazes de grandes ações, e ele não a amava tanto que pudesse ir buscá-la, se ela estivesse longe. Virgília fez um gesto de espanto e quase indignação; murmurou que o marido gostava muito dela.

— Pode ser — respondi eu — pode ser que sim...

E fui até a janela e comecei a assobiar e a rufar com os dedos no peitoril. Virgília chamou-me; eu deixei-me

estar, a remoer os meus zelos, a desejar estrangular o marido, se o tivesse ali à mão...

Justamente nesse instante entrou na chácara o Lobo Neves. Não tremas assim, leitora pálida; descansa, que não hei de rubricar esta lauda com um pingo de sangue. Logo que o Lobo Neves entrou na chácara, fiz-lhe um gesto amigo, acompanhado de uma palavra graciosa; Virgília retirou-se apressadamente da sala, e ele entrou daí a três minutos.

— Está cá há muito tempo? — disse-me ele.

— Não.

Entrara sério, pesado, derramando os olhos de um modo distraído — costume seu — que trocou logo por uma verdadeira expansão de jovialidade quando viu chegar o filho, o nhonhô, o futuro bacharel do capítulo VIII. Tomou-o nos braços, levantou-o ao ar, beijou-o muitas vezes. Eu, que tinha ódio ao menino, afastei-me de ambos. Virgília tornou à sala.

— Ah! — respirou o Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.

— Cansado? — perguntei eu.

— Muito; aturei duas massadas de primeira ordem, uma na Câmara e outra na rua. E ainda temos terceira — acrescentou, olhando para a mulher.

— Que é? — perguntou Virgília.

— Um... Adivinha.

Virgília sentara-se ao lado dele; pegou-lhe numa das mãos, compôs-lhe a gravata e tornou a perguntar o que era.

— Nada menos que um camarote.

— Para a Candiani?

— Para a Candiani.

Virgília bateu palmas, levantou-se, deu um beijo no filho, com um ar de alegria pueril, que destoava muito da figura; depois perguntou se o camarote era de boca ou do centro, consultou o marido, em voz baixa, acerca da toilette que faria, da ópera que se cantava, e de não sei que outras coisas.

— Você janta connosco, doutor — disse-me o Lobo Neves.

— Veio para isso mesmo — confirmou a mulher. — Diz que você possui o melhor vinho do Rio de Janeiro.

— Nem por isso bebe muito.

Ao jantar desmenti-o; bebi mais do que costumava; ainda assim menos do que era preciso para perder a razão. Já estava excitado; fiquei um pouco mais. Era a primeira grande cólera que eu sentia contra Virgília.

Não olhei uma só vez para ela durante o jantar; falei de política, da imprensa, do ministério; creio que falaria de teologia, se a soubesse ou se me lembrasse. O Lobo Neves acompanhava-me com muita placidez e dignidade e até com certa benevolência superior; e tudo aquilo me irritava também, e me tornava mais amargo e longo o jantar.

Despedi-me apenas nos levantamos da mesa.

— Até logo, não? — perguntou o Lobo Neves.

— Pode ser.

E saí.

CAPITULO LXIV

A transação

Vaguei pelas ruas e recolhi-me às nove horas. Não podendo dormir, atirei-me a ler e escrever. Às onze horas estava arrependido de não ter ido ao teatro, consultei o relógio, quiz vestir-me, e sair. Julguei, porém, que chegaria tarde; demais, era dar prova de fraqueza. Evidentemente, Virgília começava a aborrecer-se de mim, pensava eu. E esta ideia fez-me sucessivamente desesperado e frio, disposto a esquecê-la e a matá-la. Via-a d'ali mesmo, reclinada no camarote, com os seus magníficos braços nus, —os braços que eram meus, só meus, —fascinando os olhos de todos, com o vestido soberbo que havia de ter, o colo de leite, os cabelos postos em bandós, à maneira do tempo, e os brilhantes, menos luzidios que os olhos dela... Via-a assim, e doía-me que a vissem outros. Depois, começava a despi-la, a pôr de lado as joias e sedas, a despenteá-la com as minhas mãos sôfregas e lascivas, a torná-la, —não sei se mais bela, se mais natural, —a torná-la minha, somente minha, unicamente minha.

No dia seguinte, não me pude ter; fui cedo á casa de Virgília; achei-a com os olhos vermelhos de chorar.

—Que houve? perguntei.

—Você não me ama, foi a sua resposta; nunca me teve a menor soma de amor. Tratou-me ontem como se me tivesse ódio. Se eu ao menos soubesse o que é que fiz! Mas não sei. Não me dirá o que foi?

—Que foi o que? Creio que não houve nada.

—Nada? Tratou-me como não se trata um cachorro...

A esta palavra, peguei-lhe nas mãos, beijei-as, e duas lágrimas rebentaram-lhe dos olhos.

—Acabou, acabou, disse eu.

Não tive animo de arguir, e, aliás, argui-la de que? Não era culpa dela se o marido a amava. Disse-lhe que não me fizera cousa nenhuma, que eu tinha necessariamente ciúmes do outro, que nem sempre o podia suportar de cara alegre; acrescentei que talvez houvesse nele muito de dissimulação, e que o melhor meio de fechar a porta aos sustos e ás dissensões era aceitar a minha ideia da véspera.

—Pensei nisso, acudiu Virgília; uma casinha só nossa, solitária, metida n'um jardim, em alguma rua escondida, não é? Acho a ideia boa; mas para que fugir?

Disse isto com o tom ingénuo e preguiçoso de quem não cuida em mal, e o sorriso que lhe derreava os cantos da boca trazia a mesma expressão de candidez. Então, afastando-me, respondi:

—Você é que nunca me teve amor.

—Eu?

—Sim, é uma egoísta! prefere ver-me padecer todos os dias... é uma egoísta sem nome!

Virgília desatou a chorar, e para não atrair gente, metia o lenço na boca, recalcava os soluços; explosão que me desconcertou. Se alguém a ouvisse, perdia-se tudo. Inclinei-me para ela, travei-lhe dos pulsos, sussurrei-lhe os nomes mais doces da nossa intimidade; mostrei-lhe o perigo; o terror apaziguou-a.

—Não posso, disse ela daí a alguns instantes; não deixo meu filho; se o levar, estou certa de que ele me irá buscar ao fim do mundo. Não posso; mate-me você, se o quiser, ou deixe-me morrer... Ah! meu Deus! meu Deus!

—Sossegue; olhe que podem ouvi-la.

—Que ouçam! Não me importa.

Estava ainda excitada; pedi-lhe que esquecesse tudo, que me perdoasse, que eu era um doudo, mas que a minha insânia provinha dela e com ela acabaria. Virgília enxugou os olhos e estendeu-me a mão. Sorrimos ambos; minutos depois, tornávamos ao assunto da casinha solitária, em alguma rua escusa...

CAPÍTULO LXV

Olheiros e escutas

Interrompeu-nos o rumor de um carro na chácara. Veio um escravo dizer que era a baronesa X. Virgília consultou-me com os olhos.

— Se a senhora está assim com dor de cabeça — disse eu —, parece que o melhor é não receber.

— Já se apeou? — perguntou Virgília ao escravo.

— Já se apeou; diz que precisa muito de falar com sinhá.

— Que entre.

A baronesa entrou daí a pouco. Não sei se contava comigo na sala; mas era impossível mostrar maior alvoroço.

— Bons olhos o vejam! — explodiu ela. — Onde se mete o senhor, que não aparece em parte nenhuma? Pois olhe, ontem admirou-me não o ver no teatro. A Candiani esteve deliciosa. Que mulher! Gosta da Candiani? É natural. Os senhores são todos os mesmos. O barão dizia ontem, no camarote, que uma só italiana vale por cinco brasileiras. Que desaforo! E desaforo de velho, que é pior. Mas porque é que o senhor não foi ontem ao teatro?

— Uma enxaqueca.

— Qual! Algum namoro; não acha, Virgília? Pois, meu amigo, apresse-se, porque o senhor deve estar com quarenta anos... ou perto disso... Não tem quarenta anos?

— Não lhe posso dizer com certeza — respondi eu —; mas se me dá licença vou consultar a certidão de batismo.

— Vá, vá... — E, estendendo-me a mão: — Até quando? Sábado ficamos em casa; o barão está com umas saudades suas...

Chegando à rua, arrependi-me de ter saído. A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós. Cinquenta e cinco anos, que pareciam quarenta; macia, risonha, com vestígios de beleza, porte elegante e maneiras finas. Não falava muito nem sempre; possuía a grande arte de escutar os outros, espiondo-os; reclinava-se então na cadeira, desembainhava um olhar afiado e comprido, e deixava-se estar. Os outros, não sabendo o que era, falavam, olhavam, gesticulavam, ao passo que ela olhava só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque deixava cair as pálpebras; mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício, remexendo a alma e a vida dos outros.

A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de setenta invernos, chupado e amarelado, que padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão no coração:

era um hospital concentrado. Os olhos, porém, luziam de muita vida e saúde. Virgília, nas primeiras semanas, não lhe tinha medo nenhum; dizia-me que, quando o Viegas parecia espreitar, com o olhar fixo, estava simplesmente contando dinheiro. Com efeito, era um grande avaro.

Havia ainda o primo de Virgília, o Luiz Dutra, que eu, entretanto, desarmava à força de lhe falar nos versos e prosas e de o apresentar aos conhecidos. Quando estes, ligando o nome à pessoa, se mostravam contentes da apresentação, não há dúvida que o Dutra exultava de felicidade; mas eu curava-me dessa felicidade com a esperança de que ele não nos denunciasse nunca.

Havia, enfim, umas duas ou três senhoras, vários gamenhos e os fâmulos, que naturalmente se desforravam assim da condição servil; e tudo isso constituía uma verdadeira floresta de olheiros e escutas, por entre os quais tínhamos de resvalar com a tática e maciez das cobras.

CAPÍTULO LXVI

As pernas

Ora, enquanto eu pensava naquela gente, iam-me as pernas levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente me achei à porta do hotel Pharoux. De costume jantava ali; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da ação me cabe, e sim às pernas, que a fizeram.

Abençoadas pernas! E há quem vos trate com desdém ou indiferença. Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta; zangava-me quando vos fatigáveis, quando não podíeis ir além de certo ponto e me deixáveis com o desejo a avoaçar, à semelhança de galinha atada pelos pés.

Aquele caso, porém, foi um raio de luz. Sim, pernas amigas, vós deixastes à minha cabeça o trabalho de pensar em Virgília, e dissestes uma à outra:

— *Ele precisa comer; são horas de jantar. Vamos levá-lo ao Pharoux; dividamos a consciência dele: uma parte fique lá com a dama; tomemos nós a outra, para que ele vá direito, não abalroe as gentes e as carroças,*

tire o chapéu aos conhecidos e finalmente chegue são e salvo ao hotel.

E cumpristes à risca o vosso propósito, amáveis pernas, o que me obriga a imortalizar-vos nesta página.

CAPÍTULO LXVII

A casinha

Jantei e fui à casa. Lá achei uma caixa de charutos, que me mandara o Lobo Neves, embrulhada em papel de seda e ornada de fitinhas cor-de-rosa. Entendi, abri-a e tirei este bilhete:

“Meu B... Desconfiam de nós; tudo está perdido; esqueça-me para sempre. Não nos veremos mais. Adeus; esqueça-se da infeliz V... a”

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri à casa de Virgília. Era tempo; estava arrependida. Ao vão de uma janela contou-me o que se passara com a baronesa. A baronesa dissera-lhe francamente que se falara muito, no teatro, na noite anterior, a propósito da minha ausência do camarote de Lobo Neves; comentavam as minhas relações na casa; em suma, éramos objeto da suspeita pública. Concluiu dizendo que não sabia o que fazer.

— O melhor é fugirmos — insinuei.

— Nunca — respondeu ela, abanando a cabeça.

Vi que era impossível separar duas coisas que, no espírito dela, estavam inteiramente ligadas: o nosso amor

e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens; e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções daqueles dois dias eram muitas, e o despeito morreu depressa.

Vá lá; arranjemos a casinha.

Com efeito, achei-a, dias depois, expressamente feita, num recanto da Gamboa. Um brinco! Nova, caiada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado — todas com venezianas cor de tijolo —, trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão. Um brinco!

Convencionamos que iria morar ali uma mulher, conhecida de Virgília, em cuja casa fora costureira e agregada. Virgília exercia sobre ela verdadeira fascinação. Não se lhe diria tudo; ela aceitaria facilmente o resto.

Para mim, aquilo era uma situação nova do nosso amor, uma aparência de posse exclusiva, de domínio absoluto, alguma coisa que me faria adormecer a consciência ou resguardar o decoro. Já estava cansado das cortinas do outro, das cadeiras, do tapete, do canapé, de todas essas coisas que me traziam aos olhos constantemente a nossa duplicidade.

Agora podia evitar os jantares frequentes, o chá de todas as noites, enfim a presença do filho deles, meu cúmplice e meu inimigo. A casa resgatava-me tudo; o mundo vulgar terminaria à porta; dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excecional, nosso,

somente nosso, sem leis, sem instituições, sem baronesas, sem olheiros, sem escutas — um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma só afeição — a unidade moral de todas as coisas pela exclusão das que me eram contrárias.

CAPÍTULO LXVIII

O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:

— “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!”

Mas o primeiro não fazia caso e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— “Toma, diabo!” — dizia ele. — “Toma mais perdão, bêbado!”

— “Meu senhor!...” — gemia o outro.

— “Cala a boca, besta!” — replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção. Perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— “É, sim, nhonhô.”

— “Fez-te alguma coisa?”

— “É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda enquanto eu ia lá em baixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.”

— “Está bom; perdoa-lhe” — disse eu.

— “Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!”

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjecturas. Segui caminho, a cavar cá dentro uma infinidade de reflexões que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo — e talvez alegre.

Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio, achei-lhe um miolo gaiato, fino e até profundo.

Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas — transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria.

Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoadado da antiga condição — agora é que ele se desbancava: comprou um escravo e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera.

Vejam as sutilezas do maroto!

CAPÍTULO LXIX

Um grão de sandice

Este caso faz-me lembrar um doido que conheci. Chamava-se Romualdo e dizia ser Tamerlão. Era a sua grande e única mania, e tinha uma curiosa maneira de a explicar.

— Eu sou o ilustre Tamerlão — dizia ele. — Outrora fui Romualdo, mas adoeci, e tomei tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, que fiquei Tártaro, e até rei dos Tártaros. O tártaro tem a virtude de fazer Tártaros.

Pobre Romualdo! A gente ria da resposta, mas é provável que o leitor não se ria — e com razão; eu não lhe acho graça nenhuma. Ouvida, tinha algum chiste; mas assim contada, no papel, e a propósito de um vergaste recebido e transferido, força é confessar que é muito melhor voltar à casinha da Gamboa; deixemos os Romualdos e os Prudências.

CAPÍTULO LXX

D. Plácida

Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas.

E vejam agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de naufragos que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode dormir lá um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta — e todos abençoarão esse canto de terra que lhes deu algumas ilusões.

Virgília fez daquilo um brinco; designou as alfaias mais idôneas, e dispô-las com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros; e tudo ficou sob a guarda de D. Plácida, suposta — e, a certos respeitos, verdadeira — dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava,

a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste.

Eu queria angariá-la e não me dava por ofendido; tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido e não sei que outros toques de novela. D. Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência.

Ao cabo de seis meses, quem nos visse a todos três juntos diria que D. Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato: fiz-lhe um pecúlio de cinco contos — os cinco contos achados em Botafogo — como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos; e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem que tinha no quarto.

Foi assim que lhe acabou o nojo.

CAPÍTULO LXXI

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor.

Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios: guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! Folhas míseras do meu cipreste, haveis de cair como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte: se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar...

Heis de cair. Turvo é o ar que respirais, amadas
folhas. O sol que vos alumia, sendo de toda a gente, é um
sol opaco e reles, de cemitério e carnaval.

CAPÍTULO LXXII

O bibliómano

Talvez suprima o capítulo anterior; entre outros motivos, há ali, nas últimas linhas, uma frase muito parecida com despropósito, e eu não quero dar pasto à crítica do futuro.

Olhai: daqui a setenta anos, um sujeito magro, amarelo, grisalho, que não ama nenhuma outra coisa além dos livros, inclina-se sobre a página anterior, a ver se lhe descobre o despropósito; lê, relê, treslê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra a luz, espaneja-as, esfrega-as no joelho, lava-as — e nada. Fica sempre o mesmo despropósito.

É um bibliómano. Não conhece o autor; este nome de Brás Cubas não vem nos seus dicionários biográficos. Achou o volume, por acaso, no pardieiro de um alfarrabista. Comprou-o por duzentos réis. Indagou, pesquisou, esgaravatou e veio a descobrir que era um exemplar único. Único!

Vós, que não só amais os livros, senão que padeceis a mania deles, sabeis muito bem o valor desta palavra e adivinhais, portanto, as delícias do meu bibliómano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se tivesse de trocá-los por esse exemplar único; e não porque fosse o das minhas *Memórias*: faria a mesma coisa com o Almanak de Laemert, uma vez que fosse único.

O pior é o despropósito. Lá continua o homem inclinado sobre a página, com uma lente no olho direito, todo entregue à nobre e áspera função de decifrar o despropósito. Já prometeu a si mesmo escrever uma breve memória, na qual relate o achado do livro e a descoberta da sublimidade, se a houver por baixo daquela frase obscura.

Ao cabo, não descobre nada e contenta-se com a posse. Fecha o livro, mira-o, remira-o, chega-se à janela e mostra-o ao sol. Um exemplar único!

Nesse momento, passa-lhe por baixo da janela um César ou um Cromwel, a caminho do poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro devagar, com amor, aos goles...

Um exemplar único!

CAPÍTULO LXXIII

O lunch

O despropósito fez-me perder outro capítulo. Que melhor não era dizer as coisas lisamente, sem todos estes solavancos! Já comparei o meu estilo ao andar dos ébrios. Se a ideia vos parece indecorosa, direi que ele é o que eram as minhas refeições com Virgília, na casinha da Gamboa, onde às vezes fazíamos a nossa patuscada, o nosso *lunch*. Vinho, frutas, compotas. Comíamos, é verdade, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces, de olhares ternos, de criancices, uma infinidade desses apartes do coração, aliás o verdadeiro, o ininterrupto discurso do amor.

Às vezes vinha o arrufo temperar o nímio adocicado da situação. Ela deixava-me, refugiava-se num canto do canapé, ou ia para o interior ouvir as denguiques de D. Plácida. Cinco ou dez minutos depois, reatávamos a palestra, como eu reato a narração, para desatá-la outra vez.

Note-se que, longe de termos horror ao método, era nosso costume convidá-lo, na pessoa de D. Plácida, a

sentar-se connosco à mesa; mas D. Plácida não aceitava nunca.

— Você parece que não gosta mais de mim — disse-lhe um dia Virgília.

— Virgem Nossa Senhora! — exclamou a boa dama, alçando as mãos para o teto. — Não gosto de Iaiá! Mas então de quem é que eu gostaria neste mundo?

E, pegando-lhe nas mãos, olhou-a fixamente, fixamente, fixamente, até molharem-se-lhe os olhos, de tão fixo que era. Virgília acariciou-a muito; eu deixei-lhe uma pratinha na algibeira do vestido.

CAPÍTULO LXXIV

História de D. Plácida

Não te arrependas de ser generoso; a pratinha rendeu-me uma confiança de D. Plácida, e, conseqüentemente, este capítulo. Dias depois, como eu a achasse só em casa, travamos palestra, e ela contou-me em breves termos a sua história.

Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros misteres de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze ou dezasseis, casou com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva, com pouco mais de vinte anos, ficaram a seu cargo a filha, com dois, e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar três pessoas.

Fazia doces, que era o seu officio, mas cosia também, de dia e de noite, com afinco, para três ou quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. Com isso iam passando os anos — não a beleza, porque nunca a tivera. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas, seduçõs, a que resistia.

— Se eu pudesse encontrar outro marido — disse-me ela —, creia que me teria casado; mas ninguém queria casar comigo.

Um dos pretendentes conseguiu fazer-se aceito; não sendo, porém, mais delicado que os outros, D. Plácida despediu-o do mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito. Continuou a coser para fora e a escumar os tachos. A mãe tinha a rabugem do temperamento, dos anos e da necessidade; mortificava a filha para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião, que lhe apareciam. E bradava:

— Queres ser melhor do que eu? Não sei donde te vêm essas fidúcias de pessoa rica! Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Esperas algum fidalgo, não é?

D. Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era gênio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe não o fora, e conhecia algumas que tinham só o seu moço delas; mas era gênio, e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra coisa. E trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão e os olhos ao candeeiro, para comer e não cair.

Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a por subscrição, e continuou a trabalhar. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha e não fazia nada, exceto namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula. D. Plácida vivia cheia de cuidados, levando-a consigo quando tinha de ir entregar costuras; e a gente

das lojas arregalava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra coisa. Alguns chegavam a fazer “propostas”. A mãe ouviu mais de uma.

Um dia, a filha fugiu-lhe: foi-se com um sujeito — “nem quero saber”, disse a pobre senhora. Ficou só, e tão triste, tão triste, que pensou morrer. Não tinha ninguém mais no mundo, e estava quase velha e doente.

Foi por esse tempo que conheceu a família de Virgília: boa gente, que lhe deu que fazer, e até chegou a dar-lhe casa. Esteve lá muitos meses, um ano, mais de um ano, agregada, costurando. Saiu quando Virgília casou.

Depois viveu como Deus foi servido. “Olhe os meus dedos, olhe estas mãos...” — E mostrou-me as mãos grossas e gretadas, as pontas dos dedos picadas de agulha. — “Não se cria isto à toa, meu senhor; Deus sabe como é que isto se cria... Felizmente, Iaiá me protegeu, e o senhor também... Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola...”

Ao soltar a última frase, D. Plácida teve um calafrio. Depois, como se tomasse consciência de que se confessava ao amante de uma mulher casada, começou a rir, a desdizer-se, a chamar-se tola, “cheia de fídúcias”, como lhe dizia a mãe. E, cansada do meu silêncio, retirou-se da sala.

Eu fiquei a olhar para a ponta do botim.

CAPÍTULO LXXV

Comigo

Podendo acontecer que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que D. Plácida saiu da sala. O que eu disse foi isto:

— Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama que devia ser sua colaboradora na vida de D. Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou D. Plácida. É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu; mas, se falasse, podia dizer aos autores de seus dias:

— “Aqui estou. Para que me chamastes?”

E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam:

— “Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal ou não comer, andar de um lado para outro na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora,

logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura — até acabar um dia na lama ou no hospital. Foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.”

CAPÍTULO LXXVI

O estrume

Subitamente, deu-me a consciência um repêlo; acusou-me de ter feito capitular a probidade de D. Plácida, obrigando-a a um papel torpe, depois de uma longa vida de trabalho e privações. Mediadora não era, melhor que concubina; e eu a tinha baixado a esse ofício, à custa de obséquios e dinheiros.

Foi o que me disse a consciência; e eu fiquei uns dez minutos sem saber que lhe replicasse. Ela acrescentou que eu me aproveitara da fascinação exercida por Virgília sobre a ex-costureira, da gratidão desta, enfim da necessidade. Notou a resistência de D. Plácida, as lágrimas dos primeiros dias, as caras feias, os silêncios, os olhos baixos, e a minha arte em suportar tudo isso, até vencê-la. E repuxou-me outra vez, de um modo irritado e nervoso.

Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice de D. Plácida estava agora ao abrigo da mendicidade; era uma compensação.

E raciocinei então que, se não fossem os meus amores, provavelmente D. Plácida acabaria como tantas

outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã.

A consciência concordou, e eu fui abrir a porta a Virgília.

CAPÍTULO LXXVII

Entrevista

Virgília entrou risonha e sossegada. Os tempos tinham levado os sustos e vexames. Que doce que era vê-la chegar, nos primeiros dias, envergonhada e trêmula! Ia de sege, velado o rosto, envolvida numa espécie de mantéu que lhe disfarçava as ondulações do talhe. Da primeira vez, deixou-se cair no canapé, ofegante, escarlate, com os olhos no chão; e, palavra! em nenhuma outra ocasião a achei tão bela, talvez porque nunca me senti mais lisonjeado.

Agora, porém, como eu dizia, tinham acabado os sustos e vexames; as entrevistas entravam no período cronométrico. A intensidade do amor era a mesma; a diferença é que a chama perdera o tresloucado dos primeiros dias, para constituir-se um simples feixe de raios, tranquilo e constante, como nos casamentos.

— Estou muito zangada com você — disse ela, sentando-se.

— Porquê?

— Porque não foi lá ontem, como me tinha dito. O Damião perguntou muitas vezes se você não iria, ao menos, tomar chá. Por que é que não foi?

Com efeito, eu havia faltado à palavra que dera, e a culpa era toda de Virgília. Questão de ciúmes. Essa mulher esplêndida sabia que o era, e gostava de o ouvir dizer, fosse em voz alta ou baixa. Na antevéspera, em casa da baronesa, valsara duas vezes com o mesmo peralta, depois de lhe escutar as cortesanices ao canto de uma janela. Estava tão alegre! tão derramada! tão cheia de si! Quando descobriu, entre as minhas sobrancelhas, a ruga interrogativa e ameaçadora, não teve nenhum sobressalto, nem ficou subitamente séria; mas deitou ao mar o peralta e as cortesanices. Veio depois a mim, tomou-me o braço e levou-me até outra sala, menos povoada, onde se me queixou de cansaço e disse muitas outras coisas com o ar pueril que costumava ter em certas ocasiões; e eu ouvi-a quase sem responder nada.

Agora mesmo, custava-me responder alguma coisa; mas, enfim, contei-lhe o motivo da minha ausência. Não, eternas estrelas, nunca vi olhos mais pasmados. A boca semiaberta, as sobrancelhas arqueadas, uma estupefação visível, tangível, que se não podia negar. Tal foi a primeira réplica de Virgília; abanou a cabeça com um sorriso de piedade e ternura que inteiramente me confundiu.

— Ora você!

E foi tirar o chapéu, lépida, jovial, como a menina que torna do colégio; depois veio a mim, que estava

sentado, deu-me pancadinhas na testa com um só dedo, repetindo:

— Isto, isto...

E eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa. Era claro que me enganara.

CAPÍTULO LXXVIII

A presidência

Certo dia, meses depois, entrou o Lobo Neves em casa dizendo que iria talvez ocupar uma presidência de província. Olhei para Virgília, que empalideceu; ele, que a viu empalidecer, perguntou-lhe:

— A modo que não gostaste, Virgília?

Virgília abanou a cabeça.

— Não me agrada muito — foi a sua resposta.

Não se disse mais nada; mas, de noite, o Lobo Neves insistiu no projeto, um pouco mais resolutamente do que de tarde; e, dois dias depois, declarou à mulher que a presidência era coisa definitiva. Virgília não pôde dissimular a repugnância que isso lhe causava. O marido respondia a tudo com as necessidades políticas. E acrescentava:

— Não posso recusar o que me pedem; é até conveniência nossa, do nosso futuro, dos teus braços, meu amor, porque eu prometi que serias marquesa, e nem baronesa estás. Dirás que sou ambicioso? Sou-o deveras, mas é preciso que me não ponhas um peso nas asas da ambição.

Virgília ficou desorientada. No dia seguinte achei-a triste, na casa da Gamboa, à minha espera; tinha dito tudo a D. Plácida, que buscava consolá-la como podia. Não fiquei menos abatido.

— Você há de ir connosco — disse-me Virgília.

— Está doida? Seria uma insensatez.

— Mas então...?

— Então, é preciso desfazer o projeto.

— É impossível.

— Já aceitou?

— Parece que sim.

Levantei-me, atirei o chapéu a uma cadeira e entrei a passear de um lado para outro, sem saber o que faria. Cogitei largamente e não achei nada. Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela.

— Nesta pequenina mão está toda a minha existência — disse eu —; você é responsável por ela: faça o que lhe parecer.

Virgília teve um gesto aflito; eu fui encostar-me ao consolo fronteiro. Decorreram alguns instantes de silêncio; ouvíamos somente o latir de um cão e, não sei, talvez o rumor da água que morria na praia.

Vendo que ela não falava, olhei para ela. Virgília tinha os olhos no chão, parados, sem luz, as mãos deixadas sobre os joelhos, com os dedos cruzados, na atitude da suprema desesperança. Noutra ocasião, por diferente motivo, é certo que eu me lançaria aos pés dela e a ampararia com a minha razão e a minha ternura;

agora, porém, era preciso compeli-la ao esforço de si mesma, ao sacrifício, à responsabilidade da nossa vida comum, e, conseqüentemente, desampará-la, deixá-la, e sair. Foi o que fiz.

— Repito: a minha felicidade está nas tuas mãos — disse eu.

Virgília quis agarrar-me, mas eu já estava fora da porta. Cheguei a ouvir um prorromper de lágrimas, e digo-lhes que estive a ponto de voltar, para as enxugar com um beijo; mas subjuguiei-me e saí.

CAPÍTULO LXXIX

Compromisso de gato

Não acabaria se houvesse de contar pelo miúdo o que padececi nas primeiras horas. Vacilava entre um querer e um não querer, entre a piedade que me empuxava à casa de Virgília e outro sentimento — egoísmo, suponhamos — que me dizia:

— *Fica; deixa-a a sós com o problema; ela o resolverá no sentido do amor.*

Creio que essas duas forças tinham igual intensidade; investiam e resistiam ao mesmo tempo, com ardor, com tenacidade, e nenhuma cedia definitivamente. Às vezes sentia um dentinho de remorso; parecia-me que abusava da fraqueza de uma mulher amante e culpada, sem nada sacrificar nem arriscar de mim próprio; e, quando ia a capitular, vinha outra vez o amor e repetia o conselho egoísta, e eu ficava irresoluto e inquieto, desejoso de a ver e receoso de que a vista me levasse a compartilhar a responsabilidade da solução.

Por fim, interveio um compromisso entre o egoísmo e a piedade: eu iria vê-la em casa, *e só em casa*, em presença do marido, para lhe não dizer nada, à espera do

efeito da minha intimação. Deste modo podia conciliar as duas forças.

Agora, que isto escrevo, quer-me parecer que o compromisso era uma burla, que essa piedade era ainda uma forma de egoísmo, e que a resolução de ir consolar Virgília não passava de uma sugestão de meu próprio padecimento. Ocorre-me, a este propósito, um naturalista — não me lembra qual, mas era um naturalista — em quem li esta observação curiosa:

“O gato não nos afaga; afaga-se em nós.”

Vejo que eu fazia um compromisso de gato.

CAPÍTULO LXXX

Do secretário

Na noite seguinte fui efetivamente à casa do Lobo Neves; estavam ambos — Virgília muito triste, ele muito jovial. Juro que ela sentiu certo alívio quando os nossos olhos se encontraram, cheios de curiosidade e ternura; e não direi o que senti, porque isso já ficou expresso no capítulo anterior, *in fine*. O Lobo Neves contou-me os planos que levava para a presidência, as dificuldades locais, as esperanças, as resoluções; estava tão contente! tão esperançado! Virgília, ao pé da mesa, fingia ler um livro, mas por cima da página olhava-me de quando em quando, interrogativa e ansiosa.

— O pior — disse-me de repente o Lobo Neves — é que ainda não achei secretário.

— Não?

— Não, e tenho uma ideia.

— Ah!

— Uma ideia... Quer você dar um passeio ao Norte? Não sei o que lhe disse.

— Você é rico — continuou ele —, não precisa de um magro ordenado; mas, se quisesse obsequiar-me, ia de secretário comigo.

Meu espírito deu um salto para trás, como se descobrisse uma serpente diante de si. Encarei o Lobo Neves, fixamente, imperiosamente, a ver se lhe apanhava algum pensamento oculto... Nem sombra disso; o olhar vinha direito e franco, a placidez do rosto era natural, não violenta — uma placidez salpicada de alegria. Respirei, e não tive ânimo de olhar para Virgília. Senti por cima da página o olhar dela, que me pedia também a mesma coisa, e disse que sim, que iria.

Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário — era resolver as coisas de um modo administrativo.

CAPÍTULO LXXXI

A reconciliação

E, contudo, ao sair de lá, tive umas sombras de dúvida; cogitei se não iria expor insanamente a reputação de Virgília, se não haveria outro meio razoável de combinar o Estado e a Gamboa. Não achei nada. No dia seguinte, ao levantar-me da cama, trazia o espírito feito e resoluto a aceitar a nomeação.

Ao meio-dia, veio o criado dizer-me que estava na sala uma senhora, coberta com um véu. Corro: era minha irmã Sabina.

— Isto não pode continuar assim — disse ela —; é preciso que, de uma vez por todas, façamos as pazes. Nossa família está acabando; não havemos de ficar como dois inimigos.

— Mas se eu não te peço outra coisa, mana! — bradei eu, estendendo-lhe os braços.

E sentei-a ao pé de mim, e falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo. Tudo ia bem; a filha estava linda como os amores. O marido viria mostrar-ma, se eu consentisse.

— Ora essa! Irei eu mesmo vê-la.

— Sim?

— Palavra.

— Tanto melhor! — respirou Sabina. — É tempo de acabar com isto.

Achei-a mais gorda, e talvez mais moça. Parecia ter vinte anos, e contava mais de trinta. Graciosa, afável, nenhum acanhamento, nenhum ressentimento. Olhávamos um para o outro, com as mãos seguras, falando de tudo e de nada, como dois namorados. Era a minha infância que ressurgia, fresca, travessa e loura; os anos iam caindo, como as fileiras de cartas de jogar encurvadas, com que eu brincava em pequeno, e deixavam-me ver a nossa casa, a nossa família, as nossas festas.

Suportei a recordação com algum esforço; mas um barbeiro da vizinhança lembrou-se de zangarrear na clássica rabeca, e aquela voz — porque até então a recordação era muda — aquela voz do passado, fanhosa e saudosa, a tal ponto me comoveu que...

Os olhos dela estavam secos. Sabina não herdara a flor amarela e mórbida. Que importa? Era minha irmã, meu sangue, um pedaço de minha mãe, e eu disse-lhe isso com ternura, com sinceridade...

Subitamente, ouço bater à porta da sala; vou abrir: era um anjinho de cinco anos.

— Entra, Sara — disse Sabina.

Era minha sobrinha. Apanhei-a do chão, beijei-a muitas vezes; a pequena, espantada, empurrava-me o ombro com a mãozinha, quebrando o corpo para

descer... Nisto aparece à porta um chapéu, e logo um homem — o Cotrim, nada menos que o Cotrim. Eu estava tão comovido que deixei a filha e lancei-me aos braços do pai.

Talvez essa efusão o desconcertasse um pouco; é certo que me pareceu acanhado. Simples prólogo. Daí a pouco falávamos como bons amigos velhos. Nenhuma alusão ao passado, muitos planos de futuro, promessa de jantarmos em casa um do outro; e não deixei de dizer que essa troca de jantares podia ter uma curta interrupção, porque eu andava com ideias de uma viagem ao Norte.

Sabina olhou para o Cotrim, o Cotrim para Sabina; ambos concordaram que aquelas ideias não tinham senso comum.

— Que diacho podia você achar no Norte? Pois não era na Corte, em plena Corte, que devia continuar a luzir, a meter num chinelo os rapazes do tempo? — dizia o Cotrim, todo animado. — Na verdade, nenhum havia que se comparasse a você. Eu acompanhava-o de longe e, não obstante uma briga ridícula, sempre tive interesse, orgulho, vaidade nos seus triunfos. Ouvia o que se dizia a seu respeito nas ruas e nas salas: um concerto de louvores e admirações! E deixa isso para ir passar alguns meses na província, sem necessidade, sem motivo sério? A menos que não fosse política...

— Justamente política — disse eu.

— Nem assim — replicou ele, depois de um instante. — E, depois de outro silêncio: — Seja como for, venha jantar hoje connosco.

— Certamente que vou; mas amanhã ou depois hão de vir jantar comigo.

— Não sei, não sei — objetou Sabina —; casa de homem solteiro... Você precisa casar, mano. Também eu quero uma sobrinha, ouviu?

O Cotrim reprimiu-a com um gesto que não entendi bem. Não importa; a reconciliação de uma família vale bem um gesto enigmático.

CAPÍTULO LXXXII

Questão de botânica

Digam o que quiserem dizer os hipocondríacos: a vida é uma coisa doce. Foi o que eu pensei comigo ao ver Sabina, o marido e a filha descerem, de tropel, as escadas, dizendo muitas palavras afetuosas para cima, onde eu ficava — no patamar — a dizer-lhes outras tantas para baixo. E continuei a pensar que, na verdade, era feliz.

Amava-me uma mulher; tinha a confiança do marido; ia por secretário de ambos; e reconciliava-me com os meus. Que podia desejar mais, em vinte e quatro horas?

Nesse mesmo dia, tratando de aparelhar os ânimos, comecei a espalhar que talvez fosse para o Norte, como secretário de província, a fim de realizar certos desígnios políticos que me eram pessoais. Disse-o na Rua do Ouvidor; repeti-o no dia seguinte, no Pharoux e no teatro. Alguns, ligando a minha nomeação à do Lobo Neves, que já andava em boatos, sorriam maliciosamente; outros batiam-me no ombro. No teatro,

disse-me uma senhora que era levar muito longe o amor da escultura. Referia-se às belas formas de Virgília.

Mas a alusão mais rasgada que me fizeram foi em casa de Sabina, três dias depois. Fê-la um certo Garcez, velho cirurgião, pequenino, trivial e grulha, que podia chegar aos setenta, aos oitenta, aos noventa anos, sem adquirir jamais aquela compostura austera, que é a gentileza do ancião. A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

— Já sei; desta vez vai ler Cícero — disse-me ele, ao saber da viagem.

— Cícero! — exclamou Sabina.

— Pois então? Seu mano é um grande latinista. Traduz Virgílio de relance. Olhe que é Virgílio, e não Virgília... não confunda...

E ria, de um riso grosso, rasteiro e frívolo. Sabina empalideceu e olhou para mim, receosa de alguma réplica; mas sorriu quando me viu sorrir e voltou o rosto para disfarçá-lo.

CAPÍTULO LXXXIII

13

O Cotrim tirou-me daquele gozo, levando-me à janela. —Você quer que lhe diga uma cousa? perguntou ele; —não faça essa viagem; é insensata, é perigosa. ele; —ué? —Você bem sabe porque, tornou ele: é, sobretudo, perigosa, muito perigosa. Aqui na corte, um caso desses perde-se na multidão da gente e dos interesses; mas na província muda de figura; e tratando-se de personagens políticos, é realmente insensatez. As gazetas de oposição, logo que farejarem o negócio, passam a imprimi-lo com todas as letras, e aí virão as chufas, os remoques, as alcunhas... —Mas não entendo... — Entende, entende; e, na verdade, seria bem pouco amigo nosso, se me negasse o que toda a gente sabe. Eu sei disso há longos meses. Repito, não faça semelhante viagem; suporte a ausência, que é melhor, e evite algum grande escândalo e maior desgosto... Disse isto, e foi para dentro. Eu deixei-me estar com os olhos no lampião da esquina, —um antigo lampião de azeite, —triste, obscuro e recurvado, como um ponto de interrogação. Que me cumpria fazer? Era o caso de Hamlet: ou dobrar-

me á fortuna, ou lutar com ela e subjugá-la. Por outros termos: embarcar ou não embarcar. Esta era a questão. O lampião não me dizia nada. As palavras do Cotrim ressoavam-me aos ouvidos da memória, de um modo bem diverso do das palavras do Garcez. Talvez o Cotrim tivesse razão: mas podia eu separar-me de Virgília? Sabina veio ter comigo, e perguntou-me em que estava pensando. Respondi que em cousa nenhuma, que tinha sono e ia para casa. Sabina esteve um instante calada. — O que você precisa, sei eu; é uma noiva. Deixe, que eu ainda arranjo uma noiva para você. Saí de lá oprimido, desorientado. Tudo pronto para embarcar, —espírito e coração, —e eis ahi me surge esse porteiro das conveniências, que me pede o cartão de ingresso. Dei ao diabo as conveniências, e com elas a constituição, o corpo legislativo, o ministério, tudo. No dia seguinte, abro uma folha política e leio a notícia de que, por decretos de 13, tínhamos sido nomeados presidente e secretario da província de *** o Lobo Neves e eu. Escrevi imediatamente a Virgília, e segui duas horas depois para a Gamboa. Coitada de D. Plácida! Estava cada vez mais aflita; perguntou-me se esqueceríamos a nossa velha, se a ausência era grande e se a província ficava longe. Consolei-a; mas eu próprio precisava de consolações; a objeção do Cotrim afligia-me profundamente. Virgília chegou daí a pouco, lépida como uma andorinha; mas, ao ver-me triste, ficou muito seria. —Que aconteceu? —Vacilo, disse eu; não sei se devo aceitar... Virgília deixou-se cair, no canapé, a rir. —

Porque? disse ela. —Não é conveniente, dá muito na vista... —Mas nós já não vamos. —Como assim? Contou-me que o marido ia recusar a nomeação, e por motivo que só disse a ela, pedindo-lhe o maior segredo; não podia confessá-lo a ninguém mais. —É pueril, observou ele, é ridículo; mas em suma, é um motivo poderoso para mim. E referiu-lhe que o decreto trazia a data de 13, e que esse número significava para ele uma recordação fúnebre. O pai morreu num dia 13, treze dias depois de um jantar, em que havia treze pessoas. A casa em que morrera a mãe tinha o n. 13. *Et cætera*. Era um algarismo fatídico. Não podia alegar semelhante coisa ao ministro; dir-lhe-ia que tinha razões particulares para não aceitar. Eu fiquei como há de estar o leitor, —um pouco assombrado com esse sacrifício a um número; mas, sendo ele ambicioso, o sacrifício devia ser sincero... E ficávamos. Para alguma coisa há de servir a superstição dos homens.

CAPÍTULO LXXXIV

O conflito

Número fatídico, quantas vezes te abençoei! Assim também as virgens ruivas de Tebas hão de ter abençoado a égua de crina ruiva que as substituiu no sacrifício de Pelópidas — uma boa égua, que morreu coberta de flores, sem que ninguém lhe desse uma palavra de saudade. Pois dou-ta eu, égua piedosa — não só pela morte que tiveste, mas porque, entre as donzelas salvas, talvez figurasse uma avó dos Cubas...

Número fatídico, tu foste a nossa salvação.

O marido não me confessou a verdadeira causa da recusa; disse-me também que eram negócios particulares — e o rosto sério, convicto, com que o ouvi, honrou a dissimulação humana. Mas não conseguia encobrir a tristeza que o minava: falava pouco, recolhia-se, lia; outras vezes recebia visitas e ria muito, com estardalhaço e afetação.

Oprimiam-no duas coisas: a ambição frustrada por um escrúpulo, e a dúvida — talvez o arrependimento.

Arreponder-se-ia outra vez, se o caso se repetisse: o fundo supersticioso persistia. Duvidava da superstição

— sem chegar a rejeitá-la. Essa persistência de um sentimento que repugna ao próprio indivíduo era fenómeno digno de estudo.

Mas eu preferia a pura ingenuidade de D. Plácida, que me confessava não poder ver um sapato virado para cima.

— *Que tem isso?*

— *Faz mal.*

Só isto. Esta resposta única valia, para ela, o Livro dos Sete Selos. Faz mal — e bastava.

Já quanto a apontar uma estrela com o dedo, sabia bem: dava verruga.

Ora verruga, ora outra coisa — que valia isso para quem não perde uma presidência de província? Tolera-se superstição barata; é insuportável a que invade a vida inteira. Tal era o caso de Lobo Neves, com o acréscimo do terror de ter sido ridículo. E mais: o ministro não acreditou nas tais “razões particulares”; julgou haver intrigas políticas; tratou-o mal; espalhou a suspeita entre os colegas; surgiram incidentes; e, com o tempo, o presidente resignatário passou para a oposição.

CAPÍTULO LXXXV

O cimo da montanha

Quem escapa a um perigo ama a vida com mais ardor. Eu passei a amar Virgília ainda mais, depois de ter estado a pique de a perder — e ela sentiu o mesmo.

Assim, a presidência apenas reacendeu a nossa afeição primitiva; foi a droga de Malabar que torna o amor mais saboroso e mais precioso.

Nos primeiros dias, depois do incidente, divertíamos-nos a imaginar a dor da separação — se houvesse separação — a tristeza de um e de outro, conforme o mar, como toalha elástica, se fosse estendendo entre nós. E, como crianças que se agarram ao regaço da mãe para fugir a uma careta, fugíamos do perigo imaginário abraçando-nos.

— *Minha boa Virgília!*

— *Meu amor!*

— *Tu és minha, não?*

— *Tua, tua...*

Assim reatámos o fio da aventura, como Scheherazade nos seus contos. Creio que foi o ponto máximo do nosso amor: o cume da montanha, donde

avistávamos, por algum tempo, os vales de leste e oeste,
e sobre nós o céu tranquilo e azul.

Depois começou a descida — lenta, de mãos dadas
ou soltas — mas descida, descida...

CAPÍTULO LXXXVI

O mistério

Serra abaixo, vendo-a um pouco diferente — abatida, talvez — perguntei-lhe o que tinha. Calou-se, fez gesto de enfado, de mal-estar, de fadiga. Insisti. Ela disse-me que...

Um fluido subtil percorreu-me todo o corpo — sensação forte, rápida, singular, impossível de fixar no papel.

Agarrei-lhe as mãos, puxei-a para mim, beijei-a na testa com delicadeza de zéfiro e gravidade de Abraão. Ela estremeceu, tomou-me a cabeça entre as palmas, fitou-me, e depois afagou-me com gesto maternal...

Eis aqui um mistério; deixemos ao leitor tempo para decifrá-lo.

CAPÍTULO LXXXVII

Geologia

Aconteceu, então, um desastre: a morte do Viegas.

O Viegas aparecera de relance num capítulo: setenta anos, sufocado de asma, desconjuntado de reumatismo, coração lesado. Fora um dos finos espreitadores da nossa aventura. Virgília alimentava esperança de que o velho parente, avaro como um jazigo, deixasse algo ao filho. Se o marido pensava o mesmo, encobria — ou sufocava — o pensamento.

O Lobo Neves tinha certa dignidade fundamental — uma camada de rocha que resistia. As camadas superiores — terra solta e areia — a vida levava-lhas, que é um enxurro perpétuo. Se o leitor se lembra do capítulo XXXIII, verá que é a segunda vez que comparo a vida a um enxurro; mas desta vez acrescentei “perpétuo”. E Deus sabe o peso de um adjetivo — sobretudo em países novos e cálidos.

A novidade deste capítulo é a geologia moral do Lobo Neves — e, provavelmente, a do leitor. Essas camadas de carácter, que a vida altera, conserva ou

dissolve, conforme a resistência delas, dariam um belo capítulo — que não escrevo para não alongar a narrativa.

Digo apenas que o homem mais probo que conheci foi um tal Jacob Medeiros — ou Jacob Valadares, talvez Rodrigues; em suma, Jacob. Probidade pura. Podia ter-se tornado rico, forçando um pequeno negócio — não quis; deixou escapar uns quatrocentos contos. Era tão exemplar que chegava a ser cansativo.

Um dia, conversávamos em sua casa quando anunciaram o Dr. B., sujeito enfadonho. O Jacob mandou dizer que não estava.

— *Não pega!* — gritou uma voz no corredor. — *Cá estou dentro!*

E realmente apareceu. Jacob recebeu-o com satisfação fingida, afirmando que pensara ser outra pessoa, e que tinha grande prazer em vê-lo — o que nos rendeu hora e meia de tédio mortal.

Quando finalmente saiu, disse ao Jacob que acabara de mentir quatro vezes:

1. ao negar-se;
2. ao fingir alegria;
3. ao dizer que ia sair;
4. ao acrescentar que ia com a mulher.

Jacob refletiu e concordou, mas justificou-se: a veracidade absoluta é incompatível com sociedade adiantada; a paz das cidades só se mantém à custa de pequenas dissimulações...

Lembrei-me agora: chamava-se Jacob Tavares.

CAPÍTULO LXXXVIII

O enfermo

Refutei semelhante doutrina com os argumentos mais simples; mas Jacob estava tão vexado com o meu reparo que resistiu até ao fim, talvez para abafar a consciência.

O caso de Virgília era mais grave. Ela era menos escrupulosa do que o marido; manifestava claramente as esperanças no legado; cumulava o velho parente de atenções, afetos, carícias — tudo quanto pudesse render ao menos um codicilo. Adulava-o — mas a adulação feminina difere da masculina: esta roça a servilismo; aquela confunde-se com afeição. A graça das formas, a suavidade da palavra, a própria fraqueza física dão à lisonja feminina um ar legítimo.

Não importa a idade do adulado; a mulher terá sempre com ele algum ar de mãe, de irmã — ou de enfermeira, ofício em que o homem mais habilidoso carece de um *quid*, um fluido, algo inimitável.

Assim pensava eu ao vê-la desfazer-se em agrados ao velho. Recebia-o à porta, rindo e conversando; tirava-lhe o chapéu e a bengala; dava-lhe o braço;

conduzia-o à cadeira — à cadeira *dele*, obra especial, acolchoada, feita para enfermos. Fechava ou abria a janela conforme a brisa — mas sem lhe dar golpe de ar.

— *Então? hoje está mais forte?*

— *Qual! Passei mal a noite; esta asma não me deixa.*

Bufava. Descansava da subida, pois o caminho fizera-o sempre de sege. Virgília sentava-se ao lado dele numa banqueta. O “nhonhô” chegava à sala sério, discreto — e o Viegas gostava muito dele:

— *Vem cá, nhonhô.*

E tirava pastilhas da algibeira — pastilhas antiasmáticas — dava uma ao menino e outra para si.

Se gostava de jogar damas, Virgília jogava com ele. Outras vezes passeavam na chácara; sentavam-se; tornavam a andar. Conversavam de tudo: negócios de família, fofocas de alcova, ou a casa nova que o Viegas planeava construir — moderna, com terraço, cocheira, quartos espaçosos. A antiga era do tempo de D. João VI, com colunas grossas na frente — como algumas que ainda se veem em São Cristóvão. Já mandara fazer o risco a um pedreiro famoso.

Falava lentamente, arfando, com interrupções de tosse; curvado, levava o lenço à boca e examinava-o. Depois retomava o plano da casa — um primor.

CAPÍTULO LXXXIX

In extremis

— *Amanhã vou passar o dia em casa do Viegas, disse-me Virgília. — Coitado! Não tem ninguém...*

Viegas caíra definitivamente na cama; a filha, casada, adoecera e não podia assisti-lo. Virgília ia lá frequentemente. Eu aproveitei a circunstância para passar o dia inteiro ao lado dela.

Cheguei às duas. O Viegas tossia com tal força que me ardia o peito ouvi-lo. No intervalo dos acessos, discutia o preço de uma casa com um sujeito magro. O comprador oferecia trinta contos; Viegas exigia quarenta. O sujeito implorava como quem teme perder o comboio; mas Viegas não cedia: recusou os trinta, depois trinta e dois, depois trinta e três... Até que um forte acesso lhe cortou a fala por quinze minutos.

O comprador ajeitou-lhe os travesseiros, acarinhou-o, e ofereceu trinta e seis contos.

— *Nunca!* — gemeu o enfermo.

Mandou então buscar um maço de papéis da escrevaninha. Como não tinha forças para retirar a fita de

borracha, pediu-me que os soltasse. Eram contas da construção da casa: pedreiro, carpinteiro, pintor, papéis das salas, ferragens, terreno.

Ele abria-as com mão trémula, mandava-me ler — e eu lia.

— *Veja: mil e duzentos — papel a mil e duzentos a peça. Dobradiças francesas... Veja: isto é de graça!*

— *Pois bem... mas...*

— *Quarenta contos; não dou por menos. Só os juro... faça a conta dos juro...*

As palavras saíam tossidas, em golfadas, sílabas — como migalhas de um pulmão desfeito. Os olhos fundos brilhavam como lamparina da madrugada. Debaixo do lençol desenhava-se o esqueleto — pontudo nos joelhos e nos pés. A pele, amarelada e flácida, cobria apenas a caveira; e uma carapuça branca assentava no crânio gasto pelo tempo.

— *Então?* — insistiu o sujeito magro.

Fiz-lhe sinal para não insistir. Ele calou-se.

O doente ficou a olhar o teto, arfando muito. Virgília empalideceu, levantou-se, foi à janela. Suspeitara a morte — e tinha medo.

Procurei mudar de assunto. O sujeito magro contou uma anedota e tornou ao negócio:

— *Trinta e oito contos.*

— *Am?*... — gemeu o enfermo.

O comprador aproximou-se, pegou-lhe na mão — estava fria.

Aproximei-me também:

— *Sente alguma coisa? Quer tomar um cálice de vinho?*

— *Não... não... quar... quaren... quar... quar...*

Teve então um acesso de tosse — o último. Pouco depois expirava, para grande consternação do sujeito magro, que me confessou estar disposto a oferecer os quarenta contos — mas tarde demais.

CAPÍTULO XC

O velho colóquio de Adão e Caim

E nada. Nenhuma lembrança testamentária — nem uma pastilha — que ao menos não o fizesse parecer ingrato ou esquecido. Nada.

Virgília engoliu furiosa esse malogro e contou-mo com certa cautela: não pela coisa em si, mas porque dizia respeito ao filho, e sabia que eu não gostava dele — nem muito, nem pouco. Insinuei-lhe que não devia pensar mais nesse assunto. O melhor era esquecer o defunto — um lorpa, um cainho sem préstimo — e ocupar-se de coisas alegres: do nosso filho, por exemplo.

Aí escapou-me a decifração do mistério, aquele doce mistério de algumas semanas antes, quando Virgília me parecera um pouco diferente do habitual. Um filho! Um ser tirado do meu ser!

Essa era, então, a minha única preocupação. Olhos do mundo, ciúmes do marido, morte de Viegas — nada disso me importava. Nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos — nada.

Eu só pensava naquele embrião anónimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta dizia-me:

— É teu filho.

Meu filho!

E repetia estas palavras com uma voluptuosidade indefinível e um orgulho que me fazia sentir... homem.

O melhor era que conversávamos, ele e eu. Conversávamos sobre coisas presentes e futuras.

O maroto amava-me. Era um pelintra gracioso — dava-me pancadinhas na cara com as suas mãozinhas gordas; ou então envergava mentalmente a beca de bacharel (porque havia de ser bacharel), e pronunciava um discurso na câmara dos deputados — e o pai a ouvi-lo da tribuna, com os olhos rasos de lágrimas.

De bacharel voltava a ser colegial, pequenino, com lousa e livros debaixo do braço; ou caía no berço para tornar a erguer-se homem.

Em vão procurava fixar uma idade, uma atitude: aquele embrião tinha, para mim, todos os tamanhos e gestos. Mamava, escrevia, valsava — era tudo ao mesmo tempo, o interminável dentro de um quarto de hora: bebé e deputado, estudante e pintalegrete.

Às vezes, ao pé de Virgília, esquecia-me dela e de tudo o mais. Virgília sacudia-me, repreendia-me o silêncio, dizia que já não a amava.

A verdade é que eu estava em diálogo com o embrião.

Era o velho colóquio de Adão e Caim: conversa sem palavras entre vida e vida, mistério e mistério.

CAPÍTULO XCI

Uma carta extraordinária

Foi então que recebi uma carta extraordinária, acompanhada de um objecto não menos extraordinário. Eis o que dizia:

«Meu caro Brás Cubas, Há tempos, no Passeio Público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de lho restituir com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, mas outro — não digo superior, mas igual ao primeiro. *Que voulez-vous, monseigneur*, como dizia Fígaro — *c'est la misère*.

Muitas coisas sucederam depois do nosso encontro; contá-las-ei, se não me fechar a porta. Saiba que já não trago aquelas botas caducas, nem visto a célebre sobrecasaca cujas abas se perdiam nos confins do tempo. Cedi o meu degrau da escada de S. Francisco; finalmente, almoço.

Dito isto, peço licença para, um destes dias, lhe expor um trabalho fruto de longos estudos: um novo sistema de filosofia, que explica e descreve a origem e a consumação das coisas, e faz dar um grande passo além

de Zenão e Sêneca, cujo estoicismo era um brinquedo de crianças ao pé da minha receita moral.

É singularmente espantoso este meu sistema: retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe Humanitismo, de *Humanitas*, princípio das coisas.

A primeira ideia que me ocorreu era chamá-lo borbismo, de Borba; mas era denominação vaidosa, além de rude e molesta. E com certeza exprimia menos.

Verá, meu caro Brás Cubas, verá como é realmente um monumento; e se alguma coisa pode fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão, essas duas esquivas, depois de tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas.

Até breve, meu caro Brás Cubas. Saudades do Velho amigo Joaquim Borba dos Santos.»

Li esta carta sem a compreender. Com ela vinha uma caixinha contendo um bonito relógio com as minhas iniciais gravadas e esta inscrição:

“Lembrança do velho Quincas.”

Voltei à carta; reli-a com atenção. A restituição do relógio excluía qualquer ideia de troca; a lucidez, a serenidade e a convicção — um pouco jactanciosa, é certo — pareciam afastar a suspeita de loucura.

Naturalmente, Quincas Borba herdara qualquer coisa de parentes mineiros, e a abastança devolvera-lhe um resto da antiga dignidade. Não digo que fosse a

mesma — há coisas que não se recuperam integralmente
— mas a regeneração era possível.

Guardei a carta e o relógio — e fiquei à espera da
filosofia.

CAPÍTULO XCII

Um homem extraordinário

Já agora acabo com as cousas extraordinárias. Vinha de guardar a carta e o relógio, quando me procurou um homem magro e meão, com um bilhete do Cotrim, convidando-me para jantar. O portador era casado com uma irmã do Cotrim, chegara poucos dias antes do Norte, chamava-se Damasceno, e fizera a revolução de 1831. Foi ele mesmo que me disse isto, no espaço de cinco minutos. Saíra do Rio de Janeiro, por desacordo com o Regente, que era um asno, pouco menos asno do que os ministros que serviram com ele. De resto, a revolução estava outra vez às portas. Neste ponto, conquanto trouxesse as ideias políticas um pouco baralhadas, consegui organizar e formular o governo de suas preferências: era um despotismo temperado, — não por cantigas, como dizem alhures, — mas por penachos da guarda nacional. Só não pude alcançar se ele queria o despotismo de um, de três, de trinta ou de trezentos.

Opinava por várias cousas, entre outras, o desenvolvimento do tráfico dos africanos e a expulsão dos ingleses. Gostava muito de teatro; logo que chegou

foi ao teatro de S. Pedro, onde viu um drama soberbo, a *Maria Joana*, e uma comédia muito interessante, *Ketly, ou a volta à Suíça*. Também gostara muito da Deperini, na *Sapho*, ou na *Ana Bolena*, não se lembrava bem. Mas a Candiani! sim, senhor, era papa-fina. Agora queria ouvir o *Ernani*, que a filha dele cantava em casa, ao piano: *Ernani, Ernani, involami...* — e dizia isto levantando-se e cantarolando a meia voz.

No Norte essas cousas chegavam como um eco. A filha morria por ouvir todas as óperas. Tinha uma voz muito mimosa a filha. E gosto, muito gosto. Ah! ele estava ansioso por voltar ao Rio de Janeiro. Já havia corrido a cidade toda, com umas saudades... Palavra! em alguns lugares teve vontade de chorar. Mas não embarcaria mais. Enjoara muito a bordo, como todos os outros passageiros, exceto um inglês... Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora. Que é que a Inglaterra podia fazer-nos? Se ele encontrasse algumas pessoas de boa vontade, era obra de uma noite a expulsão dos tais godemes...

Graças a Deus, tinha patriotismo — e batia no peito — o que não admirava porque era de família; descendia de um antigo capitão-mor muito patriota. Sim, não era nenhum pé-rapado. Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...

Mas fazia-se tarde, ia dizer que eu não faltaria ao jantar, e lá me esperava para maior palestra. Levei-o até à porta da sala; ele parou dizendo que simpatizava muito comigo. Quando casara, estava eu na Europa. Conheceu

meu pai, um homem às direitas, com quem dançara num célebre baile da Praia Grande... Coisas! coisas! Falaria depois, fazia-se tarde, tinha de ir levar a resposta ao Cotrim. Saiu; fechei-lhe a porta... Uf!

CAPÍTULO XCIII

O jantar

Que suplício que foi o jantar! Felizmente, Sabina fez-me sentar ao pé da filha do Damasceno, uma D. Eulália, ou mais familiarmente Nhã-lóló, moça bem graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos e só tinham o defeito de se não arrancarem de mim, exceto quando desciam ao prato; mas Nhã-lóló comia tão pouco, que quase não olhava para o prato.

De noite cantou; a voz era como dizia o pai, «muito mimosa». Não obstante, esquivei-me. Sabina veio até à porta, e perguntou-me que tal achara a filha do Damasceno.

— Assim, assim.

— Muito simpática, não é? acudiu ela; falta-lhe um pouco mais de corte. Mas que coração! é uma pérola. Bem boa noiva para você.

— Não gosto de pérolas.

— Casmurro! Para quando é que você se guarda? para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu

rico, quer você queira quer não, há de casar com Nhã-lóló.

E dizia isto a bater-me na face com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo intimativa e resoluta. Santo Deus! seria esse o motivo da reconciliação? Fiquei um pouco desconsolado com a ideia, mas uma voz misteriosa chamava-me à casa do Lobo Neves; disse adeus a Sabina e às suas ameaças.

CAPÍTULO XCIV

A causa secreta

— Como está a minha querida mamã?

Ao ouvir esta palavra, Virgília amuou-se — como sempre. Estava junto à janela, sozinha, a olhar a lua, e recebeu-me alegremente; mas, quando mencionei *o nosso filho*, fechou-se logo. Não gostava daquelas minhas antecipadas carícias de pai; aborreciam-na.

E eu — para quem ela já era uma pessoa sagrada, uma espécie de âmbula divina — deixava-a ficar quieta.

A princípio, supus que o embrião, esse perfil do incógnito, projetado na nossa aventura, lhe devolvera a consciência da culpa. Enganava-me.

Nunca Virgília me parecera mais expansiva, mais livre, menos ocupada com os outros e com o marido. Não eram remorsos.

Depois imaginei que a gravidez fosse pura invenção, modo de me prender a ela, recurso de pouca duração, que talvez começasse a oprimi-la. Não era absurdo — a minha doce Virgília mentia às vezes com muita graça.

Mas, naquela noite, descobri a causa verdadeira.

Era o medo do parto e o vexame da gravidez.

Sofrera muito quando nascera o primeiro filho; aquela hora — feita de minutos de vida e minutos de morte — já lhe trazia, imaginariamente, os calafrios do patíbulo. Quanto ao vexame, vinha ainda agravado pela privação forçada de certos hábitos da vida elegante.

Com certeza era isso; dei-lho a entender, repreendendo-a um pouco em nome dos meus direitos de pai. Virgília fitou-me; depois desviou os olhos e sorriu com um ar de incredulidade.

CAPÍTULO XCV

Flores de antanho

Onde estão elas, as flores de antanho?

Uma tarde, após algumas semanas de gestação, esboroou-se todo o edifício das minhas quimeras paternais. Foi-se o embrião — nesse ponto em que já não se distingue Laplace de uma tartaruga.

Recebi a notícia pela boca de Lobo Neves, que me deixou na sala e acompanhou o médico ao quarto da mãe frustrada.

Eu encostei-me à janela, olhando a chácara onde verdejavam as laranjeiras — sem flores.

Onde estavam agora as flores de antanho?

CAPÍTULO XCVI

A carta anónima

Senti tocarem-me no ombro: era Lobo Neves. Fitámo-nos alguns instantes, mudos, inconsoláveis. Perguntei por Virgília; depois conversámos meia hora.

No fim desse tempo, trouxeram-lhe uma carta. Ele leu-a, empalideceu muito e fechou-a com a mão trémula. Creio ter-lhe visto um gesto como se quisesse atirar-se sobre mim — mas não recordo bem. O que recordo claramente é que, nos dias seguintes, me recebeu frio e taciturno.

Enfim, Virgília contou-me tudo na Gamboa.

O marido mostrara-lhe a carta logo que ela se restabelecera. Era anónima e denunciava-nos. Não dizia tudo; não mencionava, por exemplo, as nossas entrevistas fora de casa. Limitava-se a preveni-lo contra a minha intimidade, acrescentando que a suspeita era pública.

Virgília leu-a e declarou, indignada, que era uma calúnia infame.

— *Calúnia?* — perguntou Lobo Neves.

— *Infame.*

O marido respirou um instante; mas, relendo a carta, parecia que cada palavra lhe fazia um gesto negativo, cada letra bradava contra a indignação da mulher. Esse homem, antes intrépido, era agora a mais frágil das criaturas. Talvez a imaginação lhe mostrasse, ao longe, o famoso olho da opinião a fitá-lo sarcasticamente; talvez uma boca invisível lhe repetisse ao ouvido as chufas que outrora ouvira ou dissera.

Instou com a mulher que lhe confessasse tudo, porque tudo lhe perdoaria.

Virgília percebeu que estava salva. Irritou-se com a insistência; jurou que da minha parte só ouvira palavras de gracejo e cortesia. A carta — disse — devia ser obra de algum namorado sem ventura. E citou alguns: um que a galanteara durante semanas, outro que lhe escrevera uma carta, e ainda outros. Nomeou-os com circunstâncias, observando atentamente os olhos do marido.

Concluiu dizendo que, para não dar margem à calúnia, trataria-me daí em diante de modo que eu não voltaria mais ali.

Ouvi tudo um pouco perturbado — não pelo acréscimo de dissimulação que me seria necessário, até afastar-me inteiramente da casa de Lobo Neves, mas pela tranquilidade moral de Virgília, pela falta de comoção, de susto, de saudade — e até de remorso.

Virgília notou a minha preocupação; levantou-me o rosto — eu olhava para o soalho — e disse com certa amargura:

— *Você não merece os sacrifícios que faço.*

Não lhe disse nada. De nada valia explicar-lhe que um pouco de desespero e de terror dariam à nossa situação o mesmo sabor cáustico dos primeiros dias. E, se lho dissesse, não era impossível que ela chegasse — lenta, teatralmente — a esse pouco de desespero e terror.

Não lhe disse nada.

Ela batia nervosamente a ponta do pé no chão. Aproximei-me e beijei-a na testa.

Virgília recuou — como se fosse o beijo de um defunto.

CAPÍTULO XCVII

Entre a boca e a testa

Sinto que o leitor estremeceu — ou devia estremeecer. A última palavra naturalmente lhe sugeriu três ou quatro reflexões.

Veja bem o quadro:

Numa casinha da Gamboa, duas pessoas que se amam há muito tempo; uma inclinada para a outra, a dar-lhe um beijo na testa; a outra a recuar — como se sentisse o contacto de uma boca de cadáver.

Há ali, no breve intervalo entre a boca e a testa, antes do beijo e depois do beijo, um largo espaço para muita coisa:

- a contração de um ressentimento,
- a ruga da desconfiança,
- ou enfim o nariz pálido e sonolento da saciedade...

Capítulo XCVIII

Suprimido

Separámo-nos alegremente. Jantei em paz com a situação. A carta anónima devolvia à nossa aventura o sal do mistério e a pimenta do perigo; e, no fim de contas, foi bom que Virgília não perdesse, naquele momento crítico, o domínio de si própria.

À noite fui ao Teatro de S. Pedro. Estava em cena uma grande peça, daquelas em que a Estela arrancava lágrimas ao público. Entrei; percorri com os olhos os camarotes; vi num deles o Damasceno e a família. A filha trazia agora uma elegância diferente, um certo requinte difícil de explicar, uma vez que o pai ganhava apenas o necessário para se endividar — talvez fosse mesmo por isso.

No intervalo, fui cumprimentá-los. Damasceno recebeu-me com muitas palavras; a mulher, com muitos sorrisos. Quanto à Nhã-loló, não me tirou mais os olhos de cima. Na verdade, pareceu-me mais bonita do que no jantar. Achei-lhe uma certa suavidade aérea, misturada com o polido das formas terrenas — expressão vaga, bem digna de um capítulo em que tudo há de ser vago.

Não sei bem como dizer isto, mas não me senti mal ao lado da rapariga, vestida com um tecido fino que me despertava comichões de Tartufo. Ao reparar como o vestido lhe cobria — casta e redondamente — o joelho, fiz uma descoberta subtil: a natureza previu o uso de roupas como condição necessária ao progresso humano. A nudez constante, com o aumento das tarefas e cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a atrasar o encontro dos sexos. Mas o vestuário, contrariando a natureza, aguça e atrai os desejos, alimenta-os, multiplica-os e, assim, faz avançar a civilização. Bendito seja o uso que nos deu Otelo... e os paquetes transatlânticos!

Estou tentado a suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim: escrevo as minhas memórias, não as tuas, leitor pacato. Ao lado daquela graciosa donzela, sentia uma sensação dupla e indefinível. Ela exprimia perfeitamente a dualidade de Pascal — *l'ange et la bête* — com a diferença de que o jansenista não admitia a simultaneidade das duas naturezas. Ali, porém, estavam bem juntas: *l'ange*, que dizia coisas do céu, e *la bête*, que...

Não. Decidi suprimir este capítulo.

CAPÍTULO XCIX

Na plateia

Na plateia encontrei Lobo Neves, conversando com alguns amigos; falámos de passagem, frios, constrangidos ambos. Mas, no intervalo seguinte, prestes a levantar-se o pano, encontrámo-nos num dos corredores, onde não havia ninguém. Ele veio ter comigo com grande afabilidade e riso, puxou-me para um dos óculos do teatro e conversámos muito — principalmente ele, que parecia o mais tranquilo dos homens.

Cheguei a perguntar-lhe pela mulher; disse que estava bem, mas mudou logo a conversa para assuntos gerais, expansivo, quase risonho. Adivinhe o leitor quem seria causa dessa diferença; por mim, fujo do Damasceno, que me espreita ali da porta do camarote.

Não ouvi nada do ato seguinte — nem palavras dos atores, nem palmas do público. Reclinado na cadeira, juntava de memória os retalhos da conversa de Lobo Neves, reconstruía-lhe os gestos e concluía que a nova situação era muito melhor. Bastava-nos a Gamboa. A frequência da outra casa aguçaria invejas. E, rigorosamente, podíamos dispensar-nos de falar todos os

dias; era até melhor: punha saudade no meio dos amores. Além do mais, eu galgara os quarenta anos e não era nada — nem simples eleitor de paróquia. Urgia fazer alguma coisa, ainda por amor de Virgília, que se orgulharia quando visse o meu nome a luzir...

Creio que nessa altura houve grande aplauso, mas não juro; eu estava a pensar noutra coisa.

Multidão cujo amor cobicei até morrer, era assim que às vezes me vingava de ti: deixava burburinhar à minha volta essa gente humana sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos. Ah! Tu pensavas acorrentar-me ao rochedo da tua frivolidade, indiferença ou agitação? Frágeis cadeias, amiga minha; eu rompia-as com um gesto de Guliver.

É vulgar ir meditar no deserto; o voluptuoso, o requintado, é o que se insula no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões; decreta-se alheado, inacessível, ausente. E o mais que podem dizer, quando ele volta a si — isto é, aos outros — é que desceu do mundo da lua; mas esse mundo da lua, esse desvão luminoso e recatado do cérebro, o que é senão a afirmação desdenhosa da liberdade espiritual?

Vive Deus! Eis um bom fecho de capítulo.

CAPÍTULO C

O caso provável

Se este mundo não fosse um lugar de espíritos distraídos, era escusado lembrar ao leitor que eu só afirmo certas leis porque as conheço de facto; outras, limito-me a admiti-las como prováveis.

Um exemplo da segunda categoria é este capítulo, que recomendo a quem ama estudar fenómenos sociais.

Segundo parece — e não é improvável — existe entre os factos da vida pública e os da vida particular uma influência recíproca, regular e talvez periódica; ou, usando uma imagem, algo semelhante às marés da praia do Flamengo e de outras igualmente barulhentas. Quando a onda investe a praia, avança muitos palmos para dentro; mas essa mesma água volta ao mar com força variável e vai engrossar a onda que há de vir — e recuar — como a primeira.

Eis a imagem; vejamos a aplicação.

Contei noutra página que Lobo Neves, nomeado presidente de província, recusou a nomeação por causa da data do decreto — o número 13. A consequência foi separar-se do ministério. Assim, o facto particular — a

aversão a um número — produziu um fenómeno político.

Resta ver como, tempos depois, um ato político determinou, na vida particular, uma suspensão de movimento.

Não convém ao método deste livro descrevê-lo logo; digo apenas que quatro meses depois do nosso encontro no teatro, Lobo Neves reconciliou-se com o ministério — facto que o leitor não deve perder de vista, se quiser penetrar a subtilidade do meu pensamento.

CAPÍTULO CI

A revolução dalmata

Foi Virgília quem me deu notícia da viragem política do marido, certa manhã de outubro, entre onze e meio-dia. Falou-me de reuniões, conversas, discursos...

— De maneira que desta vez ficas baronesa — interrompi eu.

Ela descaiu os cantos da boca e abanou a cabeça; mas esse gesto de indiferença era desmentido por algo menos definível — uma expressão de gosto e esperança.

E não sei porquê, imaginei que a carta imperial da nomeação pudesse atraí-la à virtude — não pela virtude em si, mas por gratidão ao marido. Virgília amava cordialmente a nobreza; e um dos maiores desgostos da nossa vida foi o aparecimento de um certo pelintra diplomático — digamos da legação da Dalmácia — o conde B. V., que a namorou durante três meses.

O homem — verdadeiro fidalgo de raça — transtornara um pouco a cabeça de Virgília, que além disso possuía vocação diplomática.

Não sei o que seria de mim, se não rebentasse na Dalmácia uma revolução que derrubou o governo e

purificou as embaixadas. Sangrenta, dolorosa, formidável. Os jornais, a cada navio vindo da Europa, transcreviam horrores, mediam sangue, contavam cabeças. Toda a gente fremia de indignação e piedade.

Eu não. Eu abençoava interiormente a tragédia — tirara-me uma pedrinha do sapato. E depois... a Dalmácia era tão longe!

CAPÍTULO CII

De repouso

Mas o mesmo homem que se alegrou com a partida do outro praticou, tempos depois, um ato... Não, não hei de contá-lo nesta página; fique esse capítulo para repouso do meu vexame.

Uma ação grosseira, baixa, sem explicação possível.
Repito: não a contarei nesta página.

CAPÍTULO CIII

Distração

— *Não, senhor doutor, isto não se faz. Perdoe-me, isto não se faz.*

Tinha razão D. Plácida. Nenhum cavalheiro chega uma hora atrasado ao lugar onde a sua dama o espera.

Entrei esbaforido: Virgília tinha ido embora. D. Plácida contou-me que ela esperara muito, que se irritara, chorara, jurara votar-me ao desprezo, e outras coisas que a nossa caseira dizia com lágrimas na voz, pedindo-me que não abandonasse Yayá, pois seria grande injustiça com uma moça que me sacrificara tudo.

Expliquei-lhe então que se tratara de um equívoco...

E não era: creio que foi simples distração. Uma frase, uma conversa, uma anedota — qualquer coisa. Simples distração.

Coitada de D. Plácida! Andava aflita, de um lado para o outro, abanando a cabeça, suspirando ruidosamente, espreitando pela rótula. Coitada! Com que arte ajeitava as roupas, bafejava as faces, embalava as manhas do nosso amor! Que imaginação fértil em tornar as horas mais agradáveis e breves! Flores, doces

— os bons doces de outros tempos — muito riso, muito afago; e cresciam com o tempo, como se ela quisesse prender a nossa aventura ou restaurar-lhe a primeira flor.

Nada esquecia a nossa confidente e caseira; nada — nem a mentira, porque referia a ambos suspiros e saudades que não presenciara; nem a calúnia, porque um dia chegou a atribuir-me uma paixão nova.

— *Você sabe que não posso gostar de outra mulher* — respondi, quando Virgília me falou disso. E essa simples frase, sem protestos nem sermões, dissipou o aleive de D. Plácida — que ficou triste.

— *Está bem* — disse-lhe eu, após um quarto de hora. — *Virgília há de reconhecer que não tive culpa nenhuma... Quer levar-lhe uma carta agora mesmo?*

— *Ela deve estar muito triste, coitadinha! Olhe, eu não desejo a morte de ninguém; mas se o senhor doutor algum dia casar com Yayá, então sim, verá que anjo ela é!*

Lembro-me de ter desviado o rosto e baixado os olhos ao chão. Recomendo este gesto às pessoas que não tiverem palavra pronta para responder, ou às que temem encarar o olhar dos outros. Em tais casos, alguns recitam uma oitava dos *Lusíadas*; outros assobiam a *Norma*. Eu fico-me pelo gesto indicado: é mais simples, exige menos esforço.

Três dias depois, tudo estava explicado. Creio que Virgília ficou um pouco admirada quando lhe pedi desculpa pelas lágrimas que derramara naquele dia triste — e não sei se atribuiu interiormente aquelas lágrimas a

D. Plácida. É possível: podia acontecer que D. Plácida chorasse ao vê-la desapontada e, por um fenómeno de visão, as lágrimas dos seus próprios olhos lhe parecessem cair dos olhos de Virgília.

Fosse como fosse, tudo estava explicado — mas não perdoado, nem esquecido.

Virgília dizia-me muitas coisas duras, ameaçava-me com separação, louvava o marido. Esse sim, era homem digno, muito superior a mim, delicado, um primor de cortesia e afeição — assim dizia ela.

E eu, sentado, com os cotovelos nos joelhos, olhava para o chão, onde uma

Capítulo CIV

Era Ele!

Devolvi o grampo a Virgília, que o voltou a prender nos cabelos, enquanto se preparava para sair. Já eram três horas. Tudo — discussões, receios, lágrimas — estava esquecido e perdoado.

D. Plácida, que andava pela casa como sentinela nervosa, escolhendo o momento certo para deixar que Virgília saísse, deu súbito um salto, fechou a janela com um estalido e exclamou, aterrada:

— Virgem Nossa Senhora! Aí vem o marido de Yayá!

Aquele instante foi curto, mas absoluto — um relâmpago de pânico. Virgília empalideceu até à cor das rendas do vestido; correu para a porta da alcova; D. Plácida, trêmula, tentou fechar tudo ao mesmo tempo; e eu preparei-me para enfrentar Lobo Neves.

Mas o instante passou.

Virgília recuperou o sangue-frio, empurrou-me resolutamente para dentro da alcova e ordenou a D. Plácida:

— À janela, depressa!

E a velha obedeceu.

Era ele.

D. Plácida abriu-lhe a porta com um exagero de espanto, mais teatral do que sincero:

— O senhor por aqui! A honrar a casa desta velha? Entre, faça favor! Adivinhe quem cá está... Não precisa adivinhar: sei bem ao que veio... Apareça, Yayá!

Virgília, que se tinha colocado num canto da sala, atirou-se ao marido com um cuidado estudado. Eu observava-os pelo buraco da fechadura, com o coração a bater como um relógio avariado.

Lobo Neves entrou devagar: pálido, frio, impecavelmente calmo. Nenhum sinal de cólera, nenhum sobressalto — apenas aquele olhar gelado, que circulou a sala inteira antes de pousar na mulher.

— Que é isto? — exclamou Virgília. — Tu aqui?

— Ia a passar, vi a D. Plácida à janela e vim cumprimentá-la — respondeu ele.

— Muito obrigada — meteu-se a velha. — E ainda dizem que as velhas não servem para nada! Ora vejam! Yayá parece ciumenta... — E puxou Virgília para si, afagando-lhe os braços com exagero. — Este anjinho nunca se esqueceu da velha Plácida... É a cara da mãe, coitadinha... Sente-se, senhor doutor...

— Não me demoro — respondeu Lobo Neves.

— Vais para casa? — perguntou Virgília. — Vamos juntos.

— Vou.

— Dê-me o chapéu, D. Plácida.

— Está aqui — disse a velha, apressada, trazendo também um espelho que abriu diante de Virgília.

Virgília ajustou o chapéu, atou as fitas, pousou as mãos nos cabelos para os compor — falando sempre com o marido, que respondia apenas com o silêncio. Já D. Plácida tagarelava desalmadamente, na esperança de afogar qualquer suspeita que lhe fosse nascendo no corpo e, sobretudo, na alma.

Virgília, passado o susto, dominou-se. Recuperou aquela elegância natural que sabia usar como escudo.

— Pronto — disse enfim. — Adeus, D. Plácida. Não se esqueça de aparecer. Ouviu?

A velha prometeu que sim, abriu-lhes a porta, curvou-se num gesto humilde — e o casal saiu.

CAPÍTULO CV

Equivalência das janelas

D. Plácida fechou a porta e caiu numa cadeira. Eu deixei imediatamente a alcova e dei dois passos para sair à rua, com o fim de arrancar Virgília ao marido; foi o que disse — e ainda bem que o disse, porque D. Plácida deteve-me por um braço.

Houve tempo em que cheguei a supor que eu só dissera aquilo para que ela me detivesse; mas a simples reflexão basta para mostrar que, depois dos dez minutos da alcova, o gesto mais genuíno e cordial não podia ser outro.

E isto segundo aquela famosa lei da equivalência das janelas, que tive a satisfação de descobrir e formular no cap. LI.

Era preciso arejar a consciência. A alcova fora uma janela fechada; eu abri outra com o gesto de sair — e respirei.

CAPÍTULO CVI

Jogo perigoso

Respirei e sentei-me. D. Plácida atroava a sala com exclamações e lamentos. Eu ouvia-a sem lhe dizer coisa nenhuma; refletia comigo se não teria sido melhor fechar Virgília na alcova e ficar eu na sala; mas adverti logo que seria pior: confirmaria a suspeita e chegaria o fogo à pólvora — e uma cena de sangue...

Foi muito melhor assim.

Mas depois? O que iria acontecer em casa de Virgília? Matá-la-ia o marido? Espancá-la-ia? Encerrá-la-ia?

Expulsá-la-ia?

Estas interrogações percorriam lentamente o meu cérebro, como os pontinhos e vírgulas escuras percorrem o campo visual dos olhos enfermos ou cansados. Iam e vinham, com o seu aspeto seco e trágico, e eu não podia agarrar um deles e dizer: és tu, tu e não outro.

De repente vejo um vulto negro: era D. Plácida, que fora dentro, enfiara a mantilha e vinha oferecer-se para ir à casa de Lobo Neves.

Ponderei-lhe que era arriscado, porque ele desconfiaria de visita tão próxima.

— Sossegue — interrompeu ela; — eu saberei arranjar as coisas. Se ele estiver em casa, não entro.

Saiu; eu fiquei a ruminar o sucesso e as possíveis consequências.

Ao cabo, parecia-me que eu jogava um jogo perigoso, e perguntava-me se não era tempo de me levantar e espairecer, como um parceiro de whist.

E então senti-me tomado de uma saudade do casamento, de um desejo de canalizar a vida. Por que não?

Meu coração tinha ainda que explorar; não me sentia incapaz de um amor casto, severo e puro.

Na verdade, as aventuras são a parte torrencial e vertiginosa da vida, isto é, a exceção; eu estava enfiado delas; não sei até se me punha algum remorso.

Mal pensei naquilo, deixei-me ir atrás da imaginação: vi-me logo casado, ao pé de uma mulher adorável, diante de um bebé que dormia no regaço da ama, todos nós no fundo de uma chácara sombria e verde, a espiarmos através das árvores uma nesga de céu azul — extremamente azul...

CAPÍTULO CVII

Bilhete

«Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez apenas, para o nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.»

CAPÍTULO CVIII

Que se não entende

Eis aí o drama; eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare.

Aquele retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado nas mãos, era um documento de análise que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro.

Tiraria ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo daquelas poucas linhas traçadas à pressa — e, por trás delas, a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas.

Quanto a mim, se vos disser que li o bilhete três ou quatro vezes naquele dia, acreditai-o: é verdade. Se vos disser mais — que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço — podeis crê-lo: é realidade pura.

Mas se vos disser a comoção que tive, duvidai um pouco da asserção e não a aceiteis sem provas.

Nem então, nem agora cheguei a discernir o que experimentei.

Era medo, e não era medo; era dó, e não era dó; era vaidade, e não era vaidade; enfim, era amor sem amor, isto é, sem delírio.

E tudo isso dava uma combinação assaz complexa e vaga, uma coisa que não podereis entender — como eu não entendi.

Suponhamos que não disse nada.

CAPÍTULO CIX

O filósofo

Sabido que reli a carta antes e depois do almoço, sabido fica que almocei, e só resta dizer que essa refeição foi das mais parcas da minha vida: um ovo, uma fatia de pão, uma chávena de chá. Não me esqueceu esta circunstância mínima; no meio de tanta coisa importante obliterada, escapou esse almoço.

A razão principal poderia ser justamente o meu desastre; mas não foi. A razão principal foi a reflexão que me fez Quincas Borba, cuja visita recebi naquele dia.

Disse-me ele que a frugalidade não era necessária para entender o Humanitismo — e menos ainda para praticá-lo; que esta filosofia se acomodava facilmente aos prazeres da vida, incluindo a mesa, o espetáculo e os amores; e que, ao contrário, a frugalidade podia indicar certa tendência ao ascetismo, o qual era a expressão acabada da tolice humana.

— Veja S. João — continuou ele; — mantinha-se de gafanhotos no deserto, em vez de engordar tranquilamente na cidade e fazer emagrecer o farisaísmo na sinagoga.

Deus me livre de contar aqui a história de Quincas Borba — longa, complicada, mas interessante — que ouvi nessa triste ocasião. E se não conto a história, dispenso-me também de descrever-lhe a figura, tão diversa da do Passeio Público.

Calo-me.

Digo apenas que, se o principal característico do homem não são as feições, mas o vestuário, ele não era mais o Quincas Borba: era um desembargador sem beca, um general sem farda, um negociante sem déficit.

Notei-lhe a perfeição da sobrecasaca, a alvura da camisa, o asseio das botas. A mesma voz, outrora roufenha, parecia restituída à primitiva sonoridade. Quanto aos gestos, sem perderem a viveza antiga, já não tinham desordem: obedeciam a certo método.

Mas não quero descrevê-lo. Se falasse, por exemplo, no botão de ouro ao peito ou na qualidade do couro das botas, iniciaria uma descrição que omito por brevidade.

Basta saber que as botas eram de verniz — e que ele herdara alguns contos de réis de um velho tio de Barbacena.

Meu espírito — permitam-me aqui uma comparação de criança — era naquela ocasião uma espécie de peteca:

- a narração de Quincas Borba dava-lhe uma palmada — subia;
- quando ia a cair, o bilhete de Virgília dava-lhe outra — subia de novo;
- descia, e o episódio do Passeio Público recebia-o com outra palmada, igualmente rija e eficaz.

Creio que não nasci para situações complexas. Esse puxar e empurrar de coisas opostas desequilibrava-me; tinha vontade de embrulhar Quincas Borba, Lobo Neves e o bilhete de Virgília na mesma filosofia — e mandá-los de presente a Aristóteles.

E contudo, era instrutiva a narração do filósofo; admirava-lhe sobretudo o talento de observação com que descrevia a gestação e crescimento do vício, as lutas interiores, as capitulações vagarosas, o uso da lama.

— Veja — disse ele —, a primeira noite que passei na escada de S. Francisco dormi-a inteira, como se fosse a mais fina pluma. Por quê? Porque fui gradualmente da esteira ao catre de pau, do quarto próprio ao corpo da guarda, do corpo da guarda ao xadrez, do xadrez à rua...

Quis então expor-me finalmente a filosofia — e eu pedi-lhe que não:

— Estou demasiado preocupado hoje; não poderia atendê-lo. Venha depois; estou sempre em casa.

Quincas Borba sorriu maliciosamente; talvez soubesse da minha aventura, mas nada acrescentou.

Só me disse estas palavras à porta:

— Venha para o Humanitismo; ele é o grande regaço dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos faziam-na sair de um poço. Que conceção mesquinha! Um poço! Por isso nunca a encontraram. Gregos, sub-gregos, antigregos — toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço, para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais atrevidos desceram ao

fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar.
Venha para o Humanitismo.

CAPÍTULO CX

31

Uma semana depois, Lobo Neves foi novamente nomeado presidente de província. Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse datado outra vez de 13; mas trouxe a data de 31 — e essa simples transposição de algarismos eliminou-lhe a substância diabólica.

Que profundas são as molas da vida!

CAPÍTULO CXI

O muro

Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, contarei nesta página o caso do muro. Eles estavam prestes a embarcar. Entrando em casa de D. Plácida, vi um papelinho dobrado sobre a mesa; era um bilhete de Virgília; dizia que me esperava à noite, na chácara, sem falta. E concluía: «O muro é baixo do lado do beco.»

Fiz um gesto de desagrado. A carta pareceu-me descomunalmente audaciosa, mal pensada e até ridícula. Não era só convidar o escândalo, era convidá-lo de parceria com a risota.

Imaginei-me a saltar o muro, embora baixo e do lado do beco; e, quando ia a galgá-lo, via-me agarrado por um pedestre de polícia, que me levava ao corpo da guarda.

O muro é baixo! E que tinha que fosse baixo? Naturalmente Virgília não soube o que fez; era possível que já estivesse arrependida.

Olhei para o papel, um pedaço de papel amarrotado, mas inflexível. Tive comichões de o rasgar em trinta mil pedaços e atirá-los ao vento, como o último despojo da minha aventura; mas recuei a tempo: o amor-próprio, o

vexame da fuga, a ideia do medo... Não havia remédio senão ir.

— Diga-lhe que vou.

— Aonde? — perguntou D. Plácida.

— Onde ela disse que me espera.

— Não me disse nada.

— Neste papel.

D. Plácida arregalou os olhos: — Mas esse papel, achei-o hoje de manhã nesta sua gaveta, e pensei que...

Tive uma sensação esquisita. Reli o papel, mirei-o, remirei-o; era, na verdade, um antigo bilhete de Virgília, recebido no começo dos nossos amores, uma certa entrevista na chácara, que me levou efetivamente a saltar o muro — um muro baixo e discreto. Guardei o papel e... tive uma sensação esquisita.

CAPÍTULO CXII

A opinião

Mas estava escrito que esse dia devia ser o dos lances dúbios. Poucas horas depois, encontrava-me eu com Lobo Neves, na rua do Ouvidor, e falávamos da presidência e da política.

Ele aproveitou o primeiro conhecido que nos passou à ilharga e deixou-me, depois de muitos cumprimentos.

Lembro-me de que estava retraído, mas de um retraimento que forcejava por dissimular.

Pareceu-me então (e peço perdão à crítica, se este meu juízo for temerário!) — pareceu-me que ele tinha medo: não medo de mim, nem de si, nem do código, nem da consciência; tinha medo da opinião.

Supus que esse tribunal anónimo e invisível, em que cada membro acusa e julga, era o limite posto à vontade de Lobo Neves. Talvez já não amasse a mulher; e, assim, pode ser que o coração fosse estranho à indulgência dos seus últimos atos.

Cuido (e de novo imploro a boa vontade da crítica!) que ele estaria pronto a separar-se da mulher, como o leitor se terá separado de muitas relações pessoais; mas

a opinião — essa opinião que lhe arrastaria a vida por todas as ruas, que abriria minucioso inquérito acerca do caso, que coligiria uma a uma todas as circunstâncias, antecedentes, induções, provas, que as relataria na palestra das chácaras desocupadas — essa terrível opinião, tão curiosa das alcovas, obstou à dispersão da família.

Ao mesmo tempo tornou impossível o desforço, que seria a divulgação. Ele não podia mostrar-se ressentido comigo, sem igualmente buscar a separação conjugal; e teve então de simular a mesma ignorância de outrora e, por dedução, iguais sentimentos.

Que lhe custasse? Creio. Naqueles dias, principalmente, vi-o de modo que devia custar-lhe muito.

Mas o tempo (e é outro ponto em que espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade e oblitera memória das coisas; era de supor que os anos lhe despontassem os espinhos, que a distância dos fatos apagasse os respectivos contornos, que uma sombra de dúvida retrospectiva cobrisse a nudez da realidade; enfim, que a opinião se ocupasse um pouco com outras aventuras.

O filho, crescendo, buscaria satisfazer as ambições do pai; seria o herdeiro de todos os seus afetos. Isso, e a atividade externa, e o prestígio público, e a velhice depois, a doença, o declínio, a morte, um responso, uma notícia biográfica — e estava fechado o livro da vida, sem nenhuma página de sangue.

CAPÍTULO CXIII

A solda

A conclusão, se há alguma no capítulo anterior, é que a opinião é uma boa solda das instituições domésticas.

Não é impossível que eu desenvolva este pensamento antes de acabar o livro; mas também não é impossível que o deixe como está.

De um ou de outro modo, é uma boa solda a opinião, tanto na ordem doméstica como na política.

Alguns metafísicos biliosos chegaram ao extremo de a dar como simples produto da gente chocha ou medíocre; mas é evidente que, mesmo que um conceito tão extremado não trouxesse em si a resposta, bastaria considerar os efeitos salutareos da opinião para concluir que ela é a obra superfina da flor dos homens — isto é, do maior número.

CAPÍTULO CXIV

Fim de um diálogo

— Sim, é amanhã. Você vai a bordo?

— Está louca? É impossível.

— Então, adeus!

— Adeus!

— Não se esqueça de D. Plácida. Vá vê-la algumas vezes. Coitada! Foi ontem despedir-se de nós; chorou muito, disse que eu não a veria mais... É uma boa criatura, não?

— Certamente.

— Se tivermos de escrever, ela receberá as cartas.

Agora até daqui a...

— Talvez dois anos?

— Qual! Ele diz que é só até fazer as eleições.

— Sim? Então até breve. Olhe que estão a olhar para nós.

— Quem?

— Ali do sofá. Separemo-nos.

— Custa-me muito.

— Mas é preciso; adeus, Virgília!

— Até breve. Adeus!

CAPÍTULO CXV

O almoço

Não a vi partir; mas, à hora marcada, senti alguma coisa que não era dor nem prazer — uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado em iguais doses.

Não se irrite o leitor com esta confissão.

Eu sei bem que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, deveria padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas e — sobretudo — não almoçar.

Seria romanesco; mas não seria biográfico.

A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao coração com as lembranças da minha aventura e ao estômago com os acepipes de Mr. Pruddon...

CAPÍTULO CXVI

Filosofia das folhas velhas

Fiquei tão triste com o fim do último capítulo que estive quase a não escrever este — descansar um pouco, purgar o espírito da melancolia que o empacha e continuar depois. Mas não: não quero perder tempo.

A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez.

Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano — se não mente Suetónio — mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos.

Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos.

Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio e muito devaneio solto.

Meu tio cônego morreu nesse intervalo; idem, dois primos; e eu não me dei por abalado: levei-os ao cemitério como quem leva dinheiro ao banco.

Que digo? como quem leva cartas ao correio: selava as cartas, metia-as na caixinha e deixava ao carteiro o cuidado de as entregar em mão própria.

Foi também por esse tempo que nasceu minha sobrinha Venância, filha do Cotrim. Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas.

Outras vezes agitava-me. Ia às gavetas, entornava as cartas antigas — dos amigos, dos parentes, das namoradas (até as de Marcela) — e abria-as todas, lia-as uma a uma e recompunha o pretérito...

Leitor ignaro: se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não provarás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias, a bailar ao som de uma gaita anacreônica.

Guarda as tuas cartas da juventude!

Ou, se não te apraz o chapéu de três bicos, empregarei a locução de um velho marujo, familiar da casa do Cotrim: direi que, se guardares as cartas da juventude, acharás ocasião de “cantar uma saudade.”

Parece que os nossos marujos dão esse nome às cantigas de terra entoadas no alto-mar.

Como expressão poética, é o que se pode exigir de mais triste.

CAPÍTULO CXVII

O Humanitismo

Duas forças — ou melhor, duas forças acompanhadas de uma terceira — compeliavam-me a regressar à vida agitada de costume: Sabina e Quincas Borba.

Sabina, minha irmã, encaminhou a candidatura conjugal de Nhã-Loló com tal impetuosidade que, quando dei por mim, estava quase com a moça nos braços.

Quanto ao Quincas Borba, expôs-me enfim o Humanitismo, sistema filosófico destinado a arruinar todos os outros.

— Humanitas, dizia ele, *o princípio de todas as coisas, não é senão o próprio homem, repartido por todos os homens*. Humanitas tem três fases: a estática, anterior à criação; a expansiva, início das coisas; e a dispersiva, aparecimento do homem. Contará ainda uma quarta: a fase contráctil, absorção final do homem e das coisas.

A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar; daí a dispersão, simples multiplicação personalizada da substância original.

Como a exposição não me parecesse muito clara, Quincas Borba aprofundou-a. Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo se ligava ao Brahmanismo, na distribuição dos homens pelas diversas partes do corpo de Humanitas; mas o que, na religião indiana, era apenas doutrina política e teológica, tornava-se aqui lei suprema de valor pessoal.

Assim, descender do peito ou dos rins de Humanitas — ser um forte — não equivalia a descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar os músculos. Hércules (ou Herakles) não fora senão símbolo antecipado do Humanitismo.

O paganismo — dizia ele — teria chegado à verdade, se não se tivesse distraído com a parte galante dos seus mitos. Nada disso aconteceria com o Humanitismo. Nessa nova igreja não haveria aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. O amor seria um sacerdócio; a reprodução, um ritual.

Como a vida é o maior benefício do universo — e não há mendigo que prefira a morte à miséria — a transmissão da vida deveria ser a hora suprema da missa espiritual. A única desgraça verdadeira: não nascer.

— Imagina que eu não tivesse nascido — continuou Quincas Borba — não teria agora o prazer de conversar contigo, comer esta batata, ir ao teatro; enfim, de viver. Nota que não faço do homem um simples veículo de

Humanitas; não — ele é ao mesmo tempo veículo, cocheiro e passageiro; é o próprio Humanitas reduzido. Por isso precisa adorar-se a si mesmo.

Queres prova da superioridade do meu sistema? Contempla a inveja. Todos os moralistas — gregos, turcos, cristãos, muçulmanos — trovejam contra ela. Mas, se deixares os preconceitos, verás que é um sentimento subtil e nobre.

Sendo cada homem parte de Humanitas, nenhum é essencialmente oposto a outro. Assim, quando um algoz executa um condenado, é Humanitas que corrige em Humanitas uma falha da lei de Humanitas. O mesmo aquele que estripa outro — manifestação da força universal. Nada impede que depois seja estripado.

A inveja não é senão admiração em combate. E como a luta é a grande função humana, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à felicidade. Daí ser a inveja... uma virtude.

Para que negar? Eu estava estupefacto. A clareza, a lógica, o rigor — tudo parecia grandioso. Precisava de tempo para digerir aquela filosofia nova. Quincas Borba, trincando serenamente uma asa de frango, mal disfarçava o prazer do triunfo.

Fiz-lhe algumas objecções, mas tão fracas que ele as destruiu facilmente.

— Para entenderes bem o meu sistema — concluiu — não esqueças o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Vê: a guerra, que parece calamidade, é apenas o estalar dos dedos de Humanitas;

a fome — (e chupava filosoficamente a asa) — é prova a que Humanitas submete a própria víscera.

E continuou: aquele frango fora nutrido com milho plantado por um africano, trazido de Angola por marinheiros, em navio construído por outros homens que talharam madeira, teceram velas, fizeram cordoaria. Logo, cada almoço revelava uma cadeia grandiosa de esforços e lutas destinados... ao seu apetite.

Entre o queijo e o café, demonstrou-me ainda que o Humanitismo era a filosofia que abolia a dor. A dor era ilusão herdada: como a criança que treme antes do pau tocar-lhe. Não bastava adotar o sistema para extinguir logo as dores; mas era indispensável: o resto viria com a evolução de alguns milhares de anos.

Dias depois, leu-me a sua grande obra: quatro volumes manuscritos, letra miúda, latim. O último tratava da reorganização política segundo o Humanitismo — talvez a parte mais enfadonha.

Guerra, insurreição, miséria, murros, facadas — nada disso seria eliminado; eram apenas equívocos aparentes, movimentos externos da substância interior. Não impediriam a felicidade humana — seriam apenas interrupções da monotonia.

E mesmo que fossem dores reais — o que era falso — isso não destruiria o sistema:

1. cada indivíduo deveria deliciar-se em sacrificar-se ao princípio de que descende;
2. o poder espiritual do homem sobre a terra — criada para seu recreio — permaneceria intacto.

— *Pangloss*, dizia ele encerrando o livro, *não era tão tolo como Voltaire o pintou.*

CAPÍTULO CXVIII

A terceira força

A terceira força — como disse na primeira linha do capítulo anterior — era a impaciência de brilhar e, sobretudo, a incapacidade de viver só.

A multidão atraía-me; o aplauso seduzia-me; a gala, o tumulto, o ruído — tudo isso me chamava. Se a ideia do emplasto me tivesse surgido naquele tempo, quem sabe? Talvez não tivesse morrido e estaria célebre.

Mas o emplasto não veio. Veio apenas o desejo de me agitar em alguma coisa, por alguma coisa, com alguma coisa.

“Tout notre mal vient de ne pouvoir être seuls”, diz La Bruyère. Sempre me pareceu um enorme disparate. A sociabilidade é a primeira virtude dos homens; a curiosidade, a segunda; a pontualidade dos pagamentos, a terceira; o valor militar, a quarta — e assim por diante.

CAPÍTULO CXIX

Parêntesis

(Haverá crítico tão perverso que atribua a minha opinião sobre La Bruyère à inveja das suas máximas? Previno-me já contra esse golpe, transcrevendo algumas das que compus naquele tempo — e rasguei logo a seguir, por não as achar dignas do prelo. Fi-las numa fase em que a flor amarela do capítulo XXV tornara a abrir; eram bocejos de enfado. E vejam:)

- Suporta-se com paciência a cólica alheia.
- Matamos o tempo; o tempo enterra-nos.
- Um cocheiro filósofo dizia que o gosto da carruagem seria menor se todos andassem de carruagem.
- Crê em ti, mas nem sempre duvides dos outros.
- Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. (Reflexão de um joalheiro.)
- Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar.

CAPÍTULO CXX

Compele intrare

— Não, senhor — agora há de casar queira ou não, disse-me Sabina. — Um solteirão sem filhos! Belo futuro!

Sem filhos! Eis o dardo secreto.

A ideia de ter filhos deu-me um sobressalto; percorreu-me outra vez aquele fluido misterioso. Sim, cumpria ser pai. A vida celibatária tinha vantagens, mas eram ténues e compradas ao preço de solidão.

— Sem filhos? Não; impossível.

Dispus-me a aceitar tudo — até mesmo a aliança com o Damasceno.

Depositando já grande confiança em Quincas Borba, fui procurá-lo e expus-lhe os movimentos internos da minha paternidade. O filósofo ouviu-me com entusiasmo; declarou que Humanitas se agitava em meu peito; animou-me ao casamento; explicou que eram mais alguns convivas a bater à porta.

— *Compele intrare*, como dizia Jesus — concluiu.

E provou-me que a parábola evangélica não era senão prenúncio do Humanitismo, mal interpretado pelos padres.

CAPÍTULO CXXI

Morro abaixo

Depois de três meses, tudo corria às mil maravilhas. O fluido, Sabina, o brilho nos olhos da rapariga, os desejos do pai — tudo eram impulsos que me empurravam para o casamento. A lembrança de Virgília aparecia, de vez em quando, à porta da memória; e com ela vinha um diabo negro, que me mostrava um espelho onde eu via, ao longe, Virgília desfeita em lágrimas. Mas logo surgia outro diabo, cor-de-rosa, com outro espelho, onde se refletia Nhã-loló: terna, luminosa, angelical.

Não falo dos anos. Não os sentia; direi até que os deitei fora, num certo domingo em que fui à missa na capela do Livramento. Como o Damasceno morava nos Cajueiros, acompanhava-os muitas vezes à missa. O morro estava ainda despido de casas, salvo o velho palacete no alto, onde era a capela. Pois, num desses domingos, ao descer com Nhã-loló pelo braço, deu-se um fenómeno estranho: deixei ali dois anos, mais adiante quatro, depois cinco — de modo que, quando cheguei cá abaixo, estava novamente com vinte anos, tão vivos como tinham sido.

Se querem saber em que circunstâncias se deu tal fenómeno, basta ler este capítulo até ao fim.

Vínhamos da missa — ela, o pai e eu. A meio do morro encontrámos um grupo de homens. O Damasceno, que vinha uns passos à frente, percebeu o que era e correu para lá, excitado; nós seguimos atrás dele. E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores — uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros ainda com sobrecasacas esfarrapadas; cada um numa atitude diferente, uns de cócoras, outros com as mãos nos joelhos, outros sentados em pedras, outros encostados ao muro — e todos com os olhos cravados no centro, as almas penduradas das pupilas.

— O que é? — perguntou-me Nhã-loló.

Mandei-a fazer silêncio; abri caminho devagar, e todos me foram cedendo espaço, sem que, na verdade, me vissem. O centro tinha-lhes apanhado os olhos. Era uma briga de galos.

Vi os dois combatentes: dois galos de esporão afiado, olhos de fogo, bicos cortantes. As cristas, ensanguentadas; os peitos, depenados e vermelhos; e o cansaço já lhes invadia os músculos. Mas continuavam a lutar: olhos nos olhos, bico abaixo, bico acima, golpe aqui, golpe ali — vibrantes, ferozes.

O Damasceno não via mais nada: o espetáculo eliminara para ele todo o resto do universo. Tentei convencê-lo a descer; inútil. Estava hipnotizado pelo duelo. A briga de galos era uma das suas paixões.

Foi então que Nhã-loló me puxou suavemente pelo braço, pedindo que fôssemos embora. Aceitei o conselho e desci com ela por ali abaixo. Já disse que o morro era, então, desabitado; e também lhes disse que vínhamos da missa, e não lhes tendo dito que chovia, é claro que fazia bom tempo — um sol delicioso. E forte. Tão forte que abri o guarda-sol, segurei-o ao meio, e inclinei-o de modo a juntar mais uma página à filosofia de Quincas Borba: *Humanitas beijou Humanitas...*

Foi assim que os anos me foram caindo pelo morro abaixo.

Ao sopé, detivemo-nos alguns minutos à espera do Damasceno. Ele apareceu pouco depois, rodeado dos apostadores, a comentar com eles a briga. Um deles, tesoureiro das apostas, distribuía um maço velho de notas de dez tostões, que os vencedores recebiam com alegria redobrada.

Quanto aos galos, vinham ao colo dos respetivos donos. Um deles tinha a crista tão comida e ensanguentada que o tomei por vencido — engano: o vencido era o outro, que já nem crista tinha. Ambos ofegavam, bicos abertos, exaustos.

Os apostadores, esses, vinham animadíssimos, apesar das fortes emoções da luta; biografavam os galos, recordavam as proezas de cada um.

Eu fui andando, envergonhado; Nhã-loló, ainda mais envergonhada.

CAPÍTULO CXXII

Uma intenção muito fina

O que envergonhava Nhã-loló era o pai. A facilidade com que ele se misturara com os apostadores revelava hábitos e afinidades sociais antigas; e ela começara a recear que tal sogro me parecesse indigno.

Era notável a diferença que fazia entre ela e a própria família; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e polida atraía-a, sobretudo porque lhe parecia o meio mais seguro de harmonizar as nossas posições. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; e, ao mesmo tempo, esforçava-se por disfarçar a origem humilde da família.

Mas, naquele dia, o espetáculo dado pelo pai foi tão flagrante que a deixou profundamente triste.

Tentei distraí-la do assunto com graças, ditos espirituosos, comentários leves. Debalde. A tristeza era tão profunda, tão claramente expressa, que cheguei a atribuir a Nhã-loló a intenção explícita de separar, no meu espírito, a sua causa da causa paterna.

Esse sentimento pareceu-me de grande nobreza. Era mais uma afinidade entre nós.

— Não há remédio, disse eu para comigo. Vou arrancar esta flor a este pântano.

CAPÍTULO CXXIII

O verdadeiro Cotrim

Apesar dos meus quarenta e tantos anos, como prezava a harmonia familiar, entendi que não devia tratar do casamento sem antes falar com o Cotrim. Ele ouviu-me e respondeu, muito sério, que não tinha opinião em assuntos de parentes seus. Poderiam suspeitar-lhe algum interesse se, por acaso, elogiasse as raras qualidades de Nhã-loló; por isso calava-se.

Mais ainda: estava certo de que a sobrinha me tinha verdadeiro amor; mas, se ela o consultasse, o seu conselho seria negativo. Não por ódio — apreciava as minhas boas qualidades, não se cansava de as elogiar, como era justo — e no que dizia respeito a Nhã-loló, jamais negaria que era uma excelente noiva; mas daí a aconselhar o casamento ia um abismo.

— Lavo completamente as mãos, concluiu ele.

— Mas no outro dia disseste-me que eu devia casar quanto antes...

— Isso é outra coisa. Acho indispensável casar, sobretudo tendo ambições políticas. Na política, o celibato é um travão. Agora, quanto à noiva, não posso

dar opinião, não quero, não devo — não fica bem à minha honra. Parece-me que a Sabina foi mais longe, contando-lhe certas confidências, segundo me disse; mas, em todo o caso, ela não é tia carnal de Nhã-loló, como eu. Veja... não... não digo.

— Diz!

— Não; não digo nada.

Talvez pareça exagerado o escrúpulo do Cotrim a quem não souber que possuía um carácter ferozmente honrado. Eu próprio fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário do meu pai. Hoje reconheço: era um modelo.

Chamavam-lhe avarento, e creio que tinham razão — mas a avareza não é senão o excesso de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor saldo do que défice.

Por ser seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. A única prova alegada era mandar, com frequência, escravos para o calabouço, donde saíam a escorrer sangue; mas, além de apenas mandar para lá os perversos e os fujões, é preciso notar que, tendo contrabandeado escravos durante muitos anos, habituara-se à rudeza que esse tipo de comércio exigia. Não se pode atribuir à índole original de um homem o que é simples efeito das relações sociais.

A prova de que Cotrim tinha sentimentos piedosos via-se no amor aos filhos e na dor que sentiu quando lhe morreu Sára, meses depois — prova irrefutável, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, irmão de várias

irmandades e até irmão remido de uma delas — o que não combina muito com a reputação de avarento; é verdade que o benefício não caiu em saco roto: a irmandade (da qual fora juiz) mandou pintar-lhe um retrato a óleo.

Não era perfeito — nenhum homem o é. Tinha, por exemplo, o hábito desagradável de mandar para os jornais a notícia de algum benefício que praticava. Era defeito? Sim. Mas ele desculpava-se dizendo que as boas ações eram contagiosas quando públicas — e essa desculpa tem, de facto, algum peso.

Creio mesmo (e nisto faço o seu maior elogio) que ele só praticava certos benefícios, de vez em quando, com o único fim de estimular a filantropia dos outros. E, se esse era o intuito, a publicidade tornava-se condição sine qua non.

Em suma: podia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

CAPÍTULO CXXIV

Vá de intermédio

O que há entre a vida e a morte? Uma ponte curta.

Ainda assim, se eu não escrevesse este capítulo de transição, o leitor levaria um choque demasiado brusco — prejudicial ao efeito do livro. Saltar de um retrato para um epitáfio pode ser real e comum, mas o leitor não vem refugiar-se num livro senão para escapar da vida.

Não digo que este pensamento seja meu; apenas digo que tem uma dose de verdade — e a forma é pitoresca. E repito: não é meu.

Vá, portanto, um capítulo intermédio, e aqui vai uma pequena anedota.

Foi no tempo da minha vida parlamentar. Éramos cinco, conversávamos de coisas e loisas, e aconteceu falarmos dos assuntos do Rio da Prata.

Um disse: — *O governo não deve esquecer que o dinheiro é o nervo da guerra.*

Ao que eu respondi que não, que o nervo da guerra eram os bons soldados.

Um dos ouvintes coçou o nariz; outro consultou o relógio; o terceiro tamborilou no joelho; o quarto deu umas pernadas pela sala; o quinto era eu.

Mas, continuando, expliquei que a ideia, inteiramente justa, não era minha, mas sim de Maquiavel.

De súbito: o que coçava o nariz parou; o que consultava o relógio suspendeu o gesto; o que tamborilava imobilizou-se; o que dava pernadas ficou quieto; e todos me rodearam pedindo que repetisse a frase.

Repeti. E eles extasiaram-se, abanando a cabeça com aprovação e decorando a máxima.

Fiquei satisfeito: sempre fui amador de ideias justas.

Mas vamos ao epitáfio.

CAPÍTULO CXXV

Epitáfio

AQUI JAZ
D. EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO
MORTA
AOS DEZANOVE ANOS
ORAI POR ELA

CAPÍTULO CXXVI

Desconsolação

O epitáfio diz tudo. Dispensa que vos conte a doença de Nhã-loló, a morte, o desespero da família, o enterro.

Saibam apenas que morreu — vitimada pela primeira vaga de febre amarela.

Acompanhei-a até ao último jazigo e despedi-me dela triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse verdadeiramente.

Vejam a que excessos pode levar uma distração: irritou-me, por um instante, a cegueira da epidemia que, matando à direita e à esquerda, levou também uma jovem dama destinada a ser minha mulher. Não entendi a necessidade da epidemia, e menos ainda a daquela morte. Pareceu-me mais absurda que todas as outras.

Mas o Quincas Borba explicou-me que as epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosas para certos indivíduos; e fez notar que, por mais horrendo que fosse o espetáculo, havia uma vantagem: a sobrevivência do maior número.

Chegou a perguntar-me se, em meio ao luto geral, eu não sentia um secreto encanto por ter escapado às garras

da peste. A pergunta era tão insensata que ficou sem resposta.

Se não contei a morte, tampouco conto a missa do sétimo dia. A tristeza do Damasceno era profunda: o pobre homem parecia uma ruína. Quinze dias depois, encontrei-o; continuava inconsolável, dizendo que o grande castigo de Deus fora agravado pelo castigo dos homens.

Três semanas depois, voltou ao assunto — e confessou-me que, em meio à desgraça irreparável, desejara a consolação da presença dos amigos. Apenas doze pessoas, três das quais amigos do Cotrim, acompanharam o caixão da filha. E ele enviara oitenta convites.

Ponderei que as perdas eram tantas que se podia desculpar tal ausência.

O Damasceno abanava a cabeça, incrédulo e triste.

— Qual! — gemia ele. — Desampararam-me.

O Cotrim, presente, respondeu:

— Vieram os que realmente se interessam por si e por nós. Os oitenta viriam por formalidade — falariam da inércia do governo, das panaceias dos boticários, do preço das casas ou uns dos outros...

O Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça e suspirou:

— Mas viessem!

CAPÍTULO CXXVII

Formalidade

Grande coisa é receber da natureza uma partícula de sabedoria: o dom de achar relações entre coisas, a faculdade de as comparar e o talento de concluir!

Tive essa distinção psíquica — e agradeço-a ainda hoje do fundo do meu sepulcro.

O homem vulgar, ouvindo a última frase do Damasceno, esquecê-la-ia logo. Eu não. E lembrei-a, tempos depois, ao olhar para uma gravura de seis damas turcas — modernas — em trajes de rua, com o rosto coberto, não com um pano espesso, mas com um véu finíssimo que fingia tapar a cara e, na verdade, a revelava inteira.

Achei graça à esperteza da vaidade muçulmana: cumpre o uso — mas não oculta nada.

À primeira vista, nada há entre as damas turcas e o Damasceno. Mas, se és um espírito profundo e penetrante (e duvido que me negues esse crédito), compreenderás que, em ambos os casos, surge ali a orelha de uma companheira rígida e meiga do homem social:

A Formalidade.

Amável Formalidade, tu és o bordão da vida, o bálsamo dos corações, a medianeira entre os homens, o elo da terra com o céu; tu enxugas as lágrimas de um pai, tu captas a indulgência de um profeta; e, se a dor adormece e a consciência se acomoda, a quem, senão a ti, se deve esse benefício imenso?

A estima que passa de chapéu na cabeça não diz nada à alma; mas a indiferença que saúda deixa uma impressão suave.

Ao contrário da velha frase absurda, não é a letra que mata: a letra dá vida. O espírito é que suscita controvérsia, dúvida, luta — e morte.

Vive tu, amável Formalidade, para sossego do Damasceno e glória de Maomé.

CAPÍTULO CXXVIII

Na câmara

E notem bem: vi a gravura turca dois anos depois das palavras do Damasceno — e vi-a na Câmara dos Deputados, em pleno barulho parlamentar, enquanto um deputado discutia um parecer da comissão do orçamento, e eu também era deputado.

Para quem leu este livro, é escusado explicar a minha satisfação; para os outros, igualmente inútil.

Era deputado — e vi a gravura turca, recostado na minha cadeira, entre um colega que contava uma anedota e outro que desenhava, a lápis, o perfil do orador, na parte de trás de uma sobrecarta.

O orador era o Lobo Neves.

A onda da vida trouxera-nos à mesma praia, como duas garrafas de naufragos: ele contendo o seu ressentimento, eu devendo conter o meu remorso — e uso esta expressão condicional apenas para dizer que, na verdade, não continha nada.

A não ser a ambição de ser ministro.

CAPÍTULO CXXIX

Sem remorsos

Eu não tinha remorsos.

Se tivesse à mão os instrumentos necessários, incluiria aqui uma página de química — decompondo o remorso nos seus elementos mais simples, para descobrir por que razão Aquiles passeia o cadáver de Heitor em volta de Troia, e Lady Macbeth passeia a mancha de sangue na sala.

Mas não tenho instrumentos químicos — como também não tinha remorsos.

O que eu tinha era a vontade de ser ministro de Estado.

Ainda assim, para concluir o capítulo, direi que não queria ser nem Aquiles nem Lady Macbeth. E que, se tivesse de escolher, preferia ser Aquiles: sempre era uma glória literária e militar. Podem ouvir-se, no fim, as súplicas de Príamo — e ganha-se reputação.

Eu não ouvia as súplicas de Príamo. O que ouvia era o discurso do Lobo Neves — e não tinha remorsos.

CAPÍTULO CXXX

Para intercalar no cap. CXXIX

A primeira vez que pude falar com Virgília, depois da presidência, foi num baile de 1855. Trazia um soberbo vestido de gorgorão azul e ostentava os mesmos ombros magníficos de outros tempos. Já não tinham a frescura da juventude, mas conservavam uma formosura outonal, ainda mais realçada pela noite.

Falámos muito — e não aludimos a nada do passado.
Subentendia-se tudo.
Um dito vago, um olhar — e nada mais.

Pouco depois retirou-se; acompanhei-a com os olhos pela escadaria, e não sei por que fenómeno de ventriloquismo mental murmurei para comigo:

— Magnífica!

Este capítulo deve ser colocado entre a primeira e a segunda oração do capítulo CXXIX.

CAPÍTULO CXXXI

De uma calúnia

Mal acabara de murmurar aquilo — opinião simples, não remorso — senti que alguém me tocava no ombro.

Voltei-me: era um antigo colega, oficial de marinha, jovial, um pouco atrevido nas maneiras.

Sorriu com malícia:

— Seu maroto! Recordações do passado, hein?

— Viva o passado!

— Foste reintegrado no emprego, está visto.

— Anda daí, patife! — disse eu, ameaçando-o com o dedo.

Confesso que este diálogo era uma indiscrição — sobretudo a última resposta. E digo-o com gosto, porque as mulheres têm fama de indiscretas, e quero corrigir essa injustiça antes de terminar o livro.

Nos assuntos amorosos, encontrei muitos homens que sorriam ou negavam com frieza hipócrita — enquanto as parceiras, sinceras por ingenuidade ou convicção, jurariam pelos Evangelhos que tudo era calúnia.

A razão é esta: a mulher — excluindo certos casos excepcionais — entrega-se por amor. O homem — falo do homem da sociedade elegante — junta a vaidade ao sentimento.

Além disso, no amor ilícito, a mulher sente que trai um dever e, por isso, dissimula melhor. Já o homem, sentindo-se causa da infração e vencedor de outro homem, enche-se de um orgulho legítimo, passando rapidamente para a fatuidade dócil, que é o brilho suave do mérito.

Mas verdadeira ou não a explicação, deixo escrito para o uso dos séculos:

A indiscrição feminina é uma invenção masculina. Em amor, as mulheres são sepulcros.

Perdem-se muitas vezes não por falar — mas por se traírem em gestos, olhares, sobressaltos. E é por isso que uma grande dama, a rainha de Navarra, disse numa metáfora sábia:

“Não há cachorrinho tão bem adestrado que não acabe por ladrar.”

CAPÍTULO CXXXII

Que não é sério

Ao citar o dito da Rainha de Navarra, ocorre-me que, entre o nosso povo, quando alguém vê outra pessoa aborrecida ou amuada, costuma perguntar-lhe: “Então, quem matou os teus cachorrinhos?”

Como quem diz: “quem te levou os amores, as aventuras secretas, e tudo o mais?”

Mas este capítulo não é sério.

CAPÍTULO CXXXIII

O princípio de Helvétius

Tínhamos chegado ao ponto em que o oficial de marinha me arrancou involuntariamente a confissão dos meus amores com Virgília; e é aqui que corrijo — ou melhor, explico — o princípio de Helvétius.

O meu interesse imediato era calar. Confirmar a suspeita de um caso antigo seria provocar ressentimentos, talvez gerar escândalo e, no mínimo, ganhar fama de indiscreto. Era esse o interesse — e, seguindo o princípio de Helvétius de forma superficial, seria precisamente isso que eu deveria ter feito.

Mas já expliquei a razão da indiscrição masculina: antes do interesse prudente, existe outro, mais íntimo e imediato — o da vaidade.

O primeiro interesse é ponderado, supõe raciocínio; o segundo é espontâneo, instintivo, vem das entranhas; um produz efeitos remotos; o outro produz efeitos imediatos.

Conclusão: o princípio de Helvétius é verdadeiro no meu caso — mas não pelo interesse evidente e sim pelo interesse oculto.

CAPÍTULO CXXXIV

Cinquenta anos

Ainda não vos disse — mas digo agora — que, quando Virgília descia a escada e o oficial de marinha me tocava no ombro, eu tinha cinquenta anos.

Era, portanto, a minha vida que descia aquelas escadas — ou a melhor parte dela: uma parte cheia de prazeres, agitações, sobressaltos, e uma boa dose de dissimulação e duplicidade. Mas, ainda assim, a melhor — se falarmos a linguagem comum.

Se escolhermos uma linguagem mais elevada, direi que a melhor parte veio depois, como terei ocasião de explicar nas poucas páginas que faltam deste livro.

Cinquenta anos! Não precisava confessá-lo; já se começa a notar que o meu estilo não é tão veloz como nos primeiros capítulos.

Naquele momento, quando o diálogo com o oficial terminou, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala e lembrei-me de dançar uma polca, embriagar-me nas luzes, nas flores, nos cristais, nos olhos bonitos e no murmúrio das conversas. E não me arrependo: rejuvenesci.

Mas, meia hora depois, ao entrar no carro, às quatro da manhã, o que encontrei ali no fundo? Os meus cinquenta anos.

Teimosos, não estavam frios nem reumáticos — mas cochilavam a sua velha fadiga, desejosos de cama e repouso.

Então — e vejam o que pode a imaginação de um homem sonolento — pareceu-me ouvir, no tejadilho do carro, um morcego a dizer:

“Senhor Brás Cubas, a rejuvenescência ficou lá dentro: nas luzes, nas sedas... nos outros.”

CAPÍTULO CXXXV

Oblivion

Agora sinto que, se alguma dama chegou até aqui, fechará o livro e não lerá o resto. Para ela, terminou o interesse da minha vida — que era o amor.

Cinquenta anos! Não é ainda invalidez, mas já não é frescura.

Daqui a dez anos, entenderei perfeitamente o que um inglês dizia: a estranheza de não haver já ninguém vivo que se lembre dos nossos pais, e a maneira como nos encara o próprio ESQUECIMENTO.

Vão essas letras em versaletes: OBLIVION. E merece todas as honras: personagem desprezado, mas digno; conviva certo da última hora.

Sabe-o a dama que brilhou na aurora do reinado atual; e mais ainda a que exibiu graças sob o Ministério Paraná — essa sente já que outras lhe tomaram o lugar.

Se for digna de si mesma, não insistirá em reacender uma lembrança moribunda; não procurará nos olhos de hoje o mesmo brilho dos olhos de ontem.

Tempora mutantur.

E compreenderá que este turbilhão leva tudo consigo — folhas do mato, farrapos do caminho — sem exceção nem piedade.

Se tiver um pouco de filosofia, não invejará a que tomou o seu carro triunfal — lamentá-la-á apenas, porque também ela será apeada pelo mesmo estribeiro: OBLIVION.

O espetáculo serve de divertimento ao planeta Saturno, que anda muito aborrecido.

CAPÍTULO CXXXVI

Inutilidade

Mas, ou muito me engano, ou acabei de escrever um capítulo inútil.

CAPÍTULO CXXXVII

A barretina

Ou talvez não: ele resume as reflexões que fiz no dia seguinte a conversar com Quincas Borba, quando eu me sentia abatido e cheio de ideias sombrias.

Mas o filósofo, com a lucidez que tinha, exclamou:

— *Meu caro Brás Cubas, não te deixes vencer por esses vapores! Que diabo, é preciso ser homem! Ser forte! Lutar! Vencer! Brilhar! Influenciar! Dominar! Cincoenta anos é idade de ciência e de governo. Animo, Brás Cubas! Não seja pateta. Que tens tu com essa sucessão de ruínas ou de flores? Saboreia a vida. A pior filosofia é a do choramingas que se deita à beira do rio para lamentar o curso incessante das águas. O ofício delas é não parar. Adapta-te à lei e aproveita-a!*

Vê-se nas menores coisas o valor de um grande filósofo. As palavras de Quincas Borba sacudiram-me o torpor moral e mental.

Vamos lá: façamo-nos governo.

Acreditem, pósteros: até então eu nunca participara nos grandes debates. Cortejava a pasta com

cumprimentos, chás, comissões e votos — e a pasta nunca vinha. Era urgente apoderar-me da tribuna.

Comecei devagar.

Três dias depois, discutia-se o orçamento da Justiça. Aproveitei a ocasião para perguntar ao ministro se não seria útil diminuir a barretina da Guarda Nacional.

O tema não era grandioso, mas demonstrei que não desmerecia a atenção de um homem de Estado. Cite o general Filopémen, que substituiu os pequenos escudos do seu exército por outros maiores e reforçou as lanças — decisão que a História não julgou indigna das suas páginas.

As nossas barretinas pediam um corte profundo: além de feias, eram anti-higiénicas. Nas paradas ao sol, aquele calor excessivo podia ser fatal. Se Hipócrates recomendava manter a cabeça fresca, parecia cruel obrigar um cidadão, apenas por uniformidade, a arriscar a saúde e a vida — e, por consequência, o futuro da família.

A Guarda Nacional era o anteparo da liberdade; o cidadão, chamado a serviço gratuito e penoso, merecia um uniforme leve.

Concluí com esta imagem: O chorão, que inclina os galhos para a terra, é árvore de cemitério; a palmeira, ereta e firme, é árvore das praças e dos jardins.

O efeito foi variado. Quanto à forma, ao tom eloquente e às imagens literárias, unanimidade: brilhante. Mas a parte política — aí dividiu.

Alguns consideraram o discurso um desastre; outros diziam que eu já estava em oposição; chegaram até a insinuar uma moção de desconfiança.

Repeli a interpretação com energia: além de errada, era injusta, dado o meu claro apoio ao governo. Expliquei que a necessidade de reduzir a barretina não era urgente e podia esperar; e que, se fosse preciso, eu aceitava uma redução mínima.

Mesmo que a ideia não fosse adotada, bastava ter sido lançada.

Mas o Quincas Borba não fez restrições:

— *Não sou político*, disse-me ao jantar. *Não sei se estiveste bem ou mal. Mas fizeste um excelente discurso.*

E destacou-lhe as melhores imagens, os argumentos mais fortes, com aquela moderação elegante dos grandes filósofos. Depois tomou o assunto para si e atacou a barretina com tanta clareza e lógica que acabou por me convencer verdadeiramente do seu perigo.

CAPÍTULO CXXXVIII

A um Crítico

Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, quando disse que tinha cinquenta anos, acrescentei: *“Já se vai percebendo que o meu estilo não é tão rápido como nos primeiros dias.”* Talvez aches essa frase incompreensível, sabendo em que estado me encontro agora; mas chama a tua atenção para a subtileza daquele pensamento.

O que eu queria dizer não era que estivesse agora mais velho do que quando comecei o livro — a morte não envelhece. Queria dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida revivo a sensação correspondente.

Valha-me Deus! É preciso explicar tudo.

CAPÍTULO CXXXIX

De como não fui ministro de Estado

O original traz apenas reticências neste capítulo, como o próprio Machado fez. Mantém-se o silêncio eloquente.

...

...

...

...

CAPÍTULO CXL

Que explica o anterior

Há coisas que se dizem melhor calando — tal era o assunto do capítulo anterior. Só os ambiciosos malogrados o entenderão.

Se a paixão pelo poder é, como dizem, a mais forte de todas, imaginem o desespero, a dor, o abatimento do dia em que perdi a cadeira de deputado. Iam-se todas as minhas esperanças; acabava a carreira política.

E reparem: Quincas Borba, aplicando uma das suas doutrinas filosóficas, concluiu que a minha ambição não era paixão verdadeira pelo poder, mas um capricho — um desejo de divertimento. Segundo ele, este sentimento, por não ser profundo, atormenta ainda mais: situa-se nas mesmas esferas onde vivem as ilusões femininas com rendas e toucados.

Um Cromwel ou um Bonaparte — acrescentava — chegavam ao fim inevitável, pela direita ou pela esquerda, porque os consumia a paixão autêntica do poder.

Eu não. A minha não tinha a mesma força; por isso não

tinha a mesma certeza do desfecho. Daí mais aflição, mais desânimo, mais tristeza.

— *Segundo o Humanitismo...* — começou ele.

— *Vai para o diabo com o teu Humanitismo!* — interrompi-o. — *Estou farto de filosofias que não me servem para nada!*

Interromper assim um filósofo daquele calibre era quase um sacrilégio. Mas ele próprio desculpou a irritação. Trouxeram-nos café; era uma da tarde; estávamos na minha sala de estudo — bela sala, aberta para o quintal, bons livros, objetos de arte, e um Voltaire em bronze que, naquela hora, parecia acentuar o sorriso sarcástico com que me fitava.

Tudo naquela sala — as cadeiras excelentes, o sol forte, o vento fresco, o céu azul e os pássaros a cantar — tinha o ar de conspiração silenciosa contra mim. E eu, sentado ali, não conseguia deixar de pensar na outra cadeira — aquela que já não era minha.

CAPÍTULO CXLI

Os cães

— Mas afinal, que pretendes fazer agora? — perguntou Quincas Borba, pousando a chávena no parapeito.

— Não sei. Vou meter-me na Tijuca... fugir das pessoas. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos — e não sou nada.

— Nada?! — exclamou ele, indignado.

Para me distrair, propôs que fôssemos dar um passeio. Fomos para o Engenho Velho, a pé, filosofando sobre tudo.

Nunca esquecerei o benefício daquele passeio — restituiu-me a calma e a força. A palavra daquele homem era um tónico intelectual.

Disse-me que eu não podia fugir do combate; se me fechavam a tribuna, que abrisse um jornal. Chegou até a usar uma expressão mais chã, mostrando que até a filosofia precisava, às vezes, de descer ao calão.

— *Funda um jornal*, — disse-me — *e desmancha essa camarilha toda.*

— Magnífica ideia! Vou fundar um jornal, vou destruí-los, vou...

— Lutar — corrigiu ele. — Podes destruí-los ou não; o essencial é lutar. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

Pouco depois, deparámos com uma briga de cães. À vista comum, nada de especial. Mas Quincas Borba obrigou-me a parar e observar.

Dois cães... e um osso.

Um mero osso nu — sem carne.

Lutavam como gladiadores: mordidas, rosnados, olhos em fogo.

O filósofo ficou extasiado, como diante de uma peça sublime:

— Que belo! Que belo!

Só quando a luta cessou e o cão vencido foi procurar fome noutro lugar é que ele retomou a caminhada — quase alegre, apesar de conter o entusiasmo.

E então explicou, com brilho, que aquele espetáculo simples continha todo o drama humano. E que, noutros lugares do mundo, a luta era ainda mais feroz: homens disputam com cães os ossos e sobras da vida.

CAPÍTULO CXLII

O pedido secreto

Quanta coisa num minuete! — dizia um. Eu digo: quanta coisa numa briga de cães!

Mas eu não era discípulo servil. Disse-lhe, andando, que tinha uma dúvida: não via grande mérito em disputar comida a cães.

Ele respondeu com delicadeza rara:

— Disputá-la aos homens é mais lógico — a condição é igual, e vence o mais forte. Mas por que não seria igualmente grandioso disputar aos cães? Voluntariamente come-se gafanhotos, como o Precursor, ou coisas piores, como Ezequiel. O que é ruim, é comível. A questão é: compete mais ao homem comer por necessidade natural... ou por capricho religioso?

Chegávamos então à minha porta. Entregaram-me uma carta “de uma senhora”.

Entrámos. E Quincas Borba, discretamente, foi examinar lombadas enquanto eu lia o bilhete de Virgília:

“Meu bom amigo, D. Plácida está muito mal. Peço-lhe que faça alguma coisa por ela; mora no beco das

Escadinhas. Veja se consegue metê-la na Misericórdia. Sua amiga sincera, V.”

A letra não era a dela — era grossa, irregular; a assinatura, um rabisco: impossível provar que lhe pertencia.

Fiquei perturbado. Pobre D. Plácida! Mas eu deixara-lhe cinco contos de réis... E não conseguia imaginar como podia estar assim.

— Vais compreender — disse Quincas Borba, puxando um livro da estante.

Mostrou-me Pascal. E leu:

“O homem tem uma grande vantagem sobre o universo: sabe que morre.”

E comentou:

— Belíssimo! Mas melhor ainda é isto: o homem sabe que tem fome. A consciência da morte dura um instante; a fome, essa, repete-se. É mais profunda — sem que seja injusto com Pascal, grande homem.

CAPÍTULO CXLIII

Não vou

Enquanto ele devolvia o livro, reli eu o bilhete.

Ao jantar, vendo-me calado, a mastigar sem engolir, olhando para o canto da sala, para a ponta da mesa, para qualquer coisa que não fosse ele, Quincas Borba perguntou:

— Tens alguma coisa. Aposto que é o bilhete?

— É.

Sentia-me aborrecido e incomodado com o pedido de Virgília. Eu dera a D. Plácida cinco contos! Duvido que alguém tivesse sido tão generoso. E o que fizera ela do dinheiro? Naturalmente gastara-o, comera-o, perdera-o — quem sabe?

E agora eu que a levasse à Misericórdia?

Além disso, não me lembrava do tal Beco das Escadinhas. Pelo nome, devia ser um lugar escuro, estreito, desagradável. Ter de lá ir, chamar vizinhos, bater portas...

Que massada.

— Não vou.

CAPÍTULO CXLIV

Utilidade relativa

Mas a noite — boa conselheira — lembrou-me que a cortesia manda obedecer a um pedido da antiga dama.

— Letras vencidas pagam-se — disse eu, levantando-me.

Depois do almoço fui à casa de D. Plácida. Encontrei um monte de ossos envoltos em trapos, estendido num catre velho e nauseabundo. Dei-lhe algum dinheiro.

No dia seguinte mandei transportá-la para a Misericórdia — onde morreu uma semana depois. Minto: amanheceu morta. Saiu da vida às escondidas, tal como entrara.

E eu perguntei-me, como no capítulo LXXV, se era para isto que o sacristão e a doceira a tinham trazido ao mundo. Mas logo notei que, sem ela, os meus amores com Virgília teriam sido interrompidos ou destruídos.

Logo: a vida de D. Plácida teve utilidade relativa.

E o que há de absoluto neste mundo?

CAPÍTULO CXLV

Simples repetição

Quanto aos cinco contos...

Não vale a pena contar que um canteiro se fingiu apaixonado por D. Plácida, despertou-lhe a vaidade, casou com ela, e poucos meses depois inventou um negócio, vendeu-lhe as apólices e fugiu com o dinheiro.

Não vale a pena.

É o caso dos cães do Quincas Borba: simples repetição de um capítulo.

CAPÍTULO CXLVI

O programa

Era urgente fundar o jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo; apenas, como Quincas Borba ainda não publicara o seu livro (que aperfeiçoava ano após ano), combinámos não fazer nele qualquer referência. Ele exigiu apenas uma declaração, autógrafa e reservada, afirmando que alguns dos princípios aplicados à política eram retirados do seu manuscrito inédito.

Era a fina flor dos programas: prometia curar a sociedade, destruir abusos, defender os sãos princípios de liberdade e conservação; apelava ao comércio e à lavoura; citava Guizot e Ledru-Rolin; e terminava com esta ameaça — que Quincas Borba achou mesquinha e local:

“A nova doutrina que professamos há de inevitavelmente derrubar o atual ministério.”

Confesso que, nas circunstâncias políticas da ocasião, o programa me pareceu uma obra-prima. E quanto à ameaça final, que o Quincas Borba julgava

pequena, demonstrei-lhe que estava impregnada do mais puro Humanitismo. Ele próprio acabou por concordar.

O Humanitismo, afinal, não excluía nada: para nós, as guerras de Napoleão e uma contenda de cabras eram sublimes na mesma medida — com a diferença de que os soldados de Napoleão sabiam que morriam, enquanto as cabras, aparentemente, não.

Eu não fazia mais do que aplicar às circunstâncias a nossa fórmula filosófica: Humanitas queria substituir Humanitas, para consolação de Humanitas.

— *Tu és o meu discípulo amado, o meu califa!* — bradou Quincas Borba, com ternura inédita. — *Posso dizer, como o grande Maomé: ainda que venham contra mim o sol e a lua, não recuarei das minhas ideias. Crê, meu caro Brás Cubas: esta é a verdade eterna, anterior aos mundos, posterior aos séculos.*

CAPÍTULO CXLVII

O desatino

Enviei logo à imprensa uma notícia discreta, declarando que provavelmente se iniciaria, dali a algumas semanas, a publicação de um jornal oposicionista, redigido pelo Dr. Brás Cubas. Quincas Borba, ao ouvir a notícia, pegou na pena e acrescentou ao meu nome, com uma fraternidade verdadeiramente humanística:

“um dos mais gloriosos membros da passada Câmara.”

No dia seguinte, entrou-me o Cotrim em casa. Vinha um pouco transtornado, embora disfarçasse com um ar de sossego e até de alegria. Tinha visto a notícia e achava que, como amigo e parente, devia dissuadir-me da ideia. Era um erro — um erro fatal.

Disse que eu me colocava numa situação delicadíssima, fechando-me as portas do Parlamento. O ministério parecia-lhe excelente (o que não precisava ser a minha opinião), mas certamente viveria muito; que eu ganharia em hostilizá-lo? Sabia que alguns ministros me eram afeiçoados; podia surgir uma vaga...

Interrompi-o e declarei que pensara muito no passo que ia dar e não recuaria um milímetro. Propus-lhe ler o programa; recusou, firme, dizendo que não queria ser cúmplice do meu desatino.

— *É um verdadeiro desatino!* — repetiu. — *Pense mais alguns dias e verá que é um desatino.*

Sabina disse-me o mesmo, no teatro, nessa noite. Deixou a filha no camarote e levou-me ao corredor.

— *Mano Brás, o que é que você vai fazer?* — perguntou, aflita. — *Que ideia é essa de provocar o governo, sem necessidade, quando podia...?*

Expliquei que não me convinha mendigar uma cadeira; que a minha intenção era derrubar o ministério por não me parecer adequado à situação — nem ao princípio filosófico. Assegurei-lhe que a minha linguagem seria sempre cortês, embora enérgica. Violência não era do meu gosto.

Sabina abanou a cabeça, golpeando o leque nos dedos; insistiu com súplicas e reprimendas alternadas. Eu disse-lhe que não, que não, que não. Ao fim, desenganada, atirou-me à cara que eu preferia conselhos de estranhos invejosos aos dela e do marido.

— *Pois faça o que quiser.* — concluiu, voltando ao camarote. — *Nós cumprimos a nossa obrigação.*

CAPÍTULO CXLVIII

O problema insolúvel

Publiquei o jornal.

Vinte e quatro horas depois, apareceu noutros jornais uma declaração do Cotrim, dizendo, em resumo:

“Embora não militasse em nenhum dos partidos da pátria, achava conveniente deixar claro que não tinha influência nem parte direta ou indireta na folha do seu cunhado, o Dr. Brás Cubas, cujas ideias e procedimento político inteiramente reprovava. O atual ministério (como qualquer outro composto de iguais capacidades) parecia-lhe destinado a promover a felicidade pública.”

Li, esfreguei os olhos, reli. Não podia acreditar.

Se ele não pertencia a nenhum partido, o que lhe importava um facto tão vulgar como um novo jornal? Nem todos os que desaprovam um ministério publicam um desmentido solene.

A intervenção era misteriosa — e ainda mais, a agressão pessoal.

Até então, as nossas relações tinham sido boas, sem sombras desde a reconciliação. E eu lembrava-me de

favores que lhe fizera: como deputado, conseguira para ele determinados fornecimentos lucrativos; ele próprio me dissera, semanas antes, que dali a três anos lucraria duzentos contos com esse contrato.

E, apesar de tudo, veio a público humilhar o cunhado!

O motivo devia ser muito poderoso. Confesso: era um problema insolúvel...

CAPÍTULO CXLIX

Teoria do benefício

Tão insolúvel que nem Quincas Borba, depois de o estudar longamente e com boa vontade, chegou a conclusão alguma.

— *Ora adeus!* — disse ele. — *Nem todos os problemas valem cinco minutos de atenção.*

Quanto à acusação de ingratidão, rejeitou-a por completo — não por improvável, mas por absurda, segundo a filosofia humanística:

— *Não me podes negar um facto,* — disse ele — *o prazer do benfeitor é sempre maior que o do beneficiado.*

E explicou:

O benefício consiste em suprimir uma privação. Eliminada esta, o estado emocional regressa à indiferença. Se afrouxas o cós das calças, alivias por um instante — mas logo esqueces o gesto.

Assim, é natural que o beneficiado esqueça.

A esperança de novos favores é que mantém a lembrança viva; mas essa lembrança não é gratidão — é apenas memória da privação passada.

Quando, por acaso, alguém guarda a lembrança de um benefício e com ela certa afeição — isso é uma aberração, sem valor para um filósofo.

— *Mas,* — repliquei — *se não há razão para o beneficiado lembrar, menos razão há para o benfeitor memorizar.*

— *Não se explica o que é evidente,* — disse ele. — *A persistência do benefício na memória do benfeitor deriva do próprio ato.*

Primeiro, o sentimento da boa ação. Segundo, a consciência da própria superioridade — legítimo prazer.

Erasmus, no Elogio da Loucura, fala de dois burros que se coçam mutuamente. Pois eu acrescento: se um coça melhor, terá nos olhos um brilho especial. O mesmo vale para a mulher bonita diante do espelho; e para a consciência, quando se sente bela — ou quando se vê hedionda (o remorso).

— *Não esqueças que tudo é irradiação de Humanitas.* — concluiu. — *O benefício é, por isso mesmo, admirável.*

CAPÍTULO CL

Rotação e translação

Cada empresa, cada afeto, cada idade encerra um ciclo completo de vida humana.

O primeiro número do meu jornal deu-me uma aurora vasta: revestiu-me de esperança e restituiu-me a mocidade. Seis meses depois, chegou a hora da velhice; duas semanas depois, a da morte — morte clandestina, como a de D. Plácida.

Quando o jornal amanheceu morto, respirei como quem regressa de uma longa viagem.

Assim, se disser que a vida humana alimenta de si mesma outras vidas efêmeras, como o corpo nutre os seus parasitas, não digo disparate. Mas prefiro uma imagem astronómica:

O homem executa, em torno do grande mistério, um movimento duplo: rotação e translação. Tem os seus dias — desiguais como os de Júpiter — e com eles compõe o seu ano.

No momento em que eu concluía a minha rotação, Lobo Neves concluía a sua translação: morreu com o pé na escada ministerial.

Durante semanas correu o boato de que seria ministro. E, se esse boato me irritou e me fez inveja, talvez a notícia da sua morte me trouxesse algum alívio, alguma tranquilidade... e até — confesso — um ou dois minutos de prazer.

Prazer é forte; mas é verdadeiro. Juro-o aos séculos.

Fui ao enterro. Na sala, encontrei Virgília a soluçar. Quando levantou a cabeça, vi que chorava sinceramente. Ao sair o féretro, abraçou-se ao caixão; arrancaram-na.

As lágrimas eram verdadeiras.

Eu, porém, fui ao cemitério calado, com uma pedra
na garganta.
Quando a pá deixou cair cal sobre o caixão, no fundo da
cova, estremeci.
A tarde tinha o peso do chumbo; o cemitério, as roupas
negras...

CAPÍTULO CLI

Filosofia dos epitáfios

Afastei-me dos grupos, fingindo ler epitáfios.

E gosto deles. São, entre gente civilizada, expressão de um secreto egoísmo: arrancar à morte um farrapo da sombra que passou.

Daí talvez a tristeza dos que levam os seus mortos à vala comum.
Parece-lhes que a podridão anónima os atinge também a eles.

CAPÍTULO CLII

A moeda de Vespasiano

Tinham ido todos; só o meu carro me esperava.

Acendi um charuto e afastei-me do cemitério. Não conseguia afastar dos olhos a cerimónia, nem dos ouvidos os soluços de Virgília. Aqueles soluços tinham o som vago e misterioso de um enigma.

Virgília traíra o marido — com sinceridade. E chorava-o — com sinceridade.

Difícil combinação, que não pude resolver durante todo o caminho. Mas, ao entrar em casa, ocorreu-me que talvez fosse possível — até fácil.

Meiga Natureza! A dor é como a moeda de Vespasiano — não cheira à origem: tanto vale pelo mal quanto pelo bem.

A moral talvez censure a minha cúmplice; mas que importa? A Natureza recebeu-lhe pontualmente as lágrimas.

Meiga, três vezes meiga Natureza!

CAPÍTULO CLIII

O alienista

Começo a ficar patético; prefiro dormir.

Dormi, e sonhei que era nababo. Acordei com a ideia de o ser. Tenho esse gosto de imaginar contrastes de condição. Há dias pensara na hipótese de uma revolução que fizesse do arcebispo de Cantuária um simples cobrador em Petrópolis; e calculei se um eliminaria o outro, ou se se confundiriam, e quanto de arcebispo cabe num cobrador, ou vice-versa.

Questões aparentemente insolúveis, mas perfeitamente resolúveis, desde que se admita a existência de dois arcebispos num só: o da bula e o outro.

Pois bem: vou ser nababo.

Brinquei com isso, mas disse-o ao Quincas Borba, que olhou para mim com a prudência e a pena de um médico examinando um doente.

E, com bondade, comunicou-me que eu estava louco.

Ri-me primeiro; mas a convicção dele inquietou-me. Todo louco julga-se são.

No dia seguinte, enviou-me um alienista.

Conhecia-o. Fiquei aterrado. Mas ele tratou-me com tanta delicadeza que me senti confortável. No fim, até perguntei se me achava realmente louco.

— *Não*, — disse ele, sorrindo — *raros homens têm tanto juízo como o senhor.*

— *Então o Quincas Borba enganou-se?*

— *Redondamente.* E acrescentou: — *Ao contrário, se é seu amigo... distraia-o. Evite-lhe ideias fixas...*

— *Meu Deus! Um filósofo daqueles!*

Mas a loucura entra em todas as casas. A aflição tomou-me
conta.
O médico, talvez com pena de mim, suavizou a advertência: disse que podia ser apenas uma excentricidade; e que um grãozinho de loucura, longe de prejudicar, dava certo sabor à vida.

Eu indignava-me — e ele então disse-me algo tão extraordinário que mereceu mais um capítulo.

CAPÍTULO CLIV

Os navios do Pireu

— *Recorda-se,* — disse o alienista — *daquele maníaco ateniense que julgava serem seus todos os navios que entravam no Pireu?*

Era um pobre-diabo sem sequer uma cuba onde dormir. Mas aquela posse imaginária valia-lhe todas as riquezas da Hélade.

Pois bem, há em todos nós um maníaco de Atenas. Quem jurar nunca ter possuído mentalmente dois ou três navios — mesmo imaginários — jura falso.

— *Também o senhor?* — perguntei.

— *Também eu.*

— *E eu?*

— *O senhor também. E até o seu criado; se é seu criado aquele que agora sacode os tapetes na janela.*

Voltámo-nos. Era mesmo ele. O alienista fez notar: janelas escancaradas, cortinas levantadas, sala exposta ao mundo — tudo para mostrar a sua “propriedade”.

— *O seu criado tem a mania do ateniense:* — disse o médico. — *Julga que os navios são dele. E essa ilusão dá-lhe uma hora de felicidade — a maior da terra.*

CAPÍTULO CLV

Reflexão cordial

“Se o alienista tem razão,” pensei, “então Quincas Borba não está tão mal — um louco mais ou menos...”

Mas ainda assim era justo cuidar dele. E impedir que outros delírios lhe entrassem na cabeça.

CAPÍTULO CLVI

Orgulho tem servilidade

Quincas Borba discordou do alienista:

— *Pode-se, por metáfora, atribuir a mania ateniense ao teu criado; mas metáforas não são observações naturais.*

O que ele tinha, segundo Quincas, era o orgulho da servilidade — sentimento nobre e rigorosamente conforme ao Humanitismo:

— *A intenção dele é mostrar que não é criado de qualquer um.*

E chamou a atenção para:

- os cocheiros das casas ricas, mais imponentes que os patrões;
- os criados de hotel, cuja reverência varia conforme a importância da clientela.

Tudo isso revelava, dizia ele, a sublime vaidade dos subalternos —

prova de que, muitas vezes, até a engraxar botas, o homem consegue ser magnífico.

CAPÍTULO CLVII

Fase brilhante

— Sublime és tu! — bradei, lançando-lhe os braços ao pescoço.

De facto, era impossível crer que um homem tão profundo pudesse chegar à demência; e foi o que lhe disse depois do abraço, revelando-lhe a suspeita do alienista. Não posso descrever a impressão que isso lhe causou; lembro-me de que estremeceu e ficou muito pálido.

Foi por esse tempo que me reconciliei novamente com o Cotrim — sem chegar a saber a causa do desentendimento anterior. A reconciliação foi oportuna: a solidão pesava-me como um remorso, e a vida era para mim a pior das fadigas — a fadiga sem trabalho.

Pouco depois, convidou-me a filiar-me numa Ordem Terceira — e aceitei, não sem antes consultar Quincas Borba:

— Vai se quiseses — disse ele — mas só temporariamente. Trato de acrescentar à minha filosofia uma parte dogmática e litúrgica. O Humanitismo há de ser também uma religião — a religião do futuro, a única

verdadeira. O cristianismo serve para mulheres e mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: andam todas na mesma vulgaridade ou fraqueza. O paraíso cristão é rival digno do paraíso muçulmano; quanto ao nirvana de Buda, não passa de invenção de paralíticos. Verás o que é a religião humanística. A absorção final, a fase contráctil, é a recomposição da substância — não o seu aniquilamento. Vai onde te chamam; mas não te esqueças de que és o meu califa.

E vede como sou modesto: filiei-me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos — e foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Contudo, calo-me: não menciono os serviços que fiz aos pobres e enfermos, nem as recompensas que recebi. Nada digo.

Talvez a economia social ganhasse alguma coisa se eu mostrasse como qualquer prémio externo vale pouco ao lado do prémio interior e imediato; mas seria quebrar o silêncio que jurei guardar neste ponto. Além disso, os fenómenos da consciência são difíceis de analisar; contar um implicaria contar todos, e acabaria por escrever um capítulo de psicologia.

Afirmo apenas que foi a fase mais brilhante da minha existência. Os quadros eram tristes — tinham a monotonia da desgraça, tão aborrecida como a dos prazeres, talvez mais. Mas a alegria que se dá à alma dos pobres e dos doentes é recompensa de valor. E não me digam que é negativa, por só a receber o obsequiado. Não: eu também a recebia — de modo reflexo, mas

grande, tão grande que me deixava com excelente opinião de mim próprio.

CAPÍTULO CLVIII

Dois encontros

Ao fim de três ou quatro anos, cansado do ofício, deixei-o — não sem um donativo avultado, que me garantiu lugar na sacristia, sob a forma de retrato.

Mas não acabarei o capítulo sem dizer que, no hospital da Ordem, assisti à morte de... adivinhem... da linda Marcela; e vi-a morrer no mesmo dia em que, visitando um cortiço para distribuir esmolas, encontrei — sim, agora é que não adivinham — Eugénia, a flor da moita, filha de D. Eusébia e do Vilaça, tão coxa como a deixara, e ainda mais triste.

Ao reconhecer-me, Eugénia ficou pálida e baixou os olhos; mas foi instante breve. Logo ergueu a cabeça e fitou-me com muita dignidade. Percebi que não aceitaria esmolas da minha algibeira — estendi-lhe a mão como faria à esposa de um capitalista. Ela retribuiu a cortesia e recolheu-se ao cubículo.

Nunca mais a vi. Não soube o que foi feito dela — se a mãe vivia, se algum desastre a levava àquela miséria. Só sei que continuava coxa e triste.

Fiquei com essa impressão profunda quando cheguei ao hospital, onde Marcela entrara na véspera e onde a vi expirar meia hora depois — feia, magra, decrepita...

CAPÍTULO CLIX

A semi-demência

Compreendi que estava velho e precisava de força; mas Quincas Borba partira havia seis meses para Minas e levava consigo a melhor das filosofias.

Voltou quatro meses depois — entrou-me em casa certa manhã, quase no mesmo estado em que o vira no Passeio Público. A diferença estava no olhar. Vinha demente.

Contou-me que, para aperfeiçoar o Humanitismo, queimara todo o manuscrito e ia recomeçá-lo. A parte dogmática ficava pronta — embora não escrita. Era a verdadeira religião do futuro.

— Juras por Humanitas? — perguntou-me.

— Sabes que sim — respondi.

A voz mal me saía da garganta; e eu ainda não percebera toda a cruel verdade: Quincas Borba não só enlouquecera, como sabia que enlouquecera — e esse resto de consciência, como lamparina fraca entre trevas, tornava a situação mais horrenda.

Ele sabia — e não se revoltava. Pelo contrário, dizia que era ainda uma prova de Humanitas, que assim brincava consigo mesmo.

Recitava-me longos capítulos, antífonas, litânias espirituais; reproduzia até uma dança sacra criada para o culto humanístico. A graça fúnebre com que erguia e sacudia as pernas era singular e fantástica.

Outras vezes, encolhia-se num canto, olhando fixamente o vazio — olhos onde, de longe em longe, fulgia um raio de razão, triste como lágrima.

Morreu pouco depois — em minha casa — jurando sempre que a dor era ilusão e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tão tolo como Voltaire supôs.

CAPÍTULO CLX

Das negativas

Entre a morte de Quincas Borba e a minha, deram-se os sucessos narrados na primeira parte desta obra. O principal foi a invenção do meu emplasto Brás Cubas, que morreu comigo quando apanhei a moléstia fatal.

Divino emplasto, que me darias o primeiro lugar entre os homens — acima da ciência e da riqueza — porque eras inspiração direta do Céu. O acaso decretou outra coisa; e eis-vos eternamente hipocondríacos.

Este capítulo final é todo de negativas.

Não obtive a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento.

É verdade que, ao lado dessas faltas, tive a boa fortuna de não trabalhar para viver — não comprei o pão com o suor do rosto. Mais: não sofri a morte de D. Plácida, nem a semi-demência de Quincas Borba.

Somando umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginaria que saí quite com a vida. E imaginaria mal.

Porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo — a última das negativas deste capítulo de negativas:

Não tive filhos; não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

FIM